



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha única no
Ensino Superior**

Maria Jorge Courelas Amiguiño da Silva Freire

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2021



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha única no
Ensino Superior**

Maria Jorge Courelas Amiguiño da Silva Freire

Orientador(es) | Heldemerina Samutelela Pires

Évora 2021



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Constança Biscaia (Universidade de Évora)

Vogais | António Moreira Diniz (Universidade de Évora) (Arguente)
Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Agora que o meu percurso académico chega ao fim é difícil não refletir sobre os 5 anos de trabalho que culminaram na realização desta investigação. Coincidindo com a temática da investigação, posso dizer que a rapariga que entrou na Universidade é muito diferente da que agora termina esta etapa académica. Foram aprendizagens, vivências, memórias, pessoas, lágrimas e sorrisos que me mudaram e contribuíram para o meu crescimento. Deixo Évora alguém mais perto de estar completa e com uma enorme paixão pela Psicologia.

Particularmente, quero agradecer...

À Prof.^a Doutora Heldemerina Pires, minha orientadora e companheira de viagem, pelo contributo fundamental que deu a este estudo com os seus conhecimentos, tempo e dedicação. Obrigada também pelas palavras honestas e de incentivo, que muitas vezes sossegaram as dúvidas e inseguranças que surgiram pelo caminho.

A todos os participantes do meu estudo, que me receberam no seio das suas famílias, partilhando comigo medos, alegrias, tristezas e parte da sua história. Cabe-me também agradecer à colega Micaela Dias pela ajuda, disponibilidade e paciência neste processo.

Aos meus pais vai o agradecimento mais especial, já que eles sempre me deram tudo o que necessitei e foram a minha maior fonte de apoio durante toda a minha vida. Posso dizer que tenho muita sorte em vos ter!

Finalmente, de todos os amigos e pessoas que dão mais cor à minha existência importa mencionar duas pessoas muito especiais – que influenciaram este trabalho mais do que imaginam. À Bárbara por ser a minha pessoa e confidente, com quem posso rir e chorar. Obrigada pelos conselhos, ajuda e amizade que nunca faltaram e sei que nunca faltarão! Ao João pelas muitas sessões onde ambos escrevíamos as nossas dissertações e trocávamos não só opiniões e ideias, como preocupações e sonhos para o futuro. Também por me mostrar o lado mais descontraído e leve da vida vai um obrigado!

A todos fica o meu Muito Obrigada!

Dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha única no Ensino Superior

Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender as dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha única na Universidade. Participaram neste estudo 15 sujeitos, 5 dos quais são estudantes do sexo feminino do 2º ano da Universidade de Évora e os respetivos progenitores. Os dados foram recolhidos através de entrevistas semiestruturadas e analisados com recurso à análise de conteúdo. Os resultados revelaram que existem mudanças nas rotinas, organização da casa, atividades da família e na relação estabelecida entre progenitores e filhas após a entrada na Universidade de uma filha única. Acresce que progenitores cujas filhas se encontram deslocadas da sua residência relatam alterações mais substanciais. A nível das dificuldades relatadas, estas são maioritariamente de cariz emocional, sendo que as mães relatam mais preocupações quando comparadas com os pais. Não obstante, os progenitores participantes mostraram-se satisfeitos com a decisão da jovem prosseguir estudos.

Palavras-chave: Dinâmicas familiares; Ingresso no Ensino Superior; Adaptação da família; Relações parentais; Autonomia

Family dynamics upon an only daughter's higher education enrollment

Abstract

The present study aims to comprehend the family dynamics after an only daughter's enrollment in University. In this study participated 15 subjects, 5 of which were female students from the 2nd year of the University of Évora, and their parents. Data was collected through semi-structured interviews assessed through content analysis. The results revealed that there are changes in the routines, household management and family's activities and in the relationship between parents and daughters after their enrollment in University. Furthermore, parents whose daughters were placed away from their home report substantial changes when compared with parents whose daughters remained living in their household. In terms of reported difficulties, these are mostly emotional, with mothers reporting more concerns when compared to fathers. However, the parents who participated in the study support their daughter's decision to continue to study.

Keywords: Family dynamics; University enrollment; Family's adaptation; Parent-child relationship; Autonomy

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	ii
1. Introdução e Enquadramento Teórico	1
1.1. Introdução	1
1.2. O Ensino Superior.....	3
1.3. A Família na Transição para o Ensino Superior	6
2. Método	16
2.1. Objetivos.....	16
2.2. Participantes.....	17
2.3. Instrumentos.....	18
2.4. Procedimentos de recolha e tratamento de dados	19
3. Apresentação dos Resultados	22
4. Discussão.....	31
Referências Bibliográficas.....	44
Anexos.....	58
Anexo A – Bibliografia Utilizada na Construção do Guião de Entrevista	58
Anexo B – Guião de Entrevista às Estudantes.....	61
Anexo C - Guião de Entrevista a Mães e Pais	63
Anexo D - Consentimento Informado	65
Anexo E – Descrição dos Resultados	66
Anexo F – Perspetiva Global das Entrevistas	116

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica das Estudantes entrevistadas	17
Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos Pais/ Mães entrevistados/as	18
Tabela 3. Resultados Estudantes - Tema C:Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior	23
Tabela 4. Resultados Progenitores - Tema C:Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior	24
Tabela 5. Resultados Estudantes – Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior	25
Tabela 6. Resultados Estudantes – Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior	26
Tabela 7. Resultados Estudantes – Tema E: Interação entre a estudante e a família	28
Tabela 8. Resultados Estudantes – Tema E: Interação entre a estudante e a família ...	29

1. Introdução e Enquadramento Teórico

1.1. Introdução

Atualmente, ingressar na Universidade tornou-se num elemento fundamental na acumulação de capital humano e a base para um futuro de sucesso em muitos países ocidentais (Mulder & Clark, 2002). Muitos jovens com a ambição de frequentar um curso superior são forçados a morar fora da casa onde viviam com a sua família para frequentar uma instituição de Ensino Superior noutra cidade (Mulder & Clark, 2002). Mesmo nestas circunstâncias, o momento de sair de casa é, frequentemente, encarado como um momento de maioridade e de crescimento (Karp et al., 1998). O ingresso no Ensino Superior, bem como a obtenção de uma formação superior é visto como um evento positivo tanto pelos pais quanto pelos jovens adultos (Mulder & Clark, 2002). Apesar disto, os pais, tendencialmente, sentem-se profundamente ambivalentes em relação à saída dos filhos de casa (Karp et al., 1998).

Ao longo do seu ciclo de vida e, de acordo com a perspetiva sistémica, as famílias atravessam uma sequência previsível de estádios marcados por transições precipitadas pelas necessidades biológicas, sociais e psicológicas dos seus membros (Goldenberg & Goldenberg, 2013). As transições de vida, como a entrada para o Ensino Superior, podem, por um lado promover o desenvolvimento de novas aptidões cognitivas e interpessoais, assim como a abertura para valores e crenças pessoais, pelas oportunidades de exploração e de investimento que proporcionam (Silva & Ferreira, 2009). Por outro lado, estas mudanças podem dar lugar a crises, pois requerem alterações significativas dos papéis familiares, assim como reorganizações da família (Silva & Ferreira, 2009).

Não obstante, o processo de sair de casa para a Universidade, não é equivalente ao momento em que os filhos abandonam a casa de origem para começar a viver uma vida totalmente autónoma da dos seus pais. A mudança precipitada pela vontade de prosseguir com os estudos faz parte do complexo processo de formação de um cidadão independente, podendo ser encarada como o primeiro passo para essa vida completamente independente (Mulder & Clark, 2002). Ao invés, o que é vivenciado pelo estudante universitário é uma “semiautonomia”, que é intermediária entre viver com os pais e manter uma casa separada (Goldscheider & DaVanzo, 1989). Esta autonomia não é total, essencialmente pela falta de independência financeira dos jovens, constatando-se que a maioria dos estudantes universitários são financeiramente apoiados pelos seus pais, total

ou parcialmente (Arnett, 1997). Para além disto, esta separação pode não ser definitiva, já que muitos destes jovens acabam por regressar à casa dos pais (Mulder & Clark, 2002).

Os alunos deslocados, são confrontados com a necessidade de mobilizar recursos pessoais para lidar com a autogestão e autonomia pessoal (Almeida et al., 2003). Efetivamente a condição de os alunos estarem ou não deslocados é uma variável extremamente importante na questão da adaptação ao Ensino Superior. Nem todos os alunos que se encontram longe da sua família são capazes de manter a proximidade emocional, crucial para uma melhor adaptação à Universidade (Oliveira et al., 2010; Smith et al., 2012). Na realidade, o suporte social da família e/ou de outras figuras significativas - pares, a família e os professores - é crítico para os processos de integração e bem-estar do estudante (Costa & Leal, 2008; Fernandes, 2014). A família normalmente é quem presta um apoio mais imediato ainda que, por vezes a procura de apoio junto dos amigos seja preferido (Cruz, 2008). É de realçar que as consequências de um pobre ajustamento académico são causadoras de sofrimento não só ao aluno, mas também a outras pessoas, nomeadamente da família e os amigos (Tavares, 2014).

A família, entidade social vital, é definida pela maneira como os seus membros interagem (Vangelisti, 2012). Todas as famílias se instituem através de uma estrutura de relações, específica e única, que traduz a organização dos seus elementos (Dias, 2011). A comunicação tem, deste modo, uma função constitutiva, colocando a interação no centro da experiência familiar (Galvin et al., 2015). Quando os membros da família comunicam uns com os outros, para além de transmitirem mensagens, promovem e dão vida às suas relações (Vangelisti, 2012). A comunicação apresenta-se não só como caracterizadora do sistema familiar, mas também das relações da família e o meio social (Dias, 2011).

Apesar do papel central da família, parece ter sido dada pouca atenção à relação entre as dinâmicas do funcionamento familiar, o desenvolvimento do jovem adulto e o ajustamento ao Ensino Superior (Silva & Ferreira, 2009). Efetivamente a dinâmica familiar parece ser uma área importante para a compreensão do desenvolvimento e resolução de problemas de estudantes universitários (Hoffman & Weiss, 1987). Portanto esta lacuna é surpreendente, especialmente tendo em conta que a família representa um contexto privilegiado para a elaboração e aprendizagem, proporcionando um enquadramento relacional fundamental para o desenvolvimento do ser humano (Alarcão & Gaspar, 2007).

1.2. O Ensino Superior

O ingresso no Ensino Superior representa para a larga maioria dos estudantes a concretização de um projeto de carreira e de desenvolvimento pessoal, sendo as expectativas elevadas, quer por parte do próprio jovem, quer por parte de outros significativos para si (Freitas et al., 2007). Assim a atribuição de significado sobre a entrada na Universidade, deve ser considerada individualmente consoante cada estudante, bem como a sua família.

O Ensino Superior é um contexto rico em novas oportunidades para os seus estudantes (Candeias et al., 2019). Contudo a transição do Ensino Secundário confronta os jovens com múltiplos desafios (Almeida et al., 2000). A nova vida de um universitário passa por conciliar motivações e interesses pessoais com os novos contextos de vida, a nível familiar, social e académico (Halamandaris & Power, 1999). Por conseguinte, os novos desafios a que o estudante será sujeito implicam uma mudança no seu estilo de vida e rotinas, exigindo um período de adaptação (Candeias et al., 2019).

Face aos desafios e potenciais dificuldades, a transição e a adaptação ao contexto universitário são entendidas como processos complexos (Almeida & Cruz, 2010). É precisamente no 1º ano que se verificam as taxas mais elevadas de abandono e de insucesso escolar (Almeida, et al., 2007). Efetivamente, o 1º ano do Ensino Superior traz experiências geradoras de stress (Imaginário, 2011; Rodrigues, 2010). São estes desafios inerentes à vida académica que vão estimular a transição do estudante da adolescência para a vida adulta (Freitas et al., 2007). O ingresso no Ensino Superior coincide, por norma, com o início de uma nova fase de desenvolvimento, a adultez emergente, que contempla indivíduos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos (Arnett, 2007). É por volta dos 18 anos que se acentua o processo de separação-individação das figuras parentais, fundamental para o crescimento humano (Freitas et al., 2007).

A par das mudanças desenvolvimentais perspectivadas, os desafios experienciados pelos estudantes podem ser agrupados em quatro domínios (Ferreira et al., 2001). Começando pelo desenvolvimento pessoal, espera-se que os anos universitários promovam o estabelecimento de um forte sentido de identidade, um maior autoconhecimento e desenvolvimento da autoestima no indivíduo (Ferreira et al., 2001). A nível social, a experiência universitária requer o desenvolvimento de padrões de relacionamento interpessoal mais maduros na relação com a família, com os professores

e os colegas (Ferreira et al., 2001). Por fim, na esfera académica o ensino universitário requer novos ritmos e estratégias de aprendizagem, face aos novos sistemas de ensino e de avaliação, sendo, igualmente, esperada uma maior clareza no âmbito vocacional (Ferreira et al., 2001). É exigido ao estudante no Ensino Superior, que seja mais do que um ouvinte passivo, antes pretende-se que ele construa conhecimento (Freitas et al., 2007). Portanto, o estudante é confrontado com um ambiente de ensino-aprendizagem menos estruturado, onde as normas, expectativas e exigências colocadas são mais ténues, mas onde são esperados maiores níveis de iniciativa, independência e autonomia na aprendizagem, na gestão do tempo, no estabelecimento de objetivos e estratégias para os atingir (VanZile-Tamsen & Livingston, 1999). O sucesso neste novo contexto transcende as classificações obtidas, devendo ser avaliado através do progresso que o aluno vai realizando, no sentido de atingir os seus objetivos educativos e pessoais (Ferreira et al., 2001; Rodrigues, 2010; Soares et al., 2006).

O ajustamento ao novo meio académico, a ansiedade face a avaliações, gestão do tempo, alteração nas rotinas e hábitos alimentares, problemas de cariz económico e outros aspetos relativos ao desenvolvimento pessoal e social podem imprimir um maior nível de stress na vida do estudante universitário (Candeias et al., 2019). Adicionalmente os jovens podem experienciar algumas dificuldades pessoais e sociais precipitadas por um possível afastamento dos amigos e familiares, das novas exigências pessoais sentidas e nas relações interpessoais estabelecidas com os novos pares (Freitas et al., 2007).

Note-se que para muitos alunos frequentar a Universidade implica sair de casa, e assim, num curto período de tempo, os jovens podem ter de mudar-se para um ambiente residencial sem supervisão, aprender a gerir situações do dia-a-dia e assumir responsabilidades de adulto (Larose & Boivin, 1998). Esta mudança implica o confronto com um meio desconhecido, o tornar-se autónomo, decidir quem se é e o que se quer fazer da vida (Almeida et al., 2001; Almeida & Cruz, 2010; Rodrigues, 2010). Este confronto associa-se a um maior sentido de responsabilidade (Candeias et al., 2019). A mudança residencial é um grande acontecimento tanto para os alunos quanto para os pais (Holmes & Rahe, 1967). Embora os pais continuem a apoiar os estudantes na transição para a Universidade (Mounts, 2004). Os jovens são forçados a lidar com novos desafios, novas fontes de stress e ameaças ao seu bem-estar (Candeias et al., 2019). De facto, a separação é vivida por uns de forma bastante dolorosa e acompanhada de sentimentos de

solidão, isolamento e abandono, enquanto outros a tomam como experiência aliciante de uma aparente liberdade total (Seco et al., 2007). Deste modo, alunos deslocados apresentam menor apoio social, deparando-se com maior ansiedade e stress (Almeida et al., 2006; Costa & Leal, 2008; Rodrigues, 2010). Tal reflete-se até em aspetos práticos do dia-a-dia, como o orientar-se numa nova cidade, partilhar a habitação com colegas desconhecidos, perder alguma privacidade, ter de gerir tempo e dinheiro (Canha, 2009). Nesta perspetiva a entrada no Ensino Superior poderá conduzir ao desenvolvimento de novos relacionamentos, sobretudo com os pares, até no sentido de ultrapassar esta possível sensação de desenraizamento. Assim sendo, é de admitir que os estudantes deslocados apresentem uma maior necessidade e disponibilidade para estabelecerem novas interações (Seco et al., 2007). Efetivamente, o ter acesso a um conjunto de relacionamentos interpessoais com a família, amigos, colegas e parceiros afetivos configura-se como facilitador de uma adaptação bem-sucedida (Seco et al., 2006).

Contrastando com esta realidade, morar em casa dos pais durante a frequência na Universidade é uma forma de reduzir os encargos financeiros da família (Bozick, 2007). Por outro lado, alguns estudos sugerem que os alunos não deslocados têm melhor equilíbrio emocional, são mais otimistas, confiantes, têm maior estabilidade afetiva, melhores hábitos de estudo e melhores competências (Seco et al., 2007). Mostram-se, ainda, mais integrados, envolvidos e implicados na instituição que frequentam. Estas conclusões apontam para a possibilidade de os estudantes não deslocados, possivelmente sentirem maior apoio e suporte emocional, psicológico e até material por parte das figuras significativas e mais oportunidades de diálogo, que culminam num maior nível de bem-estar (Seco et al., 2007). Porém, Bozick, 2007, relata que alunos não deslocados podem perder experiências-chave de integração e, como resultado, receber menos suporte académico e social.

A respeito do desenvolvimento psicossocial de estudantes universitários, Chickering e Reisser em 1993, formularam um modelo conceptual onde vetores sequenciais agem como um guia ao determinar a direção e a magnitude do desenvolvimento dos alunos, vinculando as suas experiências académicas ao desenvolvimento pessoal (Foubert et al., 2005). Evans e colaboradores, 2010, descrevem cada um dos sete vetores propostos por Chickering e Reisser (1993). O vetor 1 prende-se com o sentido de competência, que envolve a competência intelectual, a competência

física e a competência interpessoal. O vetor 2, integração das emoções, contempla a necessidade de gerir e experienciar sentimentos desagradáveis. O vetor 3 comporta a autonomia em direção à interdependência, e abrange a capacidade de funcionar com autossuficiência, de assumir a responsabilidade – o que requer independência emocional e instrumental. O vetor 4, de relações interpessoais, prende-se com o desenvolvimento de relacionamentos mais maduros e com o aumento da capacidade de intimidade. Por seu turno, o vetor 5 prende-se com a identidade, no processo de descobrir que tipos de experiência são mais satisfatórias, seguras ou autodestrutivas. O vetor 6, diz respeito ao sentido de vida e à descoberta de uma filosofia de vida, à avaliação de interesses e opções, ao estabelecimento de metas, planos e capacidade de persistir perante obstáculos. O último vetor, integridade, está intimamente relacionado com estabelecimento da identidade e de um propósito, incidindo sobre os valores e crenças dos indivíduos.

1.3. A Família na Transição para o Ensino Superior

A transição para o Ensino Superior, pode ser encarada como uma tarefa de desenvolvimento familiar, com novas exigências para todos os membros da família, de modo a promover o bom funcionamento e o bem-estar sistémico e pessoal de todos (Silva & Ferreira, 2009). Neste contexto de entrada na Universidade, a tarefa familiar prende-se na disponibilidade para apoiar a adaptação ao novo contexto de vida e com a facilitação do processo de individuação do estudante (Silva & Ferreira, 2009). O estudo da interação entre estes dois contextos – educativo e familiar - afigura-se interessante, já que ambos se constituem como contextos extraordinários para o desenvolvimento humano (Dessen & Polonia, 2007; Soares & Dutschke, 2009).

O ser humano desenvolve-se, cresce e, por vezes, morre no contexto da sua família (McGoldrick et al., 2016). Definir família não é uma tarefa simples. Na realidade, este conceito é relativo e não absoluto (Dias, 2011). Ainda assim, uma possível definição vê a família como a menor unidade da sociedade; como uma rede de pessoas que se comportam de acordo com papéis familiares específicos, que compartilham um passado e um futuro e estão ligadas pelo casamento, biologia ou compromisso e envolvimento entre elas (Crosbie-Burnett & Klein, 2009).

A família assegura a continuidade do ser humano de geração em geração, é um contexto de transmissão de vida, cultura e é o primeiro contexto de socialização do indivíduo (Gonçalves, 1997). Assim pode ser vista como algo vivo, em mutação constante

(Minuchin & Fishman, 1981; Segrin & Flora, 2005). Uma das mais relevantes perspectivas teóricas conceptualiza a família como um sistema e reconhece que fatores individuais e interpessoais existem dentro do contexto mais amplo do meio ambiente e do social (Bray & Stanton, 2010). Pensar sistemicamente a família, implica atender às interações internas ao longo do desenvolvimento individual e familiar, em permanente relação com o exterior (Nave & Jesus, 2005; Ward & Bélanger, 2011).

A família é caracterizada como um sistema aberto e contínuo, já que recebe informações do ambiente e a sua atividade tem impacto nele (Segrin & Flora, 2005). O que a separa dos restantes sistemas da sociedade são os seus limites. A sociedade espera certos padrões de comportamento dos diferentes elementos da família e, por outro lado, os membros da família fazem parte da sociedade por meio da sua presença e participação social (Ward & Bélanger, 2011). Destarte, as famílias respondem aos seus ambientes adaptando-se a eles, sendo que daqui surgem regras e padrões de conduta para as interações que protegem a integridade do sistema (Crosbie-Burnett & Klein, 2009; Segrin & Flora, 2005). São os padrões de interação, por sua vez, que constituem a estrutura familiar e que governa o funcionamento dos elementos da família (Stamm & Miotto, 2003). A estrutura, os padrões, as rotinas, as regras e propriedades organizam os períodos de estabilidade e mudança no sistema (Minuchin et al., 2007; Segrin & Flora, 2005).

Portanto a família é dinâmica. Todos os seus componentes são interdependentes, e, deste modo, o que acontece com um membro afeta e influencia todos os outros. Assim, para entender a dinâmica familiar, os relacionamentos têm precedência sobre os indivíduos (Galvin et al., 2015). As dinâmicas familiares são marcadas por inúmeros ensaios e negociações, exigindo uma coerência e previsibilidade que garantem estabilidade (Alarcão & Gaspar, 2007). No decurso destes processos, ocorrem constantes arranjos entre membros ou subsistemas distintos, cada um assumindo o seu papel (Stamm & Miotto, 2003). Os subsistemas têm uma base temporária ou permanente, sendo que membros da família podem pertencer a um ou mais subsistemas, dentro dos quais terão funções diferentes (Vetere, 2001). Famílias funcionais têm limites claros entre cada subsistema (Young, 2018). Importa referir que numa família todos os subsistemas são dependentes do subsistema parental (Connell, 2010). Efetivamente, os pais são os arquitetos da família e o relacionamento conjugal é a chave para todos os outros relacionamentos familiares (Olson et al., 1979). As figuras parentais exercem fortes

influências na construção de vínculos afetivos, da autoestima, autoconceito e, também, são responsáveis pelos modelos de relação das crianças (Volling & Elins, 1998).

Além dos períodos de estabilidade as famílias devem passar por momentos de imprevisibilidade e mudança, que permitem a sua reorganização e evolução (Minuchin & Fishman, 1981; Segrin & Flora, 2005). Mudanças, tanto internas quanto externas, são normalmente seguidas por uma resposta que leva o sistema de volta ao seu estado de constância. Porém, quando a mudança se amplifica, a família entra em crise, e a transformação resulta em alterações no sistema (Minuchin & Fishman, 1981). Quando isto acontece, padrões familiares existentes deixam de ser apropriados. Num processo de tentativa e erro, a família procura o equilíbrio entre os padrões confortáveis utilizados no passado e as exigências da nova situação (Minuchin et al., 2007). Tanto a mudança quanto a estabilidade são necessárias para um sistema familiar viável (Olson et al., 1979). Assim a flexibilidade dos sistemas surge como a capacidade que os mesmos têm de manter o equilíbrio, face à necessidade de mudança ou transformação (Alarcão & Gaspar, 2007). Algumas famílias possuem uma espantosa capacidade de se adaptar e mudar, enquanto mantêm uma continuidade (Stamm & Mioto, 2003). Efetivamente na família funcional, a flexibilidade e a rigidez devem complementar-se (Nave & Jesus, 2005).

A adaptabilidade é a capacidade de o sistema familiar mudar a sua estrutura de poder, papéis e regras de relacionamento em resposta ao stress situacional e de desenvolvimento (Place et al., 2005). Entender como se procede a adaptação face a mudanças, como o ingresso no Ensino Superior, é fundamental para estudar a família. A adaptabilidade, juntamente com a coesão, é uma característica essencial do grupo familiar, dentro do qual o equilíbrio entre a conexão emocional e o desenvolvimento da autonomia muda à medida que os membros da família progridem no seu percurso de desenvolvimento (Vetere, 2001). Este vínculo emocional que existe entre os membros da família é definido como coesão. Nestes processos ocorrem ciclos de feedback que empurram a família para um estado de equilíbrio (Crosbie-Burnett & Klein, 2009). O feedback negativo ocorre quando a família inicia uma ação corretiva ao perceber que existe um desvio de algum padrão. Já o feedback positivo funciona para melhorar as mudanças a partir de um ponto definido (Segrin & Flora, 2005). O feedback positivo fornece ao sistema familiar comportamentos construtivos de melhoria que permitem o

crescimento, criação, inovação e mudança no sistema; enquanto o feedback negativo tenta manter a estabilidade (Olson et al., 1979).

Ao longo do ciclo vital da família ocorrem variadíssimos momentos de crise ou mudança, muitas destas são previsíveis e normativas (Nave & Jesus, 2005; Silva & Ferreira, 2009). Estas crises, consideradas “transições normativas”, são esperadas num número substancial de famílias e têm como base normas biológicas, psicológicas ou sociais (Cowan & Cowan, 2012). Elas decorrem do crescimento dos membros, da família e de determinados eventos que modificam a sua realidade desencadeando períodos de desorganização (Minuchin et al., 2007). Assim emerge o ciclo de vida familiar, e nele se enquadra a identidade e o desenvolvimento individual (McGoldrick et al., 2016). As passagens entre etapas do ciclo podem ser difíceis, já que envolvem reorganizações qualitativas do indivíduo e do mundo interior, papéis sociais e relacionamentos íntimos, nomeadamente os laços de vinculação, e são inevitavelmente acompanhadas de desequilíbrio nos relacionamentos centrais dentro e fora da família até que a estabilidade seja reposta (Cowan & Cowan, 2012; McGoldrick et al., 2016). Face à crise, a família deve ser considerada o principal recurso na sua resolução (Andolfi, 2018).

A comunicação é fundamental para todos os processos que decorrem na família. É a comunicação que cria famílias (Vangelisti, 2012). De facto, comunicar é vital ao ser humano, faz parte da sua essência, permitindo-lhe a troca de vivências e de sentimentos com os seus semelhantes, os quais conhecem e partilham um código e significados comuns (Gonçalves, 2012). Por meio da comunicação, os membros da família aprendem a regular os seus comportamentos (Galvin et al., 2015). Pressupõem-se que comportamentos de comunicação positivos, como autorrevelação sobre sentimentos e pensamentos, clareza, escuta ativa e demonstração de empatia, facilitem a adaptabilidade e restantes processos decorrentes no seio da família (Segrin & Flora, 2005; Olson, 1999). Por outro lado, comportamentos negativos de comunicação familiar, como a crítica, negação de sentimentos, conflito excessivo e falta de escuta, impedem as tentativas de evolução da família (Segrin & Flora, 2005). Analisar a comunicação entre o jovem e a família destaca-se no estudo das dinâmicas de uma família, definida por padrões de comunicação interativos (Crosbie-Burnett & Klein, 2009). Tal apresenta-se como relevante já que as relações mudam continuamente, e a comunicação afeta e reflete essas mudanças (Galvin et al., 2015).

Sob outra perspectiva, a família pode ser conceptualizada através da teoria da vinculação. Segundo a mesma, os indivíduos desenvolvem modelos internos de trabalho relativos ao self e aos outros, a partir das interações com o seu cuidador principal (Segrin & Flora, 2005). No modelo do self, a criança vê-se como digna ou indigna de amor e apoio. Já os modelos internos que dizem respeito às outras pessoas são uma representação mental da disponibilidade, capacidade de resposta e confiabilidade delas (Segrin & Flora, 2005). Essencialmente, a criança generalizará as experiências com o cuidador principal e presumirá que é assim que a maioria das pessoas a tratará (Segrin & Flora, 2005). Existem quatro estilos de vinculação possíveis: segura, preocupada, desprezante e ansiosa (Segrin & Flora, 2005).

Os estilos parentais, caracterizados como padrões gerais de características da relação pais-filhos estão intimamente ligados com o tipo de vinculação dos indivíduos. Pais que adotam um estilo autoritário apresentam uma baixa afetividade e elevados níveis de controlo, desencorajam a independência e individualidade da criança, exercendo um controlo psicológico rígido (Baumrind, 1971). No estilo autoritativo, as figuras parentais exercem um controlo firme e são afetuosos, acabando por promover a autonomia e individualidade da criança (Granja & Mota, 2018). Por outro lado, as figuras parentais com um estilo permissivo evidenciam uma atitude tolerante face aos desejos e comportamentos da criança, evitando impor-lhe restrições (Baumrind, 1971). Uma menor qualidade da vinculação está relacionada com os estilos parentais com níveis elevados de rejeição e baixo suporte emocional, e, contrariamente, um maior suporte emocional e uma menor rejeição parecem promover uma vinculação segura (Simões et al., 2011). É de salientar que à medida que o indivíduo cresce as suas figuras de vinculação mudam de pais para parceiros românticos e cônjuges (Hazan & Shaver, 1987). A teoria da vinculação pode ajudar a compreender a natureza e função dos relacionamentos pais-adolescentes (Kenny & Donaldson, 1991).

A vinculação parental, e consequentemente os estilos parentais, são variáveis fundamentais na transição para o Ensino Superior, pois permitem aos jovens obter (ou não) uma sensação de segurança que facilita a independência da família e a exploração de novos ambientes sociais (Berman & Sperling, 1991; Granja & Mota, 2018; Shaver & Hazan, 1994). Na realidade, estudos relatam que jovens que se sentem mais próximos dos seus pais apresentam maior independência responsável, competência comportamental a

nível acadêmico e bem-estar psicossocial (Larose & Boivin, 1998). À medida que os jovens crescem, a sensação de segurança é atribuída menos à presença física dos pais e mais a aspectos afetivos e cognitivos, como confiança, respeito mútuo percebido, expectativas de sensibilidade, etc. (Armsden & Greenberg, 1987). Em contraste, a ansiedade e a solidão podem ser produzidas por relações de vinculação imprevisíveis, levando a comportamentos pouco exploratórios (Bowlby, 1969).

Os vínculos emocionais, o envolvimento afetivo e a responsividade são manifestações de intimidade (Segrin & Flora, 2005). Para além da intimidade, os processos de poder são centrais para a interação familiar, sendo o poder comumente visto como a capacidade para atingir os objetivos e resultados desejados (Levine & Boster, 2001). A tomada de decisão está relacionada principalmente com os processos de poder, uma vez que os membros poderosos têm mais influência nas decisões (Segrin & Flora, 2005). De outro modo, o conflito representa o lado da interação familiar que os próprios membros da família consideram difícil, perturbador e desconcertante, sendo, contudo, normal e inevitável (Sillars et al., 2012).

Como já foi referido, numa família com filhos no final da adolescência e prestes a ingressar no Ensino Superior, os jovens experimentam não apenas a separação das suas famílias de origem, mas também os desafios associados à Universidade, à independência financeira e à formação de relacionamentos adultos íntimos (Blacker, 1999, cit. por Dankoski, 2001). A vinculação aos pais e o subsequente realinhamento do vínculo durante este período pode afetar a capacidade do indivíduo de se tornar mais autónomo e formar novos relacionamentos saudáveis. Na verdade, o investimento nas relações interpessoais pode ser afetado se os familiares não apoiarem estas iniciativas de desenvolvimento, apesar da maior autonomia do estudante. Mounts e colaboradores, em 2006, constataram que quando os pais incentivam o estudante a conhecer novas pessoas e fornecem apoio direto nesta etapa, este é capaz de adotar estratégias eficazes para estabelecer novas amizades. O apoio que os alunos recebem por parte dos pais é protetor, tendo como benefícios a promoção da saúde e bem-estar, melhor autoestima, satisfação, ajustamento ao novo contexto académico, bem como níveis mais elevados de experiências académicas com o corpo docente, níveis mais elevados de integração social e níveis mais elevados de desempenho académico (Halamandaris & Power, 1999; Nora & Cabrera, 1996). Tudo isto contribui para maiores níveis de satisfação com a vida e uma

melhor saúde mental do estudante (Rodrigues, 2010). Por outro lado, a ausência de apoio poderá favorecer uma inadaptação do jovem adulto, nomeadamente a nível psicossocial (Silva & Ferreira, 2009). Na verdade, a mudança para a Universidade pode ampliar ou criar distanciamento emocional da família, principalmente dos pais, bem como trazer solidão e uma redução do suporte social (Magdol, 2002). Esta desconexão com os pais pode ter impactos negativos no desempenho académico e no bem-estar social do jovem (Shklovski et al., 2008). Deste modo, a separação da família requer uma mudança no vínculo entre pais e filho, sendo que quando o vínculo não muda, o jovem adulto pode se separar dos pais completamente ou ficar dependente deles (Dankoski, 2001). Russell e Saebel (1997) propuseram que ao longo da adolescência, as relações entre mãe e filho, mãe e filha, pai e filho, e pai e filha são únicas e devem ser examinadas separadamente. Assim verificam-se várias diferenças entre estas díades (Domene et al., 2011).

Efetivamente, os papéis das mães e dos pais são vistos como diferentes, consoante o sexo das crianças - central na definição do seu relacionamento (Russell & Saebel, 1997). As diferenças entre mães e pais, na transmissão de valores nos domínios do trabalho ou das tarefas domésticas e responsabilidades de cuidar dos filhos têm por base as questões de género nas estruturas sociais e os papéis familiares (Russell & Saebel, 1997). Posto isto, Domene e colaboradores, em 2011, constataram que mães e filhas foram mais organizadas na criação de tempo para trabalhar na transição para a idade adulta, pareciam estar igualmente motivadas para perseguir os seus projetos, tendiam a comunicar mais abertamente, e, geralmente, experimentavam níveis mais baixos de conflito. Em contraste, mães e filhos pareciam incorporar o trabalho de transição para a idade adulta em outras atividades diárias, tinham projetos liderados principalmente pelas mães, que incluíam conversas claramente conduzidas por elas e das quais o filho participava hesitantemente, estando patentes vários conflitos.

O subsistema parental também precisa de se ajustar a esta transição, gerindo a maior independência dos filhos, que, ao mesmo tempo, ainda precisam de ajuda nalgumas áreas (Chipuer, 2001). O casal, pode reencontrar-se e regressar à conjugalidade, ato que pode ser entendido como forma de enfrentar o sentimento de perda e solidão (Nave & Jesus, 2005). Nesta etapa, um grande desenvolvimento afetivo pode ter lugar caso os cônjuges, aproveitem as suas experiências acumuladas, sonhos e expectativas para realizar atividades impossíveis quando os filhos estavam num estado de maior

dependência (Minuchin & Fishman, 1981). Isto permite aos pais viverem um estilo de vida mais livre (Goldscheider & Goldscheider, 1989). Com efeito, as mudanças na dinâmica familiar nesta fase do ciclo de vida são muito abrangentes.

No caso de a entrada na Universidade implicar a saída de casa, quer os pais quer o jovem, entram numa nova etapa e num percurso de vida mais separado. A decisão relativa à saída de casa é, geralmente, mútua e envolve tanto o jovem quanto os pais, refletindo os pontos de vista de cada um sobre o papel do jovem na família, nomeadamente sobre a partilha de espaço, responsabilidades e direitos (Goldscheider & Goldscheider, 1989). Porém definir este momento é uma tarefa ambígua (White, 1994). A ambivalência dos jovens prende-se com questões relacionadas com a independência e a separação das figuras parentais (Karp et al., 1998).

Nestas circunstâncias, não é possível falar de uma independência residencial completa, já que, os jovens não têm todas as responsabilidades a ela associadas (Goldscheider & DaVanzo, 1986). Os jovens encontram-se numa situação onde são, simultaneamente, independentes e dependentes (Karp et al., 1998). Katz e Davey, em 1978, desenvolveram o termo “semiautonomia” para descrever estas situações onde os jovens adultos estão longe do controlo e supervisão dos pais, porém ainda sob a sua autoridade e monitorização. Note-se que famílias com um maior estatuto socioeconómico têm maior probabilidade de poder proporcionar um estilo de vida semiautónomo aos seus filhos (Bozick, 2007). É importante perceber como os jovens antecipam todas estas mudanças associadas à entrada neste nível de ensino. Por exemplo as suas escolhas sobre os objetos que deixam em casa e aqueles que trazem consigo para a Universidade são estratégicas (Silver, 1996). Este autor argumenta que certos objetos simbolicamente servem de “âncora” das identidades da infância ou do início da adolescência, enquanto outros servem de “objetos de transição”, para novas identidades em formação durante a Universidade. Isto poderá ser interpretado como uma maneira de os estudantes não sentirem que abandonaram definitivamente a sua casa (Karp et al., 1998). Já os pais, muitas vezes, relatam uma diminuição do stress parental após a entrada de um filho na Universidade (Anderson, 1988). É importante salientar que muitos dos jovens que vivem nesta condição durante os seus anos de Ensino Superior acabam por regressar à casa dos pais (Mulder & Clark, 2002).

É quando os filhos de um casal já não habitam na sua casa que a família passa para a próxima fase desenvolvimental, designada popularmente como um “ninho vazio”, ou por “período pós-parental” (Borland, 1982; Junge & Maya, 1985). Como a maternidade é um papel muito definidor da identidade da mulher ter um “ninho vazio” deixa-a num período transacional, que acarreta os seus riscos (Raup & Myers, 1989). Ainda assim, a maioria dos indivíduos aceita a saída de um filho de casa razoavelmente bem, apesar das exigências e mudanças impostas nos relacionamentos (Anderson, 1988). A diminuição das responsabilidades dos pais e a ausência dos filhos em casa, costumam levar os casais a reorientar e reorganizar o seu casamento, enfrentando novas questões de autonomia e intimidade na sua relação (Dankoski, 2001). Frequentemente, a família vê este acontecimento como parte do normal curso de vida e como consequência de um longo processo de crescimento do indivíduo (Goldscheider & Goldscheider, 1998). Na época atual, apesar de ser difícil pensar que os filhos vão sair de casa, talvez seja mais problemático pensar que isto nunca aconteça (Karp et al., 1998; Nave & Jesus, 2005). Lidar com a saída de casa implica a utilização de recursos pessoais, recursos do sistema familiar, suporte social, bem como esforços ativos de *coping* (Anderson, 1988).

Da parte do estudante, a saudade de casa tem sido identificada como uma consequência negativa face à mudança residencial para morar sozinho ou com outras pessoas (Scopelliti & Tiberio, 2010). Ferraz e Pereira (2003) realizaram um estudo onde procuraram analisar as relações existentes entre as saudades de casa sentidas pelos estudantes universitários e algumas das suas características de personalidade. As autoras concluíram que os estudantes que evidenciam expectativas pouco ajustadas à realidade académica, encontram-se pouco satisfeitos com o curso frequentado e com as infraestruturas da instituição, percebem de forma negativa a vida académica e apresentam baixa autoconfiança e baixa autoestima, são os que expressam maior desejo de voltar para casa e para junto de familiares e amigos (Ferraz & Pereira, 2003).

Verifica-se que estudantes universitários, quer se encontrem ou não deslocados de casa, mantém laços mais próximos com os seus pais, comunicando com eles com mais frequência (Smith et al., 2012). No entanto, mais comunicação nem sempre é um aspeto positivo, pois os alunos que comunicam com mais frequência com os pais também apresentam níveis mais baixos de autonomia (Smith et al., 2012). As tecnologias de comunicação são bastante relevantes neste contexto, uma vez que, para além de

permitirem o contacto com os pais, também adicionam novas dimensões à sua relação (Smith et al., 2012). Shklovski e colaboradores, em 2008, propuseram que o uso da Internet para comunicação com a família e amigos pode ajudar a aliviar algumas das tensões psicológicas de uma mudança residencial. Para além da Internet, os telemóveis são importantes para lidar com a solidão, procurar apoio social e manter relações familiares, sendo mesmo considerados pelos jovens estudantes indispensáveis para o cumprimento de papéis familiares, partilha de experiências e apoio emocional (Smith et al., 2012). Efetivamente, as tecnologias de comunicação desempenham um papel direto em ajudar estudantes e pais a participarem ativamente na manutenção da sua relação, seja enriquecendo, preservando ou atenuando a ligação entre eles (Smith et al., 2012). Manter uma boa comunicação entre pais e filhos, bem como um sentimento de ligação emocional e apoio antes da transição para a Universidade foi significativamente relacionada à redução do stress parental neste período do ciclo familiar (Anderson, 1988; Johnson et al., 1995).

Além do que foi exposto até aqui, o papel dos pais é muito mais abrangente no que concerne a esfera profissional e desenvolvimento profissional do jovem adulto (Bardagi & Hutz, 2008). A investigação demonstrou que o apoio dos pais para a carreira, bem como o apoio geral dos pais estão positivamente associados ao compromisso com a identidade e à confiança na tomada de decisões de carreira, tanto no Ensino Secundário como na Universidade (Alliman-Brissett et al., 2004; Leal-Muniz & Constantine, 2005). Na realidade, o apoio dos pais na área de carreira está positivamente associado há autoeficácia nas decisões de carreira e à certeza da escolha de carreira em adolescentes (Alliman-Brissett et al., 2004). Por seu turno, uma melhor integração académica está associada à postura favorável dos pais em relação ao curso escolhido e frequentado pelos filhos (Guerra & Braungart-Rieker, 1999). Contudo, num estudo com universitários, verificou-se um decréscimo da influência parental sobre o ajustamento académico dos estudantes à medida que estes evoluem no seu percurso académico, indicando que o período inicial da transição para a Universidade é mais suscetível às influências parentais (Bardagi & Hutz, 2008).

De modo semelhante, parece existir uma ligação entre as circunstâncias familiares do estudante e a conclusão do curso superior (Turner, 2004). Além das circunstâncias económicas dos pais, as circunstâncias de emprego e familiares dos alunos

podem ter um efeito significativo no nível de sucesso escolar e no tempo de conclusão do curso (Turner, 2004). Quando os estudantes universitários são os primeiros da sua família a frequentar este nível de educação e os seus pais não apresentam nenhum tipo de conhecimento pessoal da experiência universitária, podem enfrentar mais obstáculos no seu processo de adaptação, por conta de eventuais expectativas irrealistas sobre o Ensino Superior (Dennis et al., 2005).

Lidar com todos estes desafios, permite o crescimento e maior autonomia, que, juntamente com os conhecimentos adquiridos ao longo da frequência de um curso superior têm a capacidade de provocar mudanças no estudante e, conseqüentemente, nos laços que este possui com os seus progenitores (Oliveira & Dias, 2014). Assim é possível afirmar que a entrada na Universidade modifica a relação dos alunos com os seus familiares (Oliveira & Dias, 2014).

A temática da transição dos alunos do Ensino Secundário para o Ensino Superior, bem como a sua adaptação a este novo nível de ensino é amplamente estudada pelos investigadores. Contudo, a pesquisa bibliográfica realizada revelou que a grande maioria da literatura existente, especialmente no contexto português, é direcionada para as experiências do estudante que passa por esta transição. Por conseguinte pouca ênfase tem sido dada à família do estudante e às suas vivências, sentimentos e pensamentos associados a esta nova fase de maior autonomia do jovem. A entrada de um jovem na Universidade não é apenas uma tarefa individual deste, mas, também, uma tarefa familiar que requer alterações e adaptação de todos os elementos da família (Silva & Ferreira, 2009).

2. Método

Tendo em conta o que foi exposto até aqui, o presente trabalho apresenta um caráter exploratório. Dada a sua natureza exploratória optou-se pela utilização de uma metodologia qualitativa, com recurso à entrevista semiestruturada.

2.1. Objetivos

O objetivo nuclear deste trabalho foi, então, o de compreender as dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha única na Universidade. Com isto presente foram formulados os seguintes objetivos específicos orientadores da presente investigação: (1) entender a atribuição de significado por parte da família sobre o ingresso de uma filha

única no Ensino Superior; (2) analisar a comunicação entre a estudante e a família; (3) explorar o processo de adaptação da família ao ingresso da estudante no Ensino Superior; (4) identificar as mudanças nas dinâmicas familiares após o ingresso da estudante na Universidade.

2.2. Participantes

De modo a atingir os objetivos inventariados foram entrevistados 15 sujeitos: 5 estudantes (do sexo feminino) e os respetivos pais (pai e mãe). A definição do número de participantes teve por base os limites temporais do estudo e a falta de sujeitos elegíveis e disponíveis para participar no mesmo (Lakens, 2021). As estudantes foram selecionadas com recurso a informadores privilegiados através do processo de bola de neve, tendo por base os seguintes critérios de inclusão: (1) ser aluna do segundo ano da licenciatura na Universidade de Évora no ano letivo 2020/ 2021; (2) ter ingressado uma só vez no Ensino Superior; (3) ser filha única; (4) não ter os pais separados; (5) estar em condição de deslocada da sua residência habitual ou estar na condição de não deslocada.

Em razão de se pretender estudar o início da experiência universitária de mães, pais e filhas a escolha de entrevistar estudantes do segundo ano deveu-se ao período de reflexão sobre estas vivências, dificilmente realizado por alunos e progenitores que ainda frequentam o primeiro ano. Deste modo, a informação foi obtida de forma retrospectiva.

As tabelas 1 e 2 apresentam a caracterização sociodemográfica dos/as participantes do estudo.

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica das Estudantes entrevistadas

Sujeito	Idade	Estatuto residencial	Curso	Primeira opção
FD1	20	Deslocada	Ciência e Tecnologia Animal	Sim
FD2	19	Deslocada	Ciências do Desporto	Não
FD3	20	Deslocada	Gestão	Sim
FND4	20	Não deslocada	Psicologia	Sim
FND5	19	Não deslocada	Psicologia	Sim

Tabela 2. Caracterização Sociodemográfica dos Pais/ Mães entrevistados/as

Sujeito	Sexo	Idade	Habilitações literárias	Profissão
MD1	Feminino	41 anos	8º ano	Trabalhadora Agrícola
PD1	Masculino	49 anos	9º ano	Bombeiro
MD2	Feminino	56 anos	9º ano	Auxiliar de ação médica
PD2	Masculino	60 anos	9º ano	GNR reformado
MD3	Feminino	48 anos	12º ano	Administrativa num gabinete de contabilidade
PD3	Masculino	48 anos	12º ano	Funcionário público
MND4	Feminino	38 anos	7º ano	Operadora de supermercado
PND4	Masculino	39 anos	6º ano	Supervisor numa empresa
MND5	Feminino	47 anos	12º ano	Administrativa num hospital
PND5	Masculino	48 anos	9º ano	Consultor de peças de automóveis

2.3. Instrumentos

Após a definição da metodologia de investigação a adotar, procedeu-se à construção de um guião, que serviu de suporte à entrevista, com duas versões: uma dirigida às estudantes e a outra dirigida aos pais e mães. Estas duas versões eram equivalentes em termos das questões que as constituíam, mas formuladas de forma diferente consoante a entrevista era feita às estudantes ou a progenitores.

As questões que compõem o guião foram maioritariamente formuladas a partir da revisão de literatura realizada – no Anexo A: Bibliografia Utilizada na Construção do Guião de Entrevista, encontra-se uma descrição dos artigos referentes a cada pergunta. As restantes questões foram criadas após consulta de alguns instrumentos quantitativos

utilizados no âmbito da avaliação em psicologia nomeadamente o Family Communication Patterns Questionnaire, a Adult Attachment Scale e a FACES II (Family Adaptation and Cohesion Scales) (Collins & Read, 1990; Gupta, 2019; Olson et al., 1982). É de salientar que dada a natureza interpessoal e especificidades envolvidas na comunicação verbal que ocorre entre duas pessoas, a construção do guião procurou empregar linguagem clara e compreensível. Igualmente as questões foram organizadas de forma a tornar as respostas o mais inteligíveis possível (Resende, 2016).

Com efeito, o guião elaborado está organizado em 6 temas diferentes. O primeiro prende-se com a legitimação da entrevista, e visa justificar o estudo, bem como incentivar a colaboração do participante. Segue-se a caracterização sociodemográfica do participante, por forma a identificá-lo, nomeadamente no que concerne as variáveis: sexo, idade, área de residência – condição de deslocada da residência dos pais - habilitações literárias (exclusivo à versão para pais) e profissão/ curso. O terceiro tema do guião incide sobre perspectiva do participante sobre o ingresso no Ensino Superior, de modo a perceber como foi este processo e a identificar sentimentos, pensamentos e ações experienciadas. Dando continuidade à temática do Ensino Superior, o quarto tema diz respeito ao processo de adaptação do participante, através da exploração de potenciais dificuldades sentidas neste processo, mudanças a nível das rotinas quotidianas, bem como estratégias utilizadas face às mudanças. Voltando o foco para as relações familiares, segue-se o tema dedicado à interação entre a estudante e a família, estruturada no sentido de compreender as dinâmicas existentes na família. Por último, temos o tema referente às mudanças nas dinâmicas familiares após o ingresso na Universidade, focado nas principais alterações na dinâmica familiar, como também na perceção que o participante tem das mesmas. Os dois guiões utilizados encontram-se em anexo - Anexo B – Guião de Entrevista às Estudantes; Anexo C - Guião de Entrevista a Mães e Pais. Importa salientar que destes 6 temas apenas 3 serão alvo de análise nos resultados.

2.4. Procedimentos de recolha e tratamento de dados

Previamente à realização das entrevistas foi efetuado um estudo piloto, que contou com a participação de 4 estudantes do sexo feminino da Universidade de Évora, que frequentavam o 2º e 3º ano, mas não preenchiam todos os requisitos da amostra pretendida. Ainda assim metade das participantes encontravam-se em condição de deslocadas da sua residência habitual e as restantes na condição de não deslocadas. Este

estudo piloto foi realizado não só com o intuito de testar a clareza e pertinência das questões que compunham o guião, bem como permitir uma maior familiarização com o instrumento a utilizar e ao *setting* de entrevista (Resende, 2016). É importante mencionar que, à semelhança das entrevistas realizadas no âmbito da presente investigação, as entrevistas do estudo piloto foram conduzidas por intermédio de meios de comunicação à distância, nomeadamente através de um software de videoconferência (*Zoom*).

O feedback e observações realizadas neste estudo piloto culminaram na reformulação da semântica de algumas perguntas e eliminação de outras, que se mostraram desnecessárias. O estudo piloto não contou com a participação de pais ou mães, dado que alterações na versão do guião para estudantes implicaria uma alteração equivalente na versão a utilizar com progenitores.

Após as alterações em ambas as versões do guião estarem finalizadas foi iniciado o contacto com os informadores privilegiados, que fizeram a primeira abordagem junto das participantes. Mediante permissão, o segundo contacto foi efetuado pela investigadora e teve como objetivo contextualizar o estudo, explicar a logística da entrevista e passar o consentimento informado, onde se encontra explicado em detalhe o procedimento da investigação. Note-se que no consentimento informado, presente no Anexo D - Consentimento Informado, foi solicitado que a informação recolhida na entrevista ficasse guardada num ficheiro áudio para posterior transcrição.

Os participantes que acederam ao pedido de colaboração, receberam um *link* para a plataforma *Zoom* para acederem à hora em que a entrevista foi agendada. Foram, igualmente, convidados a receber os resultados da presente investigação, se tal fosse do seu interesse. No decurso das entrevistas pretendeu-se criar um ambiente acolhedor, confortável e incentivante à partilha das vivências do entrevistado. Para isto adotou-se uma postura de escuta ativa, dando liberdade e tempo para que o participante pudesse responder ao que lhe era perguntado. Deste modo foi possível criar uma conversa fluída que ajudou na obtenção dos dados pretendidos. O facto de as entrevistas terem sido realizadas à distância não condicionou o estabelecimento de uma relação de cooperação e confiança entre entrevistado/a e entrevistadora. Porém registaram-se momentos onde as condições de áudio e imagem não foram ideais devido a problemas de Internet, que foram sempre ultrapassados. Todas as entrevistas foram efetuadas individualmente, sendo que a duração das mesmas oscilou entre os 20 e os 45 minutos mediante o discurso e

capacidade de elaboração de respostas de cada participante. As entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e julho de 2021.

Note-se que dado à natureza pessoal de algumas das perguntas realizadas, e por forma a pôr as participantes o mais confortável possível, bem como assegurar a veracidade das suas respostas, foram excluídos os contactos sociais da investigadora, elegíveis para o estudo, que se constituíram como informadores privilegiados na seleção da amostra final.

Todas as entrevistas foram transcritas para um suporte físico por forma a facilitar a sua análise, sendo igualmente, codificadas, de modo a garantir o seu anonimato. Os códigos de cada entrevista englobam o papel do participante na família, isto é, filha (F), mãe (M) ou pai (P); o seu estatuto residencial de deslocado (D) ou não deslocado (ND), seguindo-se um número compreendido entre 1 a 5, que representa a ordem dos participantes. Assim a entrevista codificada como MD1, diz respeito aos dados recolhidos juntos da mãe da participante 1 em situação de deslocada. No que toca à transcrição, esta consiste numa tarefa importante de investigação (Bazeley, 2013). Segundo Oliver e colaboradores, 2005, as transcrições efetuadas nesta investigação categorizam-se como não naturalistas, na medida em que o discurso verbal é privilegiado e existe a omissão de alguns elementos linguísticos como gaguez em certas palavras, pausas, vocalizações involuntárias. Deste tipo de transcrição resulta um texto mais fluido facilitando a análise dos dados recolhidos.

Seguidamente e tendo em conta as características da presente investigação (i.e., qualitativo e exploratório) procedeu-se a análise de conteúdo. A análise de conteúdo pretende compreender as comunicações para lá dos seus significados imediatos, constituindo-se como uma forma de tratamento da informação contida nas mensagens (Bardin, 1977). Destarte, as referidas transcrições foram submetidas a um escrutínio com recurso à técnica de análise de conteúdo, onde foram definidas categorias, subcategorias e subcategorias secundárias, extraídas da leitura das entrevistas. As categorias, subcategorias e subcategorias secundárias foram inicialmente definidas pela investigadora. Em conjunto com a orientadora estas foram discutidas e examinadas no sentido de perceber a sua pertinência. Desta operação resultou a reformulação, fundição ou eliminação de categorias, resultando numa reestruturação do sistema de categorização criado. O sistema de categorias é definido como um conjunto de temas que constituem

conjuntos semanticamente coerentes de UR e que terão, cada um deles, um código específico aplicado durante o processo de codificação. Os códigos têm uma designação curta, tipo um “rótulo” de cada categoria e das respetivas subcategorias e uma definição por extenso de cada uma das categorias e subcategorias.

Neste processo foram definidas e identificadas Unidades de Registo (UR) e Unidades de Contagem (UC). As UR são compostas por determinadas palavras, temas, conceitos, ou símbolos que serão posteriormente interpretados (Reis, 2017). Cada UR deve ser uma unidade com significado específico e autónomo, constituída com base num critério semântico, o qual organiza os dados em torno de categorias temáticas (Bardin, 1977; Lima, 2013). Por seu turno, as UC dizem respeito ao número de descrições realizadas pelos sujeitos. O processo de codificação da informação foi realizado com auxílio do software informático *Nvivo 12*.

Após a conclusão do processo de codificação o Anexo E – Descrição dos Resultados foi partilhado com 3 juízes que verificaram as descrições das categorias, bem como os exemplos apresentados no sentido de avaliar a sua clareza e superar o problema da subjetividade da investigadora. Mediante o feedback oriundo das verificações o as categorias/ informação, sistema de categorização foi novamente reestruturado.

3. Apresentação dos Resultados

De modo a responder às questões de investigação colocadas apresentam-se, de seguida, os resultados obtidos a partir dos dados recolhidos. Assim, e após uma leitura cuidadosa de todas as entrevistas realizadas, criou-se um sistema de categorização, que permitiu a transformação dos dados brutos recolhidos e atingir uma representação do seu conteúdo (Resende, 2016).

Devido à extensão da informação recolhida optou-se por apresentar a análise detalhada dos resultados em anexo (Anexo E – Descrição dos Resultados). Já no Anexo F – Perspetiva Global das Entrevistas encontram-se duas tabelas-síntese onde é apresentada uma perspetiva global das entrevistas realizadas.

Os resultados da análise de conteúdo serão apresentados agrupados por temas referentes às dimensões centrais da investigação - Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior; Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior; e Tema E: Interação entre a estudante e a família. Originalmente foi concebido um sexto

tema - Tema F: Mudanças nas dinâmicas familiares após o ingresso na Universidade -, mas durante a codificação do discurso este tornou-se redundante e a informação foi codificada nos restantes temas.

Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior

O Tema C é relativo à perspetiva da estudante sobre o seu ingresso no Ensino Superior e tem como objetivo perceber como decorreu este processo, bem como identificar sentimentos, pensamentos e ações que o acompanharam. Junto dos progenitores procurou-se perceber qual a importância que estes atribuem ao Ensino Superior. Assim foram estabelecidos dois subtemas: “Entrada no Ensino Superior” / “Perceção sobre a entrada no Ensino Superior” e “Reação à entrada no Ensino Superior”.

Estudantes

Da análise do discurso das estudantes apresentam-se as seguintes categorias:

Tabela 3. Resultados Estudantes - Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior

Subtema	Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária
Entrada Ensino Superior	Motivos	Vontade de aprender	
		Benefícios no mercado de trabalho	
		Influência da Família	
	Papel dos pais	Apoio afetivo	Presente
		Apoio instrumental	Ausente
	Curso	Indecisão na escolha de curso Necessidade de formação Recomendações	
Reação ao ingresso no Ensino Superior	Sentimentos	Sentimentos Positivos	
		Sentimentos negativos	
	Perceção de Normalidade		

A Categoria 1: Motivos explora as razões que motivaram as alunas a frequentar o Ensino Superior. Aqui importa destacar no caso das estudantes a subcategoria “Vontade de aprender” que conta com verbalizações de todas as participantes e aponta para a

vontade de aumentar o seu conhecimento na área escolhida como principal motivo para o ingresso. A Categoria 2: Papel dos pais diz respeito às funções dos progenitores na fase inicial da experiência universitária da estudante, que incidiu sobre o apoio por eles fornecido. Por fim, a Categoria 3: Curso, incide sobre as variáveis preponderantes na escolha de curso por parte das estudantes. No subtema “Reação à entrada no Ensino Superior” surgiram 2 categorias: Sentimentos e Percepção de normalidade, que se prende com a noção de que a entrada na Universidade era a próxima etapa na vida da jovem.

Mães e Pais

No que toca aos dados recolhidos juntos dos pais e mães apresenta-se o seguinte o sistema de categorias:

Tabela 4. Resultados Progenitores - Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior

Subtema	Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária
		Questões de conhecimento	
	Importância do Ensino Superior	Benefícios no mercado de trabalho	Benefícios Presentes Benefícios Ausentes
		Influência da Família	
Percepção sobre a entrada no Ensino Superior	Papel dos pais	Apoio afetivo Apoio instrumental	Presente Ausente
	Percepção sobre a escolha de curso	Indecisão na escolha de curso Necessidade de formação	
Reação ao ingresso no Ensino Superior	Sentimentos	Sentimentos Positivos Sentimentos negativos	
	Percepção de Normalidade		

A Categoria 1: Importância do Ensino Superior remete para a importância atribuída à frequência da Universidade por parte de mães e pais, a Categoria 2: Papel dos pais, diz respeito ao papel dos progenitores na fase inicial da experiência universitária da estudante, e a Categoria 3 incide sobre a “Percepção sobre a escolha de curso”. O subtema

“Reação à entrada no Ensino Superior” apresenta as mesmas duas categorias encontradas no discurso das estudantes: Categoria 4: Sentimentos e a Categoria 5: Perceção de normalidade.

Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior

O Tema D diz respeito ao processo de adaptação das estudantes e dos seus progenitores ao Ensino Superior. Assim foram definidos como objetivos perceber se se verificaram mudanças na vida quotidiana das estudantes/ famílias; identificar quais as dificuldades sentidas; e por fim, identificar as estratégias utilizadas face às mudanças e dificuldades vivenciadas. Estes objetivos constituem os subtemas para o Tema D.

Estudantes

Da análise do discurso das estudantes criou-se o sistema de categorias, apresentado na tabela abaixo:

Tabela 5. Resultados Estudantes – Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior

Subtema	Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária
Mudanças nas rotinas quotidianas	Alterações no dia-a-dia	Organização da casa	Organização do estudo Tempo de lazer e Disponibilidade para a família
		Gestão de tempo	
Dificuldades sentidas	Manutenção das rotinas Pré-Universidade	Dificuldades emocionais	Sensação de desapego Stress
		Necessidade de autonomia não respeitada	Traços de personalidade
			Funcionamento da Universidade
Estratégias utilizadas face às mudanças	Estratégias cognitivas	Estratégias sociais	Contacto regular com os pais Apoio dos amigos pré-universitários
			Novas amizades

No subtema “Mudanças nas rotinas quotidianas” emergiram 2 categorias: Categoria 1: Alterações no dia-a-dia e Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade.

Na Categoria 3: Dificuldades emocionais, onde se encontra a subcategoria “Sensação de desapego” destaca os sentimentos de afastamento e de desvinculação expressados pelas estudantes, e encontra verbalizações de todas as estudantes deslocadas, e é bastante expressiva. Contrastando com os sentimentos de afastamento temos a Categoria 4: Necessidade de autonomia não respeitada, que remete para a perceção das estudantes de que a sua autonomia não é respeitada pelos seus pais e mães. Finalmente, a Categoria 5: Funcionamento da Universidade incide sobre as dificuldades relacionadas com a frequência de uma nova instituição de ensino.

No que toca às estratégias utilizadas face a estas alterações temos a Categoria 6: Estratégias cognitivas e a Categoria 7: Estratégias sociais. Aqui é evidente a preferência das jovens pelas estratégias sociais em detrimento das estratégias cognitivas, o que contrasta com o que se verificou no discurso dos progenitores.

Mães e Pais

Da análise do discurso dos progenitores criou-se o sistema de categorias, apresentado na tabela abaixo:

Tabela 6. Resultados Estudantes – Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior

Subtema	Categoria	Subcategoria	Subcategoria Secundária
Mudanças nas rotinas quotidianas	Alterações no dia-a-dia	Organização da casa	Organização do estudo
		Gestão de tempo	Tempo de lazer e Disponibilidade para a família
	Manutenção das rotinas Pré-Universidade		

Dificuldades sentidas	Dificuldades emocionais	Sensação de desapego Stress Traços de personalidade
	Adaptação aos horários da estudante	
Estratégias utilizadas face às mudanças	Estratégias cognitivas	Aceitação do crescimento das filhas Estratégias de evitamento Estratégias de habituação
	Estratégias sociais	Contacto regular com as filhas Apoio de amigos e colegas

A Categoria 1: Alterações no dia-a-dia concerne as alterações relatadas após o ingresso da estudante no Ensino Superior, onde se destacam as mudanças na organização da casa, mais frequente no discurso de progenitores com filhas deslocadas. Já progenitores de estudantes não deslocadas cujo discurso se encaixa mais frequentemente na Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade.

Ao nível das dificuldades expressadas temos a Categoria 3: Dificuldades emocionais, e à semelhança do que aconteceu com as estudantes, a subcategoria “Sensação de desapego” é bastante relevante no discurso de mães cujas filhas se encontram deslocadas. Já a Categoria 4: Adaptação aos horários da estudante concerne o processo de adaptação dos progenitores aos novos horários e rotinas das estudantes, albergando somente verbalizações de progenitores não deslocados.

A fechar o Tema D temos o subtema “Estratégias utilizadas face às mudanças” que alberga 2 categorias, nomeadamente “Estratégias cognitivas” e “Estratégias sociais”.

Tema E: Interação entre a estudante e a família

O Tema E destina-se a explorar as interações entre a estudante e a família, dado que esta é um produto das dinâmicas familiares existentes (Stamm & Miotto, 2003). Aqui estabeleceram-se 3 subtemas: Padrões de interação dentro dos subsistemas; Perceção sobre a família; e Processos de interação familiares.

Estudantes

No caso das estudantes apresentam-se as seguintes categorias:

Tabela 7. Resultados Estudantes – Tema E: Interação entre a estudante e a família

Subtema	Categoria	Subcategoria
Padrões de interação dentro dos subsistemas	Interação com os progenitores	Mãe-filha Pai-filha
	Complementaridade dos membros do casal	
	Limites entre subsistemas	Bem definida Mal definida
	Autonomia e liberdade	
	Responsabilidade	
Percepção sobre a família	Percepção relativa aos padrões de interação familiar	Insatisfatória Satisfatória
	Percepção relativa aos membros da família	Qualidades Defeitos
	Maior proximidade entre os membros da família	
	Crescimento pessoal da estudante Sentimentos de Pertença	
Processos de interações familiar	Resolução de problemas	Negociação Pedido de auxílio Resolução independente
	Tomada de Decisão	Decisões tomadas entre todos Decisões tomadas pelo casal Decisões unilaterais
	Tempo livre	Atividades em família Atividades do casal Atividades individuais

A Categoria 1: Interação com os progenitores, remete para os momentos destacados na entrevista em que as estudantes estão a conviver com um dos seus progenitores. A categoria 2 Complementaridade dos membros do casal, remete para a complementaridade das funções desempenhadas pelos membros do casal. Para além destas temos a Categoria 3: Limites entre subsistemas, e as Categorias 4: Autonomia e liberdade e 5: Responsabilidade, ambas bastantes expressivas no discurso das estudantes, a primeira contando com 13 verbalizações e a segunda com 10.

A Categoria 6 é referente à percepção de satisfação que cada participante tem sobre os seus padrões de interação familiar. Já a Categoria 7: Percepção relativa aos membros da família, aborda a percepção que as estudantes têm sobre os seus pais e mães. A Categoria 8 é intitulada “Crescimento pessoal da estudante” e a Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família é referente à aproximação emocional entre membros da família depois da entrada da estudante no Ensino Superior. Por fim temos a Categoria 10: Sentimentos de Pertença.

No que toca ao subtema “Processos de interação familiar” temos a Categoria 11: Resolução de problemas, a Categoria 12: Tomada de Decisão e a última categoria, Categoria 13: Tempo livre.

Mães e Pais

No caso dos progenitores criou-se o seguinte sistema de categorias:

Tabela 8. Resultados Estudantes – Tema E: Interação entre a estudante e a família

Subtema	Categoria	Subcategoria
Padrões de interação dentro dos subsistemas	Momentos relacionais	Mãe-filha Pai-filha
	Complementaridade dos membros do casal	
	Limites bem-definidos entre subsistemas	
	Autonomia e liberdade Responsabilidade	
Percepção sobre a família	Percepção relativa aos padrões de interação familiar	Insatisfatória Satisfatória
	Percepção relativa aos membros da família	Qualidades Defeitos
Processos de interações familiar	Maior proximidade entre os membros da família Crescimento pessoal da estudante Sentimentos de ambivalência	
	Resolução de problemas	Consenso Desvalorizar os problemas Pedido de auxílio Resolução independente
	Tomada de Decisão	Decisões tomadas entre todos Decisões tomadas pelo casal

	Decisões unilaterais
	Atividades em família
Tempo livre	Atividades do casal
	Atividades individuais

A Categoria 1: “Interação com os progenitores”, remete para os momentos destacados na entrevista em que os progenitores estão a conviver com a estudante. As restantes categorias são: Categoria 2: Complementaridade dos membros do casal que remete para a complementaridade das funções desempenhadas pelos membros do casal; Categoria 3: Limites bem-definidos entre subsistemas que se refere à clara distinção entre os subsistemas filial e parental; Categoria 4: Autonomia e liberdade destaca o reconhecimento por parte dos progenitores da autonomia e liberdade experienciada pelas estudantes; e Categoria 5: Responsabilidade que incide sobre a responsabilidade que acompanha a autonomia e liberdade conquistadas pelas jovens.

A Categoria 6: Perceção relativa aos padrões de interação familiar corresponde à perceção de satisfação que cada participante tem sobre os seus padrões de interação familiar. Também a Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família, tem que ver com a perceção dos pais e mães sobre as estudantes. As restantes categorias são: Categoria 8: Crescimento pessoal da estudante, Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família e Categoria 10: Sentimentos de Ambivalência. Ficou patente no discurso dos progenitores, independentemente do estatuto residencial das estudantes, o reconhecimento do desenvolvimento das filhas desde o início do seu percurso académico em diversas categorias, nomeadamente em “Autonomia e liberdade”, “Responsabilidade” e “Crescimento pessoal da estudante”.

No último subtema “Processos de interação familiar” emergiram 3 categorias: Categoria 11: Resolução de problemas, remete para o decorrer do processo de resolução de problemas de cada família; a Categoria 12: Tomada de Decisão e a Categoria 13: Tempo livre incide sobre a forma como os participantes passam o seu tempo livre.

4. Discussão

Apresentados os resultados obtidos após a análise dos dados recolhidos importa compará-los à literatura existente. Note-se que a discussão dos resultados segue o mesmo modo de apresentação adotado no ponto “Apresentação de Resultados”.

Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior

No tema que aborda a atribuição de significado quer por parte das estudantes quer por parte dos seus progenitores ao ingresso no Ensino Superior os participantes foram inquiridos sobre as suas vivências e motivações que culminaram na decisão de frequentar a Universidade.

Estudantes

De acordo com as estudantes a sua principal motivação para frequentar o Ensino Superior foi o seu interesse pela área escolhida e vontade aumentar o seu conhecimento nela. Assim a subcategoria intitulada “Vontade de aprender” é a que mais se destaca, sendo mencionada por todas as participantes. Na literatura os principais motivos para a escolha de curso e instituição a frequentar em alunos matriculados pela primeira vez no Ensino Superior são a vocação e as perspetivas de emprego (Tavares et al., 2008). Igualmente quando o estudante decide ingressar na Universidade estabelece objetivos de mestria que recaem precisamente sobre a tentativa de aprender e ganhar competências na área escolhida (Johnson et al., 2016).

A relevância da família nesta fase precoce, mas orientadora do percurso académico sai reforçado no discurso das estudantes entrevistadas que mencionam com frequência as influências das expectativas da família. Isto vai ao encontro do postulado por Bardagi e Hutz, 2008, que destacam a importância da participação parental no desenvolvimento de carreira dos filhos. Também Domene e colaboradores, em 2011, apontam para a relevância das relações sociais de um jovem, particularmente com os pais e família, na tomada de decisões e nas ações adotadas durante este período. Não obstante, quando inquiridas sobre o papel dos seus progenitores nesta fase todas as respostas convergiram para a função de dar apoio. Tal também é evidenciado por Silva e Ferreira, em 2009, que definem as funções familiares aquando da frequência no Ensino Superior, precisamente, em termos do apoio à adaptação da jovem e do auxílio ao processo de separação/individuação fruto do seu desenvolvimento.

O apoio parental destaca-se na literatura como valioso para os alunos durante a Universidade (Schwartz & Buboltz, 2004). Em vários estudos, altos níveis de apoio parental foram relacionados a altos níveis de ajuste psicológico nesta população (Halamandaris & Power, 1999; Mounts et al., 2006). Na verdade, a literatura mostra consistentemente que as aspirações dos adolescentes são influenciadas pelas expectativas que os seus pais têm em relação a eles (Taylor et al., 2004). Estes autores referem também que as mães têm mais impacto na escolha de carreira, quando comparado com os pais. Isto vai ao encontro de alguns dados obtidos junto dos participantes, já que duas estudantes – FD1 e FD3 - envergaram por cursos nas mesmas áreas de trabalho das mães. Apesar disto, verificou-se que por vezes os progenitores têm dificuldades em auxiliar a estudante. Assim conceptualizou-se a subcategoria secundária “Apoio instrumental ausente” que só apresenta verbalizações de estudantes não deslocadas. Ambas manifestaram o desejo de sair de casa para estudar, mas os seus pais não tinham possibilidades financeiras para tal. Aqui se comprova como as circunstâncias financeiras da família podem afetar o percurso académico da estudante e como a permanência na residência dos pais permite mitigar os estes encargos financeiros (Bozick, 2007; Turner, 2004).

Note-se que apesar de não ser um requisito para a participação no presente trabalho todos os progenitores participantes não frequentaram o Ensino Superior. Este detalhe pode impactar a adaptação, não só dos próprios como também das estudantes, podendo constituir-se como um obstáculo, já que as estudantes não têm conhecimento pessoal da experiência universitária (Dennis et al., 2005). A origem social do agregado familiar, incluindo o seu nível de escolaridade, assume, deste modo, bastante relevância na explicação de condições e comportamentos dos estudantes (Saavedra et al., 2004).

No que toca à reação às colocações na Universidade de Évora parece haver, entre as estudantes, sentimentos contraditórios, já que quando comparadas as subcategorias “Sentimentos Positivos” (UR=5; UC=8) e “Sentimentos Negativos” (UR=4; UC=7) apresentam valores muito semelhantes. Estes resultados podem ser interpretados à luz não só das tarefas desenvolvimentais existentes na transição entre a adolescência e a idade adulta, mas também dada a complexidade dos desafios que esperam os recém-universitários (Almeida & Cruz, 2010). Mais, para alguns estudantes a entrada na Universidade pode ser entusiasmante devido à maior liberdade, outros poderão sentir

ansiedade devido ao aumento de responsabilidade e potenciais ameaças ao seu bem-estar (Ferreira et al., 2001; Granja & Mota, 2018).

Mães e pais

No que corresponde ao discurso das mães e pais a entrada no Ensino Superior é tida como muito positiva, o que vai ao encontro da literatura consultada (Karp et al., 1998; Mulder & Clark, 2002). Isto verifica-se também nas reações dos progenitores ao ingresso, onde se verifica que todos os 10 progenitores experienciaram sentimentos positivos, nomeadamente de orgulho, felicidade, alívio, entre outros. Apenas uma mãe cuja filha se encontra em condição de deslocada referiu ter sentido receio desta nova etapa. Neste ponto é de destacar a categoria “Perceção de normalidade” que cobre a ideia de que a entrada na Universidade era a próxima etapa do percurso de vida das estudantes. Esta conta com as verbalizações de 4 progenitores que verbalizaram frequentemente esta noção (UC=11). A existência de um ciclo de vida familiar que prevê transições normativas, descrito por Goldenberg e Goldenberg, em 2013; Nave e Jesus, em 2005; Silva e Ferreira em 2009 entre outros, poderá ajudar mães e pais a encarar estes eventos com mais tranquilidade.

Para os progenitores, a importância de frequentar este nível de ensino recai principalmente sobre as vantagens no mercado de trabalho e no futuro profissional da estudante. Ainda assim, e ao contrário das estudantes, os progenitores apresentam preocupações a este nível, acreditando que atualmente ter um curso superior não é suficiente para assegurar um bom emprego. Possivelmente tal pode ser explicado pela perceção dos pais sobre as atuais dificuldades de empregabilidade no panorama económico português. Por outro lado, as estudantes que agora iniciam a sua caminhada académica fazem-no com esperança de que conseguirão atingir os seus objetivos de carreira. Outra possível explicação para esta discrepância entre as perceções de estudantes e progenitores, com experiências educacionais e profissionais diferentes, passa pelas mudanças tecnológicas e sociais ao nível do mercado de trabalho (Cheong et al., 2018).

Em termos do apoio prestado às estudantes, todas as mães e pais referiram a presença de apoio afetivo, sob a forma de escuta, conselhos e incentivo. A nível de apoio instrumental a ajuda financeira é a que se destaca. Com o crescimento das jovens é de esperar que elas desenvolvam mais competências, havendo a tendência para que a ajuda

parental se torne menos prática, passando por dar conselhos (Harper et al., 2020). Isto permite às alunas um pensamento autónomo e ações independentes (Harper et al., 2020).

Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior

Seguidamente, temos o tema D que trata o processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior, na forma das mudanças e dificuldades sentidas pelos participantes, bem como estratégias utilizadas para gerir estas alterações.

Estudantes

No que concerne às mudanças nas suas rotinas quotidianas as estudantes destacam a necessidade de gerir o seu tempo, principalmente na conciliação do seu tempo pessoal com o tempo dedicado à Universidade e à família. Isto parece ser transversal às estudantes independentemente do seu estatuto residencial. Na realidade, um estudante universitário é confrontado com a necessidade de adquirir capacidades para gerir a sua vida quotidiana, onde se encontra a gestão de tempo e conciliação das tarefas universitárias, e outros aspetos da sua vida, como atividades de lazer ou o tempo passado com os progenitores (Bozick, 2007; Freitas et al., 2007; Tavares, 2014).

Em termos de dificuldades neste processo de adaptação, surgiram três categorias. A primeira, e mais proeminente, são as dificuldades emocionais experienciadas pelas jovens. Nela destaca-se o stress vivenciado, descrito na literatura como resposta aos desafios presentes no novo contexto (Candeias et al., 2019). Por outro lado, o stress descrito pode ser associado às crises normativas ou transições no ciclo de vida da estudante e da família (McGoldrick et al., 2016). Note-se que os níveis de stress relatados por estudantes tendem a ser mais elevados no início do ano, precisamente devido ao período de adaptação ao novo contexto (Friedlander et al., 2007, cit. por de Oliveira & Dias, 2014). Do mesmo modo, as estudantes relataram sentimentos de afastamento dos seus progenitores, mais proeminentes no início da sua experiência académica. A vinculação parental cumpre duas funções na vida dos universitários, nomeadamente serve de porto seguro, onde a jovem se pode refugiar e como uma base segura a partir da qual a jovem pode explorar o novo ambiente (Hazan & Shaves, 1994). Para além disso, a literatura postula que o apoio social da família e/ou de outras figuras significativas é uma variável muito importante na integração do estudante no contexto académico (Fernandes, 2014; Smith et al., 2012). Assim manter as relações formadas antes da Universidade pode ser crucial na adaptação e superação de obstáculos.

Contrariamente aos sentimentos de separação dos progenitores, o envolvimento intenso e intrusivo por parte destes pode retirar à estudante o seu sentido de autonomia e competência, conduzindo a uma distância psicológica entre progenitores e filhos (Schiffirin et al., 2014). Afigura-se que a participante FND5 poderá estar a vivenciar dificuldades desta ordem já que ela sente que a sua necessidade de autonomia não é respeitada. A jovem apresenta-se compreensiva para com os pais e com as mudanças que aconteceram na sua casa desde a sua entrada na Universidade, mas não sente que este exercício é reciprocado por eles. A jovem afirma: *“É assim, eu há 19 anos que socializo com eles, e estou com eles e faço a minha vida com eles, e sinto que agora estou numa altura em que preciso de... Eu acabo por neste momento querer conhecer outras pessoas, e estar com outras pessoas”*. Aqui fica exemplificado o postulado por Silva e Ferreira, em 2009, na questão da autonomia da jovem e da importância das relações interpessoais extrafamiliares para garantir que esta se desenvolve. Para impulsionar estas iniciativas de exploração das relações sociais é necessário apoio parental (Silva & Ferreira, 2009). Na sua ausência, juntamente com a falta de escuta relatada e com os conflitos que surgem a evolução da família fica comprometida, sendo necessário encontrar padrões de funcionamento mais adequados às mudanças na vida da filha que refletem mudanças em todo o sistema (Minuchin & Fishman, 1981; Segrin & Flora, 2011).

Outro conjunto de dificuldades mencionadas pelas estudantes prende-se com as diferenças de ensino em comparação com o Ensino Secundário. Na verdade, as mudanças que os estudantes encontram na Universidade em termos de exigência ao nível académico, como descreveram Ferraz e Pereira, 2003, são muito dispares do vivido até então no seu percurso académico e é necessário haver um ajustamento. Aqui destaca-se a subcategoria “Relação com os docentes” que aborda a adaptação às novas metodologias de ensino e à relação estabelecida com os docentes. É curioso que 3 participantes mencionaram temer os docentes devido a expectativas criadas depois de falarem com colegas mais velhos. Quando entraram na Universidade ficaram surpreendidas pela positiva com os moldes de ensino e com a interação estudante-professor. Isto é um sinal positivo já que o apoio do corpo docente, pode ter um papel importante na integração das jovens (Costa & Leal, 2004).

Face às vicissitudes da Universidade, com a procura de independência, mas também com o constante teste às capacidades dos estudantes, estes adotam estratégias

concretas para maximizar a probabilidade de sucesso nas tarefas (Karp et al., 1998). Verificou-se junto dos participantes deste estudo que as jovens preferem estratégias sociais e a procura de apoio junto de outras pessoas, nomeadamente os seus pares ou os seus pais como forma de superar dificuldades. Na realidade, o estudante universitário tem na família e no grupo de pares o suporte social fundamental na adaptação, na promoção da saúde, na redução do isolamento e no aumento da autoestima (Cruz, 2008). Quando não há este suporte, e o estudante não pede ajuda para resolver os seus problemas, pode desenvolver defesas que conduzem ao isolamento e solidão (Costa & Leal, 2008; Mounts et al., 2006). Particularmente a entreajuda entre alunos do 1º ano parece ter um papel saliente como fator facilitador na integração das participantes. É interessante perceber que as estratégias utilizadas pelos progenitores para lidar com as suas dificuldades são fundamentalmente estratégias cognitivas. Isto talvez possa ser explicado pela fase desenvolvimental das jovens, onde as relações sociais têm uma grande importância (Arnett, 2007).

Mães e pais

Passando para a explanação dos resultados obtidos juntos das mães e pais participantes, e começando pelas alterações sentidas no dia-a-dia, destacam-se mudanças na organização da casa, nomeadamente ao nível dos encargos domésticos e tarefas a realizar. Um casal que se encontra sem os filhos a morar na sua residência tem um novo conjunto de tarefas e atividades a repartir por ambos os membros (Nave & Jesus, 2005). A manutenção das rotinas familiares em vigor antes do ingresso da filha foi descrita por 6 participantes, 4 de famílias cujas filhas permaneceram a coabitar com os pais. Nestes casos onde a coabitação se manteve, pais e mães mencionaram algumas dificuldades na adaptação aos novos horários da estudante.

A nível das dificuldades emocionais relatadas pelos pais e mães destaca-se a sensação de desapego mencionada por 3 mães (UC=16) e 2 pais (UC=6) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=3) e 1 pai (UC=2) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual. Por estes números podemos verificar que esta dificuldade foi mais saliente no discurso de mães que se encontram longe das filhas. Estes resultados podem ser interpretados à luz da importância que o papel de mãe tem na vida de uma mulher, que agora precisa de aceitar o crescente afastamento da jovem (Raup & Myers, 1989).

Como forma de lidar com as dificuldades mencionadas os pais entrevistados parecem utilizar maioritariamente estratégias cognitivas como evitar pensar que a filha se encontra longe, ou estratégias de habituação onde as dificuldades só são ultrapassadas com o passar do tempo. As estratégias de habituação relacionam-se com a rotina do dia-a-dia, já que as pessoas encontram maneiras de vivenciar a novidade e encontram maneiras de fundi-la com as atividades diárias (Karp et al., 1998). Destaca-se com o maior número de verbalizações a aceitação do crescimento das filhas como forma de ultrapassar dificuldades. Isto vai ao encontro do postulado por Goldscheider e Goldscheider, em 1998, que afirmam que a família tende a ver a saída do jovem adulto de casa como uma mudança normal no seu percurso de vida e como um bom indicador do seu crescimento. No caso das estratégias sociais utilizadas todos os pais e mães entrevistados referem ter feito um esforço para manter alguma proximidade da estudante utilizando meios de comunicação à distância. A literatura sublinha a importância de manter uma relação equilibrada entre pais e estudantes universitários, sendo que se verifica um aumento geral no uso de tecnologias de comunicação para manter essa relação (Smith et al., 2012).

Tema E: Interação entre a estudante e a família

Por último, encontra-se o tema E que diz respeito aos padrões de interação da família. Este tema tinha como propósito compreender quais os padrões de interação dentro dos subsistemas, qual a perceção de cada participante sobre a sua família e, por fim, ter uma descrição dos processos de interação familiares.

Estudantes

Na exploração das relações familiares no discurso das estudantes, por vezes, a relação com um dos progenitores foi enfatizada, sendo possível perceber a divisão de papéis desempenhados por mães e pais. Num sistema familiar cada membro desempenha determinadas funções, constantemente rearranjadas, que resultam nos padrões de interação (Stamm & Mito, 2003). Durante a transição para o Ensino Superior os adolescentes relatam sentir-se próximos dos pais, principalmente das mães (Moser et al., 1996, cit. por Mounts et al., 2006). Os resultados obtidos corroboram esta afirmação já que 3 participantes deram mais ênfase à relação com a mãe enquanto que apenas 1 enfatizou a relação com o pai. Quando a família desempenha os papéis de mãe, pai, filho, esposa, marido estabelece uma estrutura mínima de atividades e relações (Dessen & Polonia, 2007). Assim se estabelecem os subsistemas da família, com os seus limites,

sendo que quando os limites são claramente definidos, os problemas familiares podem ser minimizados (Connell, 2010). A regulação e manutenção dos limites faz parte de uma série de comportamentos familiares que promove a coesão (Segrin & Flora, 2011). Pela análise do discurso dos participantes parece haver limites bem definidos entre os subsistemas parental e filial.

De acordo com Chickering e Reisser em 1993, é de esperar que estudantes universitários desenvolvam capacidades que lhes permitam funcionar de forma autossuficiente, e, portanto, autónoma (Evans et al., 2010). Na categoria que reflete esta capacidade - “Autonomia e liberdade” - temos 4 participantes, com um total de 13 verbalizações, das quais 10 estão distribuídos pelas 3 participantes em condição de deslocadas. Este sentimento pode ser mais acentuado nas estudantes deslocadas já que estas deixam de ter o conforto e a segurança de ter os pais ali presentes para si (Candeias et al., 2019; Granja & Mota, 2018). Por outro lado, quando os pais têm comportamentos de controlo, o sentido de autonomia pessoal das alunas pode ser diminuído (Schiffrin et al., 2014). No caso de as jovens residirem com os seus pais o nível de controlo será sempre maior, já que as rotinas do dia-a-dia têm de acomodar todos os membros da família, bem como os padrões previamente estabelecidos. Associado à liberdade e à autonomia mencionadas está um reforçado sentido de responsabilidade (Candeias et al., 2019). Assim os resultados obtidos na categoria “Responsabilidade” seguem a mesma tendência, contando com o contributo de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=8) e de 1 participante em condição de não deslocada (UC=2). Estes resultados atestam que a autonomia e a responsabilidade ganham importância redobrada após a entrada no Ensino Superior (Oliveira & Dias, 2014).

Em termos de dinâmicas familiares, interessa mencionar o caso da participante FND4, que relata que a relação com os seus pais melhorou com a entrada na Universidade. Isto vai contra o postulado por Whiteman, McHale e Crouter, em 2011, já que jovens adultos que saíram de casa para frequentar a Universidade relataram maior afeto, comunicação e satisfação na sua relação com os pais, em comparação com jovens que permaneceram a residir na casa dos pais. Ainda assim tal pode ser explicado pelo desenvolvimento de relações mais maduras e com o aumento da capacidade de intimidade da jovem, previstas no vetor 4 da teoria do Chickering e Reisser em 1993 relativamente ao desenvolvimento psicossocial de estudantes universitários (Evans et al., 2010).

Continuando a abordar as dinâmicas familiares, no que toca à resolução de problemas a literatura diz que quando surgem novos problemas nas famílias, os membros frequentemente usam os mesmos métodos, utilizados no passado, para restabelecer a homeostasia perdida (Minuchin et al., 2007; Segrin & Flora, 2011). Do discurso das estudantes emergiram 3 estratégias para abordar os problemas: negociar na tentativa de chegar a um consenso, pedir ajuda ou tentar resolver de forma independente. Estas estratégias parecem ser utilizadas em simultâneo já que participantes se inserem em mais do que uma categoria. Por sua vez, na tomada de decisão, verificou-se que as participantes tomavam as suas decisões em família, delegavam a decisão para os pais ou decidiam sozinhas. Na verdade, parte da nova autonomia das jovens passa pela sua capacidade de tomar decisões com menos apoio dos pais (Smith et al., 2012). Num panorama geral famílias muito coesas, que passam o máximo de tempo juntas, tomam muitas decisões em família (Segrin & Flora, 2011). Já famílias com baixa coesão apresentam uma excessiva autonomia no que toca à tomada de decisões (Segrin & Flora, 2011).

Mães e pais

A transição para a idade adulta é um projeto familiar já que em conjunto os jovens e os seus progenitores estão envolvidos no desenvolvimento de independência e autonomia dos jovens, além de participarem nos processos psicológicos associados à vida adulta (Domene et al., 2011). As mães e pais participantes reconhecem a nova autonomia e liberdade adquirida pelas jovens estudantes. A maioria relata entender que esta mudança é necessária e faz parte do crescimento da jovem, contudo é difícil vivenciar esta fase de maior independência dos filhos. Estes sentimentos de ambivalência relatados, refletem um sentimento de separação e de perda na família, mas, por outro, traduzem o sucesso dos progenitores nas funções parentais (Nave & Jesus, 2005). O desenvolvimento das filhas é também reconhecida por 7 dos 10 progenitores participantes que identificaram o desenvolvimento e crescimento pessoal da estudante desde a sua entrada no Ensino Superior. O desenvolvimento e surgimento de novas capacidades vem dos inúmeros desafios e tarefas que os alunos têm de conjugar durante a sua frequência na Universidade (Karp et al., 1998).

No que toca aos processos de interação familiar, e especificamente à resolução de problemas surgiu uma subcategoria – “Adiamento da resolução do problema” – não mencionada pelas estudantes. Esta refere-se aos problemas que não são abordados nem

resolvidos pelos membros da família quando emergem. Na base desta subcategoria pode estar a dificuldade de comunicação entre membros da família que dificulta o seu desenvolvimento, nomeadamente a sua capacidade de adaptação e coesão (Segrin & Flora, 2011). Também nos processos de tomada de decisão verificaram-se diferenças entre o discurso de filhas e progenitores. As filhas não se sentem em pé de igualdade com os pais, sentindo que por vezes a sua opinião não é aceite ou solicitada. Apenas 3 estudantes sentem que as decisões são tomadas entre todos os membros da família, comparado com 9 progenitores - 4 destes não tem laços familiares com as 3 estudantes que constituem esta subcategoria. Talvez isto possa ser interpretado pela hierarquia familiar, pois apesar de a jovens estarem mais autónomas e independentes, continuam a estar submetidas à autoridade do subsistema parental (Katz & Davey, 1978). Finalmente, no que toca aos tempos livres, os participantes relatam fazer um esforço – nem sempre possível de atingir – de passar algum tempo os 3 juntos. Apesar das dificuldades para alguns participantes há uma tentativa de arranjar tempo para a família e conversar com as estudantes. Também ficou patente que o casal tende a fazer atividades só os dois. Efetivamente, com a saída das filhas de casa pode haver um grande desenvolvimento afetivo entre o casal (Minuchin & Fishman, 1981).

Conclusões

O presente estudo teve como objetivo perceber se existem alterações nas dinâmicas familiares após a entrada de uma filha única no Ensino Superior, bem como perceber se estas alterações são influenciadas pelo estatuto residencial de deslocada ou não deslocada da estudante. Assim o foco do estudo passou por explorar as vivências dos pais que também precisam de se ajustar à nova etapa da vida das filhas, já que eventos externos intervêm para modificar a realidade da família (Minuchin et al., 2007). Além do mais, este estudo permitiu pôr em evidência quais as mudanças, sentimentos e preocupações concretas que afetam pais e mães no que concerne a entrada de filhas únicas na Universidade, bem como quais as estratégias para lidar com elas, pouco descritas e detalhadas na literatura.

É possível concluir que a entrada na Universidade de uma filha única obriga a mudanças nas rotinas, organização da casa e atividades da família, de modo a acomodar as necessidades da jovem. Progenitores cujas filhas se encontram deslocadas parecem relatar mudanças mais substanciais no seu dia-a-dia. Igualmente a entrada no Ensino

Superior coincide com a transição do jovem para a idade adulta e, de acordo com Arnett, 2007, esta fase desenvolvimental é um período de exploração da identidade, de instabilidade em relação à identidade pessoal e social, de autocentração e de sentimentos de ambivalência. O stress associado a este momento é vivenciado por toda a família, e pode testar a sua adaptabilidade, já que esta tem de se ajustar e mudar alguns padrões, regras e distribuição de tarefas que, eventualmente, deixaram de ser os mais adequados, embora mantendo algum grau de estabilidade (Olson et al., 1979; Place et al., 2005). A relação do jovem com os seus pais é um fator importante para facilitar a transição bem-sucedida para a vida adulta (Domene et al., 2011). Nesta altura da vida das jovens marcada por numerosas mudanças, os progenitores têm de auxiliar a jovem, ao mesmo tempo que precisam de aceitar e redefinir o seu papel enquanto mães e pais, ajustando-se às suas necessidades. A título de exemplo, os progenitores podem facilitar processos como a transferência do controlo de vários aspetos da vida do jovem, antes responsabilidade parental, para o jovem, mantendo (ou melhorando) a qualidade da sua relação (Domene et al., 2011). Os progenitores encontram-se numa posição delicada, precisando de conjugar a liberdade dada à filha com os recursos e regras existentes na família, já que a jovem é dependente em áreas como a financeira, mas independente noutros aspetos (Arnett, 1997; Karp et al., 1998).

Não obstante quer os pais e mães entrevistados cujas filhas se encontravam em situação de deslocadas quer em situação de não deslocadas, mostraram-se satisfeitos e apoiaram a decisão das jovens de continuar o seu percurso académico, no Ensino Superior (Mulder & Clark, 2002). Por outro lado, e ao nível das dificuldades, as mães parecem relatar mais problemas e preocupações quando comparadas com os pais. Também em termos de dificuldades, a família que relatou maiores dificuldades ao nível da comunicação é também aquela cuja filha (FND5) relata mais dificuldades em termos de adaptação, o que poderá ser indicativo da importância da comunicação familiar no processo de adaptação ao Ensino Superior.

A presente investigação não pretende realizar qualquer tipo de generalização dos resultados obtidos, mas sim aprofundar a forma como os sujeitos implicados no estudo experienciaram esta nova fase da vida da família. Todavia importa evidenciar algumas limitações do presente estudo. Começando com as limitações inerentes às metodologias de investigação qualitativa é possível referir a subjetividade do investigador, bem como

o facto de os dados serem obtidos através do autorrelato, influenciado por fatores como a desejabilidade social (Willig, 2013). Adicionalmente, o número de participantes do estudo é reduzido, e não há equivalência em quantidade nos grupos do estudo – deslocados vs. não deslocados. Por outro lado, pouca ênfase foi dada à relação do casal, o que poderia revelar-se interessante no sentido de perceber se houve alterações depois do ingresso da filha na Universidade. Acresce que não existem estudos nestes moldes em Portugal e a literatura nacional referente à temática do Ensino Superior é um pouco datada, e, assim, possivelmente desatualizada. Finalmente, e atendendo aos objetivos definidos a questão da comunicação familiar poderia ter sido melhor conceptualizada, por forma a avaliá-la mais concretamente. Por exemplo, conjuntamente com a entrevista, poderiam ter sido utilizados instrumentos de avaliação quantitativa sobre a temática da comunicação, como Family Communication Patterns Questionnaire (Gupta, 2019). Estes instrumentos seriam aplicados individualmente a cada participante e interpretados de forma qualitativa.

Além do mais seria interessante que o presente estudo servisse de ponto de partida para estudar o papel/ importância da família aquando do ingresso no Ensino Superior. Assim este estudo poderia ser alargado para famílias com filhos rapazes ou com mais do que um filho/a. Por outro lado, poderia estudar-se a importância da família à medida que o estudante avança no seu percurso académico. Mais, estudar o caso de outras Universidades poderá ser pertinente já que a instituição de ensino tem impacto no ajustamento dos seus estudantes (Rodrigues, 2010). A variável relacionada com as habilitações literárias dos pais também poderá ser controlada no sentido de perceber se a sua frequência num curso superior tem influência nos sentimentos, dificuldades ou outros aspetos relatados neste estudo. No sentido de evidenciar potenciais diferenças poderia ser feita uma comparação entre grupos de pais que frequentaram a Universidade e pais que não o fizeram. Por fim, poderia ser interessante explorar melhor a importância da comunicação nas questões aqui estudadas.

Em suma, o presente estudo evidencia a complexidade envolvida no processo de entrada na Universidade, já que os alunos vivenciam mudanças em várias áreas da sua vida – social, afetiva, académica, familiar, entre outras. Estas mudanças afetam largamente a vida dos progenitores que necessitam de se ajustar ao crescimento dos alunos, enquanto, simultaneamente, têm de se manter disponíveis e presentes para o

estudante. Posto isto, o presente trabalho pode ter implicações práticas na transição para o Ensino Superior. Primeiramente, e no caso de problemas de adaptação, é importante dar aos estudantes ferramentas para compreender e gerir a relação com os seus pais, já que estes têm influência neste processo. Por outro lado, nas questões de autonomia dos estudantes, pode ser desenvolvido junto dos pais intervenções no sentido de os ajudar a processar, aceitar e promover autonomia nos estudantes. Para isto é necessário reconhecer e validar as dificuldades experienciadas pelos progenitores. No sentido de mitigar as dificuldades mencionadas as universidades podem desenvolver iniciativas que facilitem a socialização dos alunos de primeiro ano. No caso das dificuldades sentidas pelos pais também podem ser promovidas iniciativas que permitam um maior envolvimento parental na experiência universitária dos filhos. Estas iniciativas devem ser equilibradas permitindo que os pais se sintam mais tranquilos e preparados para ajudar o estudante, mas ao mesmo tempo deixando espaço para que o aluno seja o responsável pelo seu percurso académico dentro e fora da Universidade. A título de exemplo poderia ser promovido o convívio entre pais de estudantes do 1º ano e pais de estudantes de anos mais avançados de modo a existir a troca de vivências e a criação de uma rede de suporte.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 89–102. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2007000100009>
- Alliman-Brissett, A. E., Turner, S. L., & Skovholt, T. M. (2004). Parent support and African American adolescents' career self-efficacy. *Professional School Counseling*, 7(3), 124-132. <http://www.jstor.org/stable/42732554>
- Almeida, L., & Cruz, J. F. (2010). Transição e adaptação académica: reflexões em torno dos alunos de 1º ano da Universidade do Minho. *Ensino Superior Em Mudança: Tensões e Possibilidades*, 429–440. <http://hdl.handle.net/1822/11543>
- Almeida, L., Gonçalves, A., Salgueira, A., Soares, A., Machado, C., Fernandes, E., Machado, J., & Vasconcelos, R. (2003). Expectativas de envolvimento académico à entrada na Universidade: estudo com alunos da Universidade do Minho. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 8(1), 3–15.
- Almeida, L., Guisande, M. A., Soares, A. P., & Saavedra, L. (2006). Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: questões de género, origem sócio-cultural e percurso académico dos alunos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 507–514. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000300020>
- Almeida, L., Soares, A. P., & Ferreira, J. (2000). Transição e adaptação à Universidade. Apresentação de um Questionário de Vivências Académicas (QVA). *Psicologia*, 14(2), 189–208. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v14i2.510>
- Almeida, L., Soares, A. P., & Ferreira, J. (2001). Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no Ensino Superior: Construção do Questionário de vivências Académicas. *Methodus: Revista Científica e Cultural*, 3(5), 3–20. <http://hdl.handle.net/1822/12082>
- Almeida, L., Soares, A. P., Guisande, M. A., & Paisana, J. (2007). Rendimento académico no Ensino Superior: estudo com alunos do 1º ano. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación: Revista de Estudios e Investigación En Psicología y Educación*, 14(14), 207–220. <http://hdl.handle.net/1822/12071>

- Anderson, S. (1988). Parental stress and coping during the leaving home transition. *Family Relations*, 37(2), 1690–165. <https://www.jstor.org/stable/584314>
- Andolfi, M. (2018). Salvador Minuchin: teacher of life and family therapy pioneer. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 39(2), 257–259. <https://doi.org/10.1002/anzf.1298>
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427–454. <https://doi.org/10.1007/BF02202939>
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & society*, 29(1), 3-23. <https://doi.org/10.1177/0044118X97029001001>
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68–73. <https://doi.org/10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x>
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2008). Apoio parental percebido no contexto da escolha inicial e da evasão de curso universitário. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 31–44.
- Bardin, I. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições Setenta.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Bazeley, P. (2013). *Qualitative data analysis: Practical strategies*. Sage Publications
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1991). Parental attachment and emotional distress in the transition to college. *Journal of Youth and Adolescence*, 20(4), 427–440. <https://doi.org/10.1007/BF01537184>
- Borland, D. C. (1982). A cohort analysis approach to the empty-nest syndrome among three ethnic groups of women: A theoretical position. *Journal of Marriage and the Family*, 44(1), 117–129. <https://doi.org/10.2307/351267>

- Bozick, R. (2007). Making it through the first year of college: The role of students' economic resources, employment, and living arrangements. *Sociology of Education*, 80(3), 261–285. <https://doi.org/10.1177/003804070708000304>
- Bray, J. H., & Stanton, M. (Eds.). (2012). *The Wiley-Blackwell handbook of family psychology*. John Wiley & Sons.
- Candeias, A., Alves, A. R., Assis, C., Fernandes, C., & Dias, C. (2019). Bem-estar e vulnerabilidade ao stress em estudantes do Ensino Superior. In A. Candeias, (2020) *Desenvolvimento ao longo da vida: Aprendizagem, Bem-estar e Inclusão* (pp. 148–162). Universidade de Évora.
- Canha, J. (2009). *Adaptação, saudades de casa e sintomatologia depressiva nos estudantes deslocados* [Master's thesis, Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/2142>
- Cheong, K. C., Hill, C., Leong, Y. C., Zhang, C., & Zhang, Z. (2018). “Parents just don't understand”— generational perceptions of education and work. *Higher Education Evaluation and Development*, 12(2), 85-98. <https://doi.org/10.1108/HEED-06-2018-0016>
- Chipuer, H. M. (2001). Dyadic attachments and community connectedness: Links with youths' loneliness experiences. *Journal of Community Psychology*, 29(4), 429–446. <https://doi.org/10.1002/jcop.1027>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Connell, C. (2010). Multicultural perspectives and considerations within structural family therapy: the premises of structure, subsystems and boundaries. *Rivier Academic Journal*, 6(2), 1–6. <https://www2.rivier.edu/journal/roaj-fall-2010/j461-connelle-multicultural-perspectives.pdf>
- Costa, E. S., & Leal, I. (2004). Estratégias de coping e saúde mental em estudantes universitários de Viseu. *Acta Do 5º Congresso Nacional de Psicologia de Saúde.*, 1991, 157–162.

- Costa, E. S., & Leal, I. (2008). Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do Ensino Superior – Avaliar para intervir. *Actas Do 7º Congresso Nacional de Psicologia Da Saúde*, 213–216. <http://www.isabel-leal.com/Portals/1/PDFs/7congresso/vii-congresso-saude-pp-213-216.pdf>
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2012). Normative family transitions, couple relationship quality, and healthy child development. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes: Growing diversity and complexity* (pp. 428–451). The Guilford Press.
- Crosbie-Burnett, M. & Klein, D., M. (2009). The Fascinating Story of Family Theories. In J. H. Bray & M. Stanton, (Eds.). (2012). *The Wiley-Blackwell handbook of family psychology*. John Wiley & Sons (pp. 37-52).
- Cruz, M. (2008). *Ansiedade e bem-estar na transição para o Ensino Superior: O papel do suporte socia*. [Master's thesis, Universidade do Porto]. [Microsoft Word - TESE008 \(up.pt\)](#)
- Dankoski, M. E. (2001). Pulling on the heart strings: An emotionally focused approach to family life cycle transitions. *Journal of Marital and Family Therapy*, 27(2), 177–187. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2001.tb01155.x>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487–496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dennis, J. M., Phinney, J. S., & Chuateco, L. I. (2005). The role of motivation, parental support, and peer support in the academic success of ethnic minority first-generation college students. *Journal of College Student Development*, 46(3), 223–236. <https://doi.org/10.1353/csd.2005.0023>
- Dessen, M. A., & Polonia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 17(36), 21–32. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2007000100003>
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica—o processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, (19), 139-156. <http://hdl.handle.net/10400.14/9176>

- Domene, J. F., Socholotiuk, K. D., & Young, R. A. (2011). The early stages of the transition to adulthood: Similarities and differences between mother-daughter and mother-son dyads. *Qualitative Research in Psychology*, 8(3), 273-291.
<https://doi.org/10.1080/14780880903568022>
- Evans, N. J., Forney, D. S., Guido, F. M., Patton, L. D., & Renn, K. A. (2010). Chickering's theory of identity development. In N. J. Evans, D. S. Forney, F. M. Guido, L. D. Patton, & K. A. Renn. (2010). *Student development in college: Theory, research, and practice* (2nd ed., pp. 64-81). John Wiley & Sons, Inc.
- Fernandes, S. S. M. (2014). *Ajustamento acadêmico e suporte social: contributos para o bem-estar no Ensino Superior* [Master's thesis, Universidade Portucalense].
<http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/884>
- Ferraz, M. F., & Pereira, A. S. (2003). Dinâmica da personalidade e do homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. *Psicologia, Saúde e Doenças*, III(2), 149–164.
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudante do 1º ano: diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF (Impresso)*, 6(1), 1–10. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712001000100002>
- Foubert, J., Nixon, M. L., Sisson, V. S., & Barnes, A. C. (2005). A Longitudinal Study of Chickering and Reisser's Vectors: Exploring Gender Differences and Implications for Refining the Theory. *Journal of College Student Development*, 46(5), 461–471. <https://doi.org/10.1353/csd.2005.0047>
- Freitas, H. C. das N. M., Raposo, N. de A. V., & Almeida, L. S. (2007). Adaptação do estudante ao Ensino Superior e rendimento académico: Um estudo com estudantes do primeiro ano de enfermagem. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(1), 179–188. https://doi.org/10.14195/1647-8614_41-1_10
- Galvin, K. M., Braithwaite, D. O., & Bylund, C. L. (2015). *Family communication: Cohesion and change*. Routledge.
- Gardner, K. G., & Moran, J. D. (1990). Family adaptability, cohesion, and creativity. *Creativity Research Journal*, 3(4), 281-286.
<https://doi.org/10.1080/10400419009534361>

- Goldenberg, I. & Goldenberg, H. (2013). *Family therapy: An overview*. Cengage Learning.
- Goldscheider, F. K., & DaVanzo, J. (1989). Pathways to independent living in early adulthood: Marriage, semiautonomy, and premarital residential independence *Demography*, 26(4), 597–614.
- Goldscheider, F., & Goldscheider, C. (1989). Family structure and conflict: Nest-leaving expectations of young adults and their parents. *Journal of Marriage and the Family*, 51(1), 87–97. <https://doi.org/10.2307/352371>
- Goldscheider, F. K., & DaVanzo, J. (1986). Semiautonomy and leaving home in early adulthood. *Social Forces*, 65(1), 187–201. <http://www.jstor.com/stable/2578942>
- Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. [Master's thesis, Universidade do Porto]. [29376.pdf \(up.pt\)](#)
- Gonçalves, M. L. M. F. (2012). *Comunicação interpessoal nas escolas: um estudo com alunos do 6º e 9º anos de escolaridade* [Master's thesis, Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/6277>
- Granja, M. B., & Mota, C. P. (2018). Estilos parentais e vinculação amorosa: Efeito mediador do bem-estar psicológico em jovens adultos. *Avances En Psicología Latinoamericana*, 36(1), 93–110. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5584>
- Guerra, A. L., & Braungart-Rieker, J. M. (1999). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *Career Development Quarterly*, 47(3), 255–266. <https://doi.org/10.1002/j.2161-0045.1999.tb00735.x>
- Gupta, S. (2019). Family Communication Patterns Questionnaire: Development and Validation. *International Journal of Recent Technology and Engineering (IJRTE)*, 8(1C2), 542- 550.
- Halamandaris, K. F., & Power, K. G. (1999). Individual differences, social support and coping with the examination stress: A study of the psychosocial and academic

- adjustment of first year home students. *Personality and Individual Differences*, 26(4), 665–685. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(98\)00172-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(98)00172-X)
- Harper, C. E., Zhu, H., & Marquez Kiyama, J. (2020). Parents and families of first-generation college students experience their own college transition. *The Journal of Higher Education*, 91(4), 540-564.
<https://doi.org/10.1080/00221546.2019.1647583>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an Organizational Framework for Research on Close Relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1–22.
<https://www.jstor.org/stable/1449075>
- Hoffman, J. A., & Weiss, B. (1987). Family dynamics and presenting problems in college students. *Journal of counseling Psychology*, 34(2), 157.
<https://doi.org/10.1037/0022-0167.34.2.157>
- Holmes, T. H., & Rahe, R. H. (1967). The social readjustment rating scale. *Journal of Psychosomatic Research*, 11(2), 213–218. [https://doi.org/10.1016/0022-3999\(67\)90010-4](https://doi.org/10.1016/0022-3999(67)90010-4)
- Imaginário, S. (2011). *Bem-estar estar subjetivo e ajustamento académico em alunos do Ensino Superior* [Master's thesis, Universidade do Algarve].
<http://hdl.handle.net/10400.1/1779>
- Johnson, G. M., Staton, A. Q., & Jorgensen-Earp, C. R. (1995). An ecological perspective on the transition of new university freshmen. *Communication Education*, 44(4), 336–352. <https://doi.org/10.1080/03634529509379023>
- Johnson, M. L., Taasoobshirazi, G., Clark, L., Howell, L., & Breen, M. (2016). Motivations of traditional and nontraditional college students: From self-determination and attributions, to expectancy and values. *The Journal of Continuing Higher Education*, 64(1), 3-15.
<https://doi.org/10.1080/07377363.2016.1132880>

- Junge, M., & Maya, V. (1985). Women in their forties. *Women & Therapy*, 4(3), 3–19.
<https://doi.org/10.1300/j015v04n03>
- Karp, D. A., Holmstrom, L. L., & Cray, P. S. (1998). Leaving home for college: Expectations for selective reconstruction of self. *Symbolic Interaction*, 21(3), 253–276. <https://doi.org/10.1525/si.1998.21.3.253>
- Katz, M. B., & Davey, I. E. (1978). Youth and early industrialization in a Canadian city. *American Journal of Sociology*, 84, S81–S119.
<https://www.jstor.org/stable/3083224>
- Kenny, M. E., & Donaldson, G. A. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counseling Psychology*, 38(4), 479–486.
<https://doi.org/10.1037/0022-0167.38.4.479>
- Lakens, D. (2021). Sample size justification. <https://doi.org/10.31234/osf.io/9d3yf>
- Larose, S., & Boivin, M. (1998). Attachment to parents, social support expectations and socioemotional adjustment during the high school-college transition. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 1–27. [10.1207/s15327795jra0801_1](https://doi.org/10.1207/s15327795jra0801_1)
- Leal-Muniz, V., & Constantine, M. G. (2005). Predictors of the career commitment process in mexican american college students. *Journal of Career Assessment*, 13(2), 204–215. <https://doi.org/10.1177/1069072704273164>
- Levine, T. R., & Boster, R. J. (2001). The effects of power and message variables on compliance. *Communication Monographs*, 68, 28–46. [10.1080/03637750128049](https://doi.org/10.1080/03637750128049)
- Lima, J. Á. (2013). Por uma análise de conteúdo mais fiável. *Revista portuguesa de pedagogia*, 47(1), 7–29. https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-1_1
- Magdol, L. (2002). Is moving gendered? The effects of residential mobility on the psychological well-being of men and women. *Sex Roles*, 47(11–12), 553–560.
<https://doi.org/10.1023/A:1022025905755>
- McGoldrick, M., Preto, N. A. G., & Carter, B. A. (2016). *The expanding family life cycle: individual, family, and social perspectives*. Pearson.

- Minuchin, P., Minuchin, S., & Colapinto, J. (2007). *Working with families of the poor*. Guilford Press.
- Minuchin, S., & Fishman, C. H. (1981). *Family therapy techniques*. Harvard University Press.
- Mounts, N. S. (2004). Contributions of parenting and campus climate to freshmen adjustment in a multiethnic sample. *Journal of Adolescent Research*, 19(4), 468–491. <https://doi.org/10.1177/0743558403258862>
- Mounts, N. S., Valentiner, D. P., Anderson, K. L., & Boswell, M. K. (2006). Shyness, sociability, and parental support for the college transition: Relation to adolescents' adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(1), 71-80. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-9002-9>
- Mulder, C. H., & Clark, W. A. V. (2002). Leaving home for college and gaining independence. *Environment and Planning A*, 34(6), 981–999. <https://doi.org/10.1068/a34149>
- Nave, F. J. G. M., & Jesus, S. N. de. (2005). Ameaças à funcionalidade familiar: uma perspectiva sistémica da cultura organizacional da(s) família(s). *Educação (UFMS)*, 30(1), 11–26. <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reeducacao/article/view/3787>
- Nora, A., & Cabrera, A. F. (1996). The role of perceptions of prejudice and discrimination on the adjustment of minority students to college. *Journal of Higher Education*, 67(2), 119–148. <https://doi.org/10.1080/00221546.1996.11780253>
- Oliveira, B. De, Monteiro, C., Alho, L., Tavares, J., & António, M. (2010). Escala de Integração Social no Ensino Superior (EISES): Estudos de validade com estudantes da Universidade de Aveiro. *Actas Do VII Simpósio Nacional de Investigação Em Psicologia*, 2, 103–115.
- Oliveira, C. T., & Dias, A. C. G. (2014). Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. *Psico*, 45(2), 187-197. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.13347>

- Oliver, D. G., Serovich, J. M., & Mason, T. L. (2005). Constraints and opportunities with interview transcription: Towards reflection in qualitative research. *Social forces*, 84(2), 1273-1289. [10.1353/sof.2006.0023](https://doi.org/10.1353/sof.2006.0023)
- Olson, D. H. (1999). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144–167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>
- Olson, D. H., Portner, J. & Bell, R. Q. (1982). *FACES II: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales*. Minnesota: Family Social Science, University of Minnesota.
- Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). circumplex model of marital and family systems: Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family Process*, 18(1), 3–28. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1979.00003.x>
- Place, M., Hulsmeier, J., Brownrigg, A., & Soulsby, A. (2005). The Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES): an instrument worthy of rehabilitation? *Psychiatric Bulletin*, 29(6), 215–218. <https://doi.org/10.1192/pb.29.6.215>
- Raup, J., & Myers, J. (1989). The Empty Nest Syndrome: Myth or reality? *Journal of Counseling and Development*, 68(2), 180–183. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1989.tb01353.x>
- Reis, B. (2017). Os conteúdos em análise – teorias e práticas da análise de conteúdo. In J. Feijó (Ed.), *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais* (pp. 205-235). Escolar Editora.
- Resende, R. (2016). Técnica de investigação qualitativa: ETCI. *Journal of Sport Pedagogy & Research*, 2(1), 50-57.
- Rodrigues, S. de F. P. (2010). *Adaptação ao Ensino Superior: Vivências académicas dos estudantes da UBI*” [Master’s thesis, Universidade da Beira Interior]. <http://hdl.handle.net/10400.6/2530>
- Russell, A., & Saebel, J. (1997). Mother–son, mother–daughter, father–son, and father–daughter: Are they distinct relationships? *Developmental review*, 17(2), 111-147.

- Saavedra, L., Almeida, L. S., Gonçalves, A., & Soares, A. P. (2004). Pontos de partida, pontos de chegada: Impacto de variáveis sócio-culturais no ingresso ao Ensino Superior. *Cadernos do Noroeste*, 22(1-2), 63-84.
- Schiffrin, H. H., Liss, M., Miles-McLean, H., Geary, K. A., Erchull, M. J., & Tashner, T. (2014). Helping or hovering? The effects of helicopter parenting on college students' well-being. *Journal of Child and Family Studies*, 23(3), 548-557.
<https://doi.org/10.1007/s10826-013-9716-3>
- Schwartz, J. P. & Buboltz, W.C. 2004. The relationship between attachment to parents and psychological separation in college students. *Journal of College Student Development*, 45(5), 566-577. <https://doi.org/10.1353/csd.2004.0062>
- Scopelliti, M., & Tiberio, L. (2010). Homesickness in University Students: The Role of Multiple Place Attachment. *Environment and Behavior*, 42(3), 335–350.
<https://doi.org/10.1177/0013916510361872>
- Seco, G., Pereira, I., Dias, I., Casimiro, M., & Custódio, S. (2006). *Para uma abordagem psicológica da transição do Ensino Secundário para o Ensino Superior: pontes e alçapões*. Instituto Politécnico de Leiria. Vol. IV (1).
<http://hdl.handle.net/10400.8/55>
- Seco, G., Pereira, I., Dias, I., Casimiro, M., & Custódio, S. (2007). Construindo pontes para uma adaptação bem sucedida ao Ensino Superior: Implicações práticas de um estudo. *IX Congresso Da Sociedade Portuguesa de Ciências Da Educação.*, 12.
<http://hdl.handle.net/10400.8/18>
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. Routledge.
- Shklovski, I., Kraut, R., & Cummings, J. (2008). Keeping in touch by technology: Maintaining friendships after a residential move. *Conference on Human Factors in Computing Systems - Proceedings*, 807–816.
<https://doi.org/10.1145/1357054.1357182>
- Sillars, A., Canary, D. & Tafoya, M. (2012). Communication, conflict, and the quality of family relationships. In A. L. Vangelisti (Ed.). (2012). *The Routledge handbook of family communication*. Routledge. (pp. 413-446).

- Silva, S. de L. R. da, & Ferreira, J. A. G. (2009). Família e Ensino Superior: que relação entre dois contextos de desenvolvimento? *Exedra: Revista Científica*, (1) 101–126. <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3398329>
- Silver, I. (1996). Role transitions, objects, and identity. *Symbolic Interaction*, 19(1), 1–20. <https://doi.org/10.1525/si.1996.19.1.1>
- Simões, S., Farate, C., Soares, I., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais para o comportamento de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*, 20, 75-99. [275-Texto do Artigo-856-1-10-20120415.pdf](https://doi.org/10.1007/s10000-011-0015-1)
- Smith, M. E., Nguyen, D. T., Lai, C., Leshed, G., & Baumer, E. P. S. (2012). Going to college and staying connected: Communication between college freshmen and their parents. *Proceedings of the ACM Conference on Computer Supported Cooperative Work, CSCW*, 789–798. <https://doi.org/10.1145/2145204.2145322>
- Soares, A. P., Almeida, L., Diniz, A., & Guisande, M. A. (2006). Modelo Multidimensional de Ajustamento de jovens ao contexto Universitário (MMAU): Estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. *Análise Psicológica*, 24(1), 15–27. <https://doi.org/10.14417/ap.150>
- Soares, M., & Dutschke, B. (2009). *A importância da participação dos pais na escola: proposta de um modelo efetivo de participação dos pais* [Master thesis, Escola Superior São João de Deus]. <http://hdl.handle.net/10400.26/2252>
- Stamm, M., & Miotto, R. C. T. (2003). Família e cuidado: uma leitura para além do óbvio. *Ciência, Cuidado E Saúde*, 2(2), 161-168. <https://doi.org/10.4025/cienccuidsaude.v2i2.5539>
- Tavares, C. F. V. (2014). *Adaptação ao Ensino Superior, personalidade e otimismo em estudantes universitários do 1º ciclo de estudos* [Master's thesis, Universidade Fernando Pessoa]. <http://hdl.handle.net/10284/4231>
- Tavares, D., Tavares, O., Justino, E., & Amaral, A. (2008). Students' preferences and needs in Portuguese higher education. *European Journal of Education*, 43(1), 107-122. <https://doi.org/10.1111/j.1465-3435.2007.00331.x>

- Taylor, J., Harris, M. B., & Taylor, S. (2004). Parents have their say... about their college-age children's career decisions. *Nace Journal*, 64(2), 15-21.
- Turner, S. E. (2004). Going to college and finishing college: Explaining different educational outcomes. In C. M. Hoxby (Ed.), *College choices: The Economics of Where to Go, When to Go, and How to Pay for It.* University Of Chicago Press. <http://www.nber.org/chapters/c10097>
- Vangelisti, A. L. (Ed.). (2012). *The Routledge handbook of family communication*. Routledge.
- VanZile-Tamsen, C., & Livingston, J. A. (1999). The differential impact of motivation on the self-regulated strategy use of high- and low-achieving college students. *Journal of College Student Development*, 40(1), 54–60.
- Vetere, A. (2001). Structural family therapy. *Child Psychology and Psychiatry Review*, 6(3), 133-139. <https://doi.org/10.1111/1475-3588.00336>
- Volling, B. L., & Elins, J. L. (1998). Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: A replication with toddler and preschool siblings. *Child Development*, 69(6), 1640–1656. <https://doi.org/10.2307/1132137>
- Ward, M., & Bélanger, M. (2011). *The family dynamic: A Canadian perspective*. Nelson Education.
- White, L. (1994). Coresidence and leaving home: Young adults and their parents. *Annual Review of Sociology*, 20 (1), 81-102. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.20.080194.000501>
- Whiteman, S. D., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2011). Family relationships from adolescence to early adulthood: Changes in the family system following firstborns' leaving home. *Journal of Research on Adolescence*, 21(2), 461-474. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2010.00683.x>
- Willig, C. (2013). *Introducing qualitative research in psychology*. (2nd ed.). Open University Press.

Young, J. (2018). Minuchin and his legacy: A personal reflection. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 39(2), 260–262.
<https://doi.org/10.1002/anzf.1299>

Anexos

Anexo A – Bibliografia Utilizada na Construção do Guião de Entrevista

Número (guião das estudantes)	Pergunta	Artigos
1.	Porque é que decidiste ingressar na Universidade?	Freitas et al., 2007; Mulder & Clark, 2002
	Fale-me um pouco da importância que atribui à frequência do Ensino Superior.	
2.	Entraste em primeira opção?	Almeida et al., 2003; Ferreira et al., 2001
	Qual foi o seu papel durante o processo de candidatura da sua filha ao Ensino Superior?	Bardagi & Hutz, 2008; Cowan, & Cowan, 2012; Dankoski, 2001; Dias, 2011; Kenny & Donaldson, 1991; McGoldrick et al., 2016; Vangelisti, 2012
Pais	No geral, como vê o ingresso da sua filha no Ensino Superior?	Mulder & Clark, 2002; Karp et al., 1998
3.	Como escolheste o curso?	Almeida et al., 2003; Ferreira et al., 2001
	O que pensa sobre o curso em que ela ingressou?	
4.	Fala-me um pouco sobre como reagiste quando soubeste que tinhas sido colocada na Universidade de Évora?	Almeida et al., 2003, Almeida et al., 2006; Seco et al., 2007; Scopelliti & Tiberio, 2010
	Fale-me um pouco sobre como reagiu quando soube que a sua filha tinha sido colocada na Universidade de Évora?	
5.	Como foram os teus primeiros tempos como universitária?	

	Como vivenciou os primeiros tempos de Universidade da sua filha?	Almeida & Cruz, 2010; Cowan, & Cowan, 2012; Fernandes, 2014; Oliveira et al., 2010; Tavares, 2014
Pais	Como foi habituar-se ao facto de ter uma filha universitária?	Anderson, 1988; Imaginário, 2011; Rodrigues, 2010;
6.	Houve alguma coisa que te tenha surpreendido pela positiva nesta altura? O quê?	Fernandes, 2014; Imaginário, 2011; Seco et al., 2007
	Houve alguma coisa que a/o tenha surpreendido pela positiva? O quê?	
7.	O que é que foi mais difícil para ti nesta altura?	Candeias et al., 2019; Costa & Leal, 2008; Cruz, 2008; Oliveira & Dias, 2014
	O que é que foi mais difícil para si, nesta altura?	
8.	Como geriste as dificuldades que enumeraste?	Almeida & Cruz, 2010; Candeias et al., 2019; Halamandaris & Power, 1999; Imaginário, 2011; VanZile-Tamsen & Livingston, 1999
	Como geriu as dificuldades que enumerou?	
9.	Fala-me um pouco do teu dia-a-dia antes e depois de teres entrado na Universidade.	Cowan, & Cowan, 2012; Freitas et al., 2007; Larose & Boivin, 1998; Ward & Belanger, 2011
	Fale-me um pouco do dia-a-dia da família antes e depois da entrada da sua filha na Universidade.	
10.	Fala-me do papel dos teus pais nesta altura.	Bardagi & Hutz, 2008; Cowan, & Cowan, 2012; Dankoski, 2001; Dias, 2011; Kenny & Donaldson, 1991; McGoldrick et al., 2016; Vangelisti, 2012
11.	Fala-me um bocadinho dos teus pais.	McGoldrick et al., 2016; Vangelisti, 2012;
	Fale-me um pouco sobre a sua filha.	
12.	Quando surge algum um problema como é que vocês agem?	Dias, 2011; Sillars et al., 2012; Vangelisti, 2012
13.	Como são tomadas decisões na vossa família?	Gupta, 2019

Filhas	Existe alguma regra imposta pelos teus pais que consideres desnecessária?	Gupta, 2019; Olson et al., 1982
15.	Quando estão todos juntos, “em família”, sobre o que é que costumam conversar?	Gupta, 2019; Olson et al., 1982
16.	Como passam os vossos tempos livres?	Alarcão & Gaspar, 2007; Ward & Bélanger, 2011; Olson et al., 1979; Place et al., 2005
17.	Em que situações pedes a ajuda dos teus pais? E conselhos?	Alarcão & Gaspar, 2007; Collins & Read, 1990;
	Em que situações é que a sua filha procura a sua ajuda? (E conselhos?)	Olson et al., 1979; Place et al., 2005
18.	Como te sentes em relação à tua família?	Collins & Read, 1990; Granja & Mota, 2018; Hazan & Shaver, 1987; Larose & Boivin, 1998; Simões, et al., 2011
	Como se sente em relação à sua filha?	
19.	Sentes que alguma coisa mudou na vossa relação desde que entraste na Universidade.	Anderson, 1988; Hoffman & Weiss, 1987; Minuchin et al., 2006
	Sentiu que alguma coisa mudou na vossa relação desde da entrada dela na Universidade.	
20.	Como achas que os teus pais veem a tua entrada na Universidade?	Granja & Mota, 2018; Gonçalves, 1997; Hoffman & Weiss, 1987
	Sente que o vosso papel enquanto pais é diferente desde que a vossa filha ingressou na Universidade?	Granja & Mota, 2018; Olson, 1999; Segrin & Flora, 2011
21.	Sentes que a entrada na Universidade teve algum impacto na tua vida familiar?	Anderson, 1988; Gonçalves, 1997; Minuchin et al., 2006; Stamm, & Mioto, 2003
	Sente que a entrada da sua filha na Universidade teve impacto na vida da vossa família?	

Anexo B – Guião de Entrevista às Estudantes

Temas	Objetivos específicos	Questões
Tema A: Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Justificar o tema e a entrevista. • Incentivar a colaboração da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da entrevistadora. • Informar a entrevistada sobre: <ul style="list-style-type: none"> ○ Tema; ○ Objetivos do estudo; ○ Responsáveis; ○ Metodologia; ○ Apresentação/divulgação dos dados. • Informar a entrevistada dos principais objetivos da entrevista. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição da entrevistada.
Tema B: Caracterização sociodemográfica da entrevistada	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar a entrevistada 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados Sociodemográficos - Caracterização do entrevistada: <ul style="list-style-type: none"> ○ Idade ○ Residência (mora com quem?) ○ Curso?
Tema C: Perspetiva da estudante sobre o seu ingresso no Ensino Superior.	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como foi processo de entrada no Ensino Superior. • Identificar sentimentos, pensamentos e ações como reação ao ingresso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Porque é que decidiste ingressar na Universidade? 2. Entraste em primeira opção? 3. Como escolheste o curso? 4. Fala-me um pouco sobre como reagiste quando soubeste que tinhas sido colocada na Universidade de Évora?

<p>Tema D:</p> <p>Processo de adaptação da estudante ao ingresso no Ensino Superior</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar quais as dificuldades sentidas neste processo • Mudanças nas rotinas quotidianas • Estratégias utilizadas face às mudanças 	<ol style="list-style-type: none"> 5. Como foram os teus primeiros tempos de universitária? 6. Houve alguma coisa que te tenha surpreendido pela positiva nesta altura? O quê? 7. O que é que foi mais difícil para ti nesta altura? 8. Como geriste as dificuldades que enumeraste? 9. Fala-me um pouco do teu dia-a-dia antes e depois de teres entrado na Universidade. 10. Fala-me do papel dos teus pais nesta altura.
<p>Tema E:</p> <p>Interação entre a estudante e a família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os padrões de interação entre os elementos da família 	<ol style="list-style-type: none"> 11. Fala-me um pouco dos teus pais? 12. Quando surge algum um problema como é que vocês agem? 13. Como são tomadas decisões na tua família? (Quando estão a tomar uma decisão, sentes que ouvem a tua opinião?) 14. Existe alguma regra imposta pelos teus pais que consideres desnecessária? Porquê? 15. Quando estão todos juntos, “em família”, sobre o que é que costumam conversar? 16. Como passam os vossos tempos livres? 17. Em que situações pedes a ajuda dos teus pais? (e conselhos?) 18. Como te sentes em relação à tua família?
<p>Tema F:</p> <p>Mudanças nas dinâmicas familiares após o seu ingresso na Universidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber as principais alterações na dinâmica familiar • Inquirir sobre mudanças em termos comunicacionais desde o ingresso no Ensino Superior • Perceber como são percecionadas estas alterações na dinâmica familiar 	<ol style="list-style-type: none"> 19. Sentes que alguma coisa mudou na vossa relação desde que entraste na Universidade. 20. Como achas que os teus pais veem a tua entrada na Universidade? 21. Sentes que a tua entrada na Universidade teve algum impacto na tua vida familiar?

Anexo C - Guião de Entrevista a Mães e Pais

Temas	Objetivos específicos	Questões
<p>Tema A: Legitimação da entrevista</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Justificar o tema e a entrevista. • Incentivar a colaboração do/a entrevistado/a. 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da entrevistadora. • Informar o/a entrevistado/a sobre: <ul style="list-style-type: none"> ○ Tema; ○ Objetivos do estudo; ○ Responsáveis, ○ Metodologia ○ Apresentação/divulgação dos dados. • Informar o/a entrevistado/a, acerca dos principais objetivos da entrevista. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar a gravação/transcrição da entrevista à disposição do/a entrevistado/a.
<p>Tema B: Caracterização sociodemográfica dos entrevistados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o/a entrevistado/a 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados Sociodemográficos - Caracterização do entrevistado/a: <ul style="list-style-type: none"> ○ Sexo ○ Idade ○ Residência ○ Habilitações literárias (frequentaram o Ensino Superior?)
<p>Tema C: Perspetiva da família sobre o ingresso da filha no Ensino Superior.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber como foi processo de entrada no Ensino Superior. • Identificar sentimentos, pensamentos e ações como reação ao ingresso. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fale-me um pouco da importância que atribui à frequência do Ensino Superior. 2. Qual foi o seu papel durante o processo de candidatura da sua filha ao Ensino Superior? 3. No geral, como vê o ingresso da sua filha no Ensino Superior? 4. O que pensa sobre o curso em que ela ingressou? 5. Fale-me um pouco sobre como reagiu quando soube que a sua filha tinha sido colocada na Universidade de Évora?

<p>Tema D:</p> <p>Processo de adaptação da família ao ingresso da filha no Ensino Superior</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar quais as dificuldades sentidas neste processo • Mudanças nas rotinas quotidianas • Estratégias utilizadas face às mudanças 	<ol style="list-style-type: none"> 6. Como vivenciou os primeiros tempos de Universidade da sua filha? 7. Como foi habituar-se ao facto de ter uma filha universitária? 8. Houve alguma coisa que a/o tenha surpreendido pela positiva? O quê? 9. O que é que foi mais difícil para si, nesta altura? 10. Como geriu as dificuldades que enumerou? 11. Fale-me um pouco do dia-a-dia da família antes e depois da entrada da sua filha na Universidade.
<p>Tema E:</p> <p>Interação entre a estudante e a família</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender os padrões de interação entre os elementos da família 	<ol style="list-style-type: none"> 12. Fale-me um pouco sobre a sua filha. 13. Quando surge algum um problema como é que vocês agem? 14. Como são tomadas decisões na vossa família? (Quando estão a tomar uma decisão, costuma ter em conta a opinião da vossa filha?) 15. Quando estão todos juntos, “em família”, sobre o que é que costumam conversar? 16. Como passam os vossos tempos livres? 17. Em que situações é que a sua filha procura a sua ajuda? (E conselhos?) 18. Como se sente em relação à sua filha?
<p>Tema F:</p> <p>Mudanças nas dinâmicas familiares após o ingresso da filha na Universidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inquirir sobre mudanças em termos comunicacionais desde o ingresso no Ensino Superior • Perceber as principais alterações na dinâmica familiar • Perceber como são percecionadas estas alterações na dinâmica familiar 	<ol style="list-style-type: none"> 19. Sentiu que alguma coisa mudou na vossa relação desde da entrada dela na Universidade. 20. Sente que o vosso papel enquanto pais é diferente desde que a vossa filha ingressou na Universidade? 21. Sente que a entrada da sua filha na Universidade teve impacto na vida da vossa família?

Anexo D - Consentimento Informado



CONSENTIMENTO INFORMADO

No âmbito da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica, a realizar na Universidade de Évora e sob orientação da Prof.^a Doutora Heldemerina Samutelela Pires (Departamento de Psicologia) eu, Maria Jorge Freire, estou a realizar um estudo intitulado: “*Família e Universidade: dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha no Ensino Superior*”. O objetivo principal do estudo é compreender as dinâmicas familiares após o ingresso de uma filha na Universidade.

A recolha de informação consiste na realização de uma entrevista dirigida a estudantes do sexo feminino da Universidade de Évora, atualmente a frequentar o 2º ano da licenciatura e aos seus pais. A entrevista será gravada num formato áudio, sendo que toda a informação fornecida é confidencial e anónima. O seu nome não será associado a nenhuma outra parte do processo. Para além disto, os seus dados serão mantidos na posse da investigadora e apenas utilizados no âmbito da investigação, sendo destruídos após a conclusão da mesma. A sua participação é voluntária, podendo a qualquer momento, recusar participar, desistir e invalidar que os seus dados sejam utilizados.

Após a conclusão do estudo, poderá ter acesso aos resultados, se assim o desejar, sendo necessário, para isso, indicar o seu endereço de e-mail.

Ao assinar este consentimento, concorda que foi informado/a acerca do procedimento do estudo, que compreendeu toda a informação, para além de autorizar a gravação áudio da entrevista. Deste modo declara que aceita participar de livre vontade neste estudo, autorizando a utilização dos dados recolhidos para os fins acima descritos.

A sua participação é muito importante!

Desde já, muito obrigado pela sua atenção e colaboração.

Data: ____/____/2021

Assinatura do Participante: _____

A Estudante/Investigadora: _____

Anexo E – Descrição dos Resultados

Tema C: Perspetiva sobre o ingresso no Ensino Superior

O Tema C é relativo à perspetiva da estudante e dos seus progenitores sobre o ingresso no Ensino Superior e tem como objetivos perceber como decorreu este processo de entrada, bem como identificar sentimentos, pensamentos e ações que o acompanharam. Assim foram estabelecidos dois subtemas: “Entrada no Ensino Superior” / “Perceção sobre a entrada no Ensino Superior” e “Reação à entrada no Ensino Superior”.

Estudantes

Categoria 1 Motivos

Começando com a análise dos resultados referentes ao subtema “Entrada no Ensino Superior” temos 3 categorias. A Categoria 1 “Motivos” explora as razões que motivaram as alunas a frequentar o Ensino Superior e é composta por 3 subcategorias – “Vontade de aprender”; “Benefícios no mercado de trabalho”; e “Influência da família”.

Tabela 1. Categoria 1: Motivos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Motivos	Vontade de aprender	5	10
	Benefícios no mercado de trabalho	3	4
	Influência da família	4	9

A subcategoria “Vontade de aprender” é referente à vontade da estudante construir mais conhecimento e de continuar a aprender como principal razão para a sua frequência na Universidade. Aqui encontram-se as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5), das quais se destacam:

FD2 *“Eu não queria um curso assim parado decidi ir [para o curso de ciências do desporto] e também era uma coisa que eu gostava, o ginásio e isso.”*

FND4 *“Eu, por acaso, sempre gostei bastante de estudar e de aprender e sempre tive ideia de ir para a Universidade.”*

A subcategoria “Benefícios no mercado de trabalho” aponta para as vantagens que um curso superior confere no mercado de trabalho e nas questões de empregabilidade. Esta subcategoria é composta pelas verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1), das quais importa destacar:

FD2 *“Eu sempre quis estudar, sabia que isso era bom para mim e para o meu futuro, para poder ter um bom emprego e sei que os estudos eram muito importantes”.*

FND5 *“Eu tenho noção dessa importância no mercado de trabalho e para o desenvolvimento pessoal.”*

Na subcategoria “Influência da Família” a decisão de frequência na Universidade da estudante foi influenciada pela sua família. Esta subcategoria comporta as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5):

FD1 *“A minha avó dizia sempre: “Ah, tu tens de ter um curso, para teres alguma estabilidade...”, tanto que eu sou a primeira da minha família a ir para a Universidade.”*

FND5 *“Sempre quis vir desde pequenina, sempre vi as fotos da minha tia com o traje e assim sempre quis vir...”*

Categoria 2: Papel dos pais

A categoria “Papel dos pais” diz respeito às funções dos progenitores na fase inicial da experiência universitária da estudante, nomeadamente durante os momentos de candidatura ao Ensino Superior, escolha de curso e Universidade, etc. O discurso das estudantes incide no apoio dos seus progenitores, distinguido duas subcategorias “Apoio afetivo” e “Apoio instrumental” – que por sua vez se divide em 2 subcategorias secundárias (Apoio Presente e Apoio Ausente).

Tabela 2. Categoria 2: Papel dos pais

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
Papel dos pais	Apoio afetivo		5	8
		Apoio instrumental		
		Apoio Presente	2	6
		Apoio Ausente	3	3

A subcategoria “Apoio afetivo” compreende as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e 2 participantes em condição de não deslocadas (UC=3), de onde se destacam:

FD2 *“Os meus pais também me deram apoio, sim”.*

FND4 *“Eles sempre me apoiaram nas minhas decisões. Eu é que quis mesmo ir para a Universidade e continuar com os estudos e aprender, etc.”*

A subcategoria “Apoio instrumental” compreende duas subcategorias secundárias. A subcategoria secundária “Apoio Presente” é composta pelas verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=3) e 1 participante em condição de não deslocada (UC=3), de onde se destacam:

FD2: *“Eles sempre me apoiaram, sempre me deram tudo, vá entre aspas, nunca me faltou nada, sempre estiveram lá para mim (riso)!”*

FND4: *“Mas pronto, eles foram-me dando sugestões de como eu podia superar as minhas dificuldades, nessa questão dos horários...”*

Por seu turno, a subcategoria secundária “Apoio Ausente” é composta pelas verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=1) e de 2 participantes em condição de não deslocadas (UC=2), de onde se destacam:

FND4: *“Eu não tinha... aliás os meus pais não tinham possibilidades de me mandar para Lisboa para estudar em belas artes e então acabei por seguir psicologia.”*

FND5: *“É assim, eu sempre quis sair também um bocadinho daqui, mas neste momento para mim e para a minha família o que fazia mais sentido, e neste momento não podia ser de outra forma - eu tinha de cá ficar.”*

Categoria 3: Curso

A categoria “Curso” incide sobre as variáveis preponderantes na escolha de curso por parte das entrevistadas. Aqui emergiram as subcategorias: “Indecisão na escolha de curso”; “Necessidade de formação”; e “Recomendações”.

Tabela 3. Categoria 3: Curso

Categoria	Subcategoria	UR	UC
	Indecisão na escolha de curso	4	8
Curso	Necessidade de formação	2	3
	Recomendações	2	2

A subcategoria “Indecisão na escolha de curso” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5):

FD3 *“Eu não sabia o que é que queria, aliás ainda não sei bem, e então eu escolhi gestão porque sempre gostei de matemática e sempre fui boa a matemática e nessa área e então achei que gestão era um curso que me dava... uma variedade muito grande de opções.”*

FND5 *“...acabava sempre por deixar a psicologia para segunda opção, entretanto eu adorava também matemática e pensei sempre "se calhar matemática", adorava as biológicas, também.”*

A subcategoria “Necessidade de formação” baseia-se no discurso de 1 participante em condição de deslocada (UC=1) e 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2) de onde se destacam as seguintes verbalizações:

FD1 *“Eu sei que sempre quis tratar de animais, e depois fui à procura, e com o secundário tu não consegues fazer grande coisa, então pronto vim para a Universidade.”*

FND4: *“Eu pensava: “Ok, desenho é uma coisa que eu faço desde sempre, e não é preciso ter propriamente uma formação para eu desenhar e pintar, mas psicologia é diferente”. Eu não posso chegar aqui e dizer: "Olhe, eu sou psicóloga" e começar a trabalhar profissionalmente. Preciso mesmo de formação.”*

A subcategoria “Recomendações” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas da sua residência habitual (UC=2):

FD1 *“Então foi a minha professora do secundário que me falou deste curso.”*

FD2: *“Então desporto, eu praticava, fazia ginásio e conheci um rapaz que tinha estado em ciências do desporto em Évora e como ciências do desporto em Évora não pedia requisitos de fazer provas... Tipo imagina, as modalidades e essas coisas assim eu preferi ir para esse curso.”*

No subtema “Reação à entrada no Ensino Superior” surgiram 2 categorias: Sentimentos e Perceção de normalidade.

Categoria 4: Sentimentos

A Categoria “Sentimentos” divide-se em duas subcategorias: “Sentimentos Positivos” (e.g. felicidade e orgulho) e “Sentimentos Negativos” (e.g. sentimentos de tristeza e de ansiedade).

Tabela 4. Categoria 4: Sentimentos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Sentimentos	Sentimentos Positivos	5	8
	Sentimentos Negativos	4	7

A subcategoria “Sentimentos Positivos” alberga as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5), das quais se destacam as seguintes:

FD1: *“Olha por acaso, eu tinha descoberto que tinha entrado à meia-noite e seis, fui contar aos meus pais... e pronto fiquei supercontente e depois no dia a seguir contei a toda a gente (risos) ... Queria espalhar a notícia que entrei!”*

FND5: *“Depois quando entrei fiquei supercontente e pronto era aquilo que eu queria e não podia ter ficado mais contente! Até chorei! (risos) Lágrimas de felicidade claro!”*

A subcategoria “Sentimentos Negativos” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=3):

FD2: *“Fiquei muita triste! Chorei muito, muito, muito”*

FND4: *“Eu estava nervosa ao início, porque há sempre aquela possibilidade de eu não conseguir entrar, não é? As vagas são limitadas e até pela questão da média, que a minha não era baixa, mas podia não ser suficiente estava ansiosa e nervosa, também, para começar esta nova etapa”.*

Categoria 5: Percepção de normalidade

A categoria “Percepção de normalidade” cobre a noção de que entrar na Universidade é o seguimento mais natural do percurso de desenvolvimento das jovens, sendo por isto vivenciado como algo normal.

Tabela 5. Percepção de normalidade

Categoria	UR	UC
Percepção de normalidade	1	4

A categoria “Percepção de normalidade” não apresenta subcategoria e destaca as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=4):

FD3: *“Eu tinha uma média alta e a média aqui em Évora não era assim tão alta... Por isso já estava à espera, já estava mentalizada (risos)...”*

Mães e Pais

No que toca aos dados recolhidos juntos das mães e pais no subtema “Percepção sobre a entrada no Ensino Superior” emergiram 3 categorias: “Importância do Ensino Superior”; “Papel dos pais”; e “Percepção sobre a escolha de curso”.

Categoria 1: Importância do Ensino Superior

A categoria “Importância do Ensino Superior” remete para a importância atribuída à frequência da Universidade por parte de mães e pais. A Categoria 1: Importância do Ensino Superior, apresenta 3 subcategorias: “Questões de conhecimento”; “Benefícios no mercado de trabalho”; “Visão da família”.

Tabela 6. Categoria 1: Importância do Ensino Superior

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
Importância do Ensino Superior	Questões de conhecimento		6	13
	Benefícios no mercado de trabalho	Benefícios presentes	8	15
		Benefícios insuficientes	6	11
	Visão da família		8	11

A subcategoria “Questões de conhecimento” diz respeito à importância que o Ensino Superior tem no aumento de conhecimento por parte da estudante e é constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=3) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e 2 mães (UC=6) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD3: *“E acho que é importante a formação e há certas coisas que eu não sei, não é? Como não tenho o curso não sei e gostava de saber.”*

PND4: *“Acho que por uma questão de tudo, hoje em dia, de emprego de gostar daquilo que se faz, e vocês estão nisso porque gostam daquilo que estão a estudar, acho que é tudo bom para vocês e para quem estuda.”*

A subcategoria “Benefícios no mercado de trabalho” apresenta 2 subcategorias secundárias: “Benefícios presentes” quando os participantes destacam as vantagens de ter um curso superior em termos de empregabilidade e “Benefícios insuficientes”, quando as vantagens são percebidas como insuficientes na garantia de um emprego. Assim na subcategoria secundária “Benefícios presentes” encontram-se as verbalizações de 3 mães (UC=5) e 2 pais (UC=3) pais cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=5) e 1 pai (UC= 2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MND5: *“Porque a vida também nos pode ser um bocadinho mais fácil, ou que a gente possa fazer ou pelo menos tentar as áreas que nós achamos que sejam aquilo que nós pretendemos, ou que gostaríamos de fazer na nossa vida.”*

PD3: *“Se as pessoas não tiverem um curso superior, uma formação específica fica muito difícil de poderem arranjar trabalho e fazerem a sua vida de uma forma sustentada e sem grandes problemas, vamos lá, em termos financeiros”*

Já na subcategoria secundária “Benefícios insuficientes” destacam-se as verbalizações de 1 mãe (UC=2) e 3 pais (UC=6) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND4: *“Há muitos [estudantes que concluíram o Ensino Superior] que não conseguem, não têm saída...”*

PD3: *“Aliás, hoje em dia até só o curso superior, muitas das vezes, não chega...”*

A subcategoria “Visão da família” comporta as verbalizações de 3 mães (UC=6) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=3) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD2: *“Ela falou com uma prima, inscreveu-se numa sexta feira e entrou na segunda.”*

PND4: *“É sempre muito importante, ela está a conseguir aquilo que nós não conseguimos, mas é importantíssimo hoje em dia ter um curso superior, não há dívidas.”*

Categoria 2: Papel dos pais

A categoria “Papel dos pais” diz respeito ao papel dos progenitores na fase inicial da experiência universitária da estudante, e recai principalmente no apoio oferecido pelos progenitores.

Tabela 7. Categoria 2: Papel dos pais

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
Papel dos pais	Apoio afetivo		10	21
	Apoio instrumental	Apoio Presente	8	15
		Apoio Ausente	6	7

A subcategoria “Apoio afetivo” destaca as verbalizações de 3 mães (UC=7) e 3 pais (UC=5) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=6) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“Então ela sempre quis ir para a Universidade, eu incentivei-a e ela conseguiu entrar e pronto aí está ela já no segundo ano. O meu papel foi muito o de apoiar o que ela queria fazer.”*

PND5: *“Dou-lhe oportunidade de ela escolher aquilo que ela quer e nunca disse tens de ser deste ou daquele porque o pai é ou a mãe é, não. Ela é que se decide. Não tenho uma opinião sobre o curso que ela escolheu, o curso é dela. Qualquer decisão que ela tome nós estamos cá para a apoiar.”*

A subcategoria “Apoio instrumental” apresenta 2 subcategorias secundárias: “Apoio Presente” quando os participantes relatam ter dado apoio instrumental às estudantes e “Apoio Ausente”, quando os participantes relatam não ter conseguido ajudar a estudante em algum aspeto prático. Assim na subcategoria secundária “Apoio Presente” incluem-se as verbalizações 2 mães (UC=4) e 3 pais (UC=5) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=3) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD2: *“E podemos ajudá-la monetariamente, ela não tem passado dificuldades - Ela é um bocadinho forreta, mas sempre que a gente acha que ela não tem alguma coisa, ou quer alguma coisa ou até lhe falta alguma coisa, ela está à vontade e isto é tudo o que a gente lhe pode fazer.”*

PND4: *“Eu é assim, eu trabalho muito fora de Évora, e nós tentamos sempre apoiar aqui a vida dela, mas é lá está, foi bom ela estar aqui, porque eu e a mãe assim conseguimos acompanhá-la e dar-lhe apoio e dar-lhe boleias e vimos isto como bom.”*

Já na subcategoria secundária “Apoio Ausente” destacam-se as verbalizações de 1 mãe (UC=1) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=3) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND4: *“Aliás se hoje lhe for perguntar ela continua a idealizar ir para fora, só que é assim, em termos monetários é muito dispendioso... Ah e infelizmente ela não tem direito a bolsa”*

PD2: *“Ela queria concorrer à academia militar só que, primeiro tinha de ser operada à vista e aquilo não é fácil”.*

Categoria 3: Perceção sobre a escolha de curso

A categoria “Perceção sobre a escolha de curso” incide sobre a perceção dos progenitores do processo de escolha de curso e do curso da filha. Aqui emergiram as subcategorias: “Indecisão na escolha de curso”; e “Necessidade de formação”.

Tabela 8. Categoria 3: Perceção sobre a escolha de curso

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Perceção sobre a escolha de curso	Dificuldades na escolha de curso	5	5
	Necessidade de formação	1	2

A subcategoria “Dificuldades na escolha de curso” é referente às dificuldades percecionadas pelos progenitores no processo de escolha de curso das estudantes e é composta pelas verbalizações de 1 mãe (UC=1) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) e 1 pai (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD3: *“Ela nem sabia o que queria eu dizia-lhe "oh filha, mas escolhe outra parte, virada para a saúde...”. Ela é uma miúda que para além do cálculo mental ela escreve bem e é muito fácil de lidar com ela e pronto ela podia ter ido para outro, mas como ela não quis abalar daqui e gostava de matemática quis aquela opção e nós apoiámos - tanto eu como o pai.”*

PND4: *“Nós sempre a metemos à vontade. Ela na altura, inicialmente queria ir para desenhos, nós sempre lhe demos apoio naquilo que ela queria, e sempre lhe dissemos que ela podia escolher o que ela queria ser, não é? Nós tentamos dar apoio em tudo o que podemos.”*

A subcategoria “Necessidade de formação” destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=2) cuja filha se encontra em condição de deslocada:

MD3: *“Dá-nos outra formação, eu por exemplo, no meu caso, tudo o que sei, foi o meu patrão que me ensinou. Se eu tivesse ido para a Universidade tinha sido, eu, e às minhas custas, apesar de ser sempre às minhas custas, mas pronto tenho sempre uma ajuda do patrão”*

No subtema “Reação à entrada no Ensino Superior” surgiram 2 categorias: Sentimentos e Perceção de normalidade.

Categoria 4: Sentimentos

No caso da análise às entrevistas dos pais e mães, a categoria “Sentimentos” divide-se em duas subcategorias: sentimentos positivos (e.g. alívio e orgulho) e sentimentos negativos (e.g. receio e sentimentos de tristeza).

Tabela 9. Categoria 4: Sentimentos

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Sentimentos	Sentimentos Positivos	10	16
	Sentimentos Negativos	1	3

A subcategoria “Sentimentos Positivos” destaca as verbalizações de 3 mães (UC=5) e 3 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND4: *“Foi um momento muito importante e de muito orgulho, porque, lá está, é assim, ela é muito de “ela tem de alcançar aquele objetivo” e ela tinha de entrar e conseguiu entrar naquilo que ela queria e foi um orgulho, sem dúvida alguma.”*

PD1: *“Fiquei contente por ela. Desde que ela esteja bem eu também estou!”*

A subcategoria “Sentimentos Negativos” destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=3) cuja filha se encontra em condição de deslocada da sua residência habitual:

MD2: *“É triste a gente não ser o nosso sonho, mas há muito tempo para o realizar.”*

Categoria 5: Perceção de normalidade

A categoria “Percepção de normalidade” cobre a percepção dos pais de que a entrada na Universidade faz parte do percurso de vida das filhas e assim é encarado com naturalidade.

Tabela 10. Categoria 5: Percepção de normalidade

Categoria	UR	UC
Percepção de normalidade	4	11

A categoria de “Percepção de normalidade” não apresenta subcategoria e destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=1) e 2 pais (UC=7) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 pai (UC=3) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD3: *“Ela sempre disse que queria ir. Nós nunca pensamos de ela não ir. Ela falou sempre que queria. Correu tudo assim mais ou menos dentro da normalidade.”*

PND5: *“[A entrada na Universidade foi] Normal, normal porque isto sempre foi o que ela quis e ela estava aqui em casa.”*

Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior

O Tema D diz respeito ao processo de adaptação das estudantes ao ingresso no Ensino Superior e tem como objetivo perceber se se verificaram mudanças na sua vida quotidiana; identificar quais as dificuldades vivenciadas; e por fim, identificar as estratégias utilizadas face às mudanças e dificuldades referidas.

Estudantes

No subtema “Mudanças nas rotinas quotidianas” emergiram 2 categorias, nomeadamente: “Alterações no dia-a-dia”; e “Manutenção das rotinas Pré-Universidade”.

Categoria 1: Alterações no dia-a-dia

A Categoria “Alterações no dia-a-dia” concerne as alterações relatadas pelas estudantes após o seu ingresso no Ensino Superior.

Tabela 11. Categoria 1: Alterações no dia-a-dia

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
Alterações no dia-a-dia	Organização da casa		1	1
	Gestão de tempo	Organização do estudo	2	4
		Tempo de lazer e disponibilidade para a família	4	9

A Categoria 1: Alterações no dia-a-dia apresenta 2 subcategorias. A subcategoria “Organização da casa” destaca a verbalização de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FND5: *“Então, antes era sempre a minha mãe: ia-me levar, a minha mãe ia me buscar, pronto. Agora não! A maior parte do dia estava a ter aulas e arranjo boleia para Universidade e por isso vou e venho sozinha, tudo sozinha.”*

A subcategoria “Gestão do tempo” encontra-se dividida em 2 subcategorias secundárias: “Organização do estudo” que compreende o tempo que as estudantes precisam de dedicar ao estudo, e “Tempo de lazer e disponibilidade para a família” que diz respeito ao tempo que a estudante disponibiliza para a sua família e para si. Deste modo, a subcategoria secundária “Organização do estudo” é composta pelas verbalizações de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=4) de onde se destacam:

FND4: *“É preciso estar lá para ter a experiência, então com o tempo a ansiedade começou a diminuir à medida que eu me ia adaptando e arranjar as minhas estratégias e perceber que não havia tantas diferenças assim, em termos da minha organização enquanto estudante do Ensino Secundário para o Ensino Superior.”*

FND5: *“Em termos de adaptação ao estudo e isso assim acho que correu super bem! Acho que consegui dar conta do recado! Sempre fui extremamente organizada nesse aspeto mesmo, até por saber que era importante, e nós temos sempre de pensar um bocadinho a longo prazo, nesta altura.”*

Já no que diz respeito à subcategoria secundária “Tempo de lazer e disponibilidade para a família” é composta pelas verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5) de onde se destacam:

FD2: *“Acabava as aulas e já tinha os meus Senhores Estudantes para nos apanhar para nós irmos para o Rossio, encher e isso - não tinha tempo para o ginásio - depois ia tomar banho a casa e ia para os jantares. Depois ia outra vez para o Rossio encher até às tantas da manhã depois às 2-3 da manhã deitava-me.”*

FND4: *“Eu lembro-me que inicialmente quando eu começava a sair mais a minha mãe dizia-me sempre “Ah, mas agora saís tanto, parece que não gostas de estar em casa”.”*

Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade

A Categoria “Manutenção das rotinas Pré-Universidade” e compreende verbalizações que referem a não alteração das rotinas da família.

Tabela 12. Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade

Categoria	UR	UC
Manutenção das rotinas Pré-Universidade	3	5

A Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade não apresenta subcategorias, e é formada pelas verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=2) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=3):

FD3: *“A diferença não é muita é só basicamente o estar na Universidade.”*

FND4: *“Eu basicamente andava entre aulas e casa e saídas e é a mesma coisa na Universidade.”*

No subtema que pretende identificar quais as dificuldades sentidas pelas estudantes neste processo emergiram 3 categorias, nomeadamente: “Dificuldades emocionais”, “Necessidade de autonomia não respeitada” e “Funcionamento da Universidade”.

Categoria 3: Dificuldades emocionais

A Categoria “Dificuldades emocionais” comporta as dificuldades emocionais experienciadas pelas estudantes após o seu ingresso no Ensino Superior.

Tabela 13. Categoria 3: Dificuldades emocionais

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Dificuldades emocionais	Sensação de desapego	4	6
	Stress	3	7
	Traços de personalidade	3	5

A Categoria 3: Dificuldades emocionais apresenta 3 subcategorias. A subcategoria “Sensação de desapego” destaca os sentimentos de afastamento e de desvinculação expressados pelas estudantes. É composta pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2):

FD1: *“Então foi um bocadinho mais difícil de adaptar-me porque nem tinha amigos nem tinha os meus pais.”*

FND5: *“Como eu sou de cá então sinto ainda mais esta separação [dos novas colegas] porque, por exemplo, enquanto as minhas outras colegas - que viviam noutras casas - iam juntas para casa, apanhavam o mesmo autocarro e iam juntas, moravam todas ao pé umas das outras e eu não eu ainda moro um bocadinho longe do centro então para mim isso era um bocadinho complicado, o estar com elas.”*

A subcategoria “Stress” diz respeito ao stress sentido pelas estudantes no início do seu percurso académico e é constituído pelas verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=6) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD2: *“Andava assim sempre cansada, stressada, ansiosa, mas depois isto começou a melhorar, comecei a habituar-me, comecei a criar amizades e isso...”*

FD3: *“Eu sempre fui muito ansiosa e acho que a coisa foi-se acumulando e o estar longe de casa e o stress da Universidade e o ter mais responsabilidades - acho que foi mais o acumular de todas estas situações.”*

A subcategoria “Traços de personalidade” alberga alguns traços de personalidade das estudantes que tornaram o seu processo de adaptação mais complicado e conta com as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1), de onde se destacam:

FD2: *“E eu não tinha essa personalidade assim como eles, era um bocado mais reservada e isso depois cheguei lá e comecei-me a adaptar a eles e comecei também a ficar assim...”*

FND4: *“Como eu sou uma pessoa mais reservada e não tanto de falar e desabafar, às vezes torna-se um pouco complicado...”*

Categoria 4: Necessidade de autonomia não respeitada

A Categoria “Necessidade de autonomia não respeitada” remete para a perceção das estudantes de que a sua autonomia não é respeitada pelos seus pais e mães.

Tabela 14. Categoria 4: Necessidade de autonomia não respeitadas

Categoria	UR	UC
Necessidade de autonomia não respeitada	2	7

A Categoria 4: Necessidade de autonomia não respeitada, não apresenta subcategorias e compreende as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=1) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=6):

FD2: *“Eu cá em casa sinto-me logo mais dependente, por exemplo das boleias do meu pai, porque eu ainda não tenho carta - com isto do Covid – e, portanto, eu quando vou a algum sítio digo-lhe: "olha vou a este sítio".”*

FND5: *“Em termos mais sociais e assim, eu sinto que apesar de agora ter que ter mais liberdade, é um bocadinho mais complicado isso porque ainda estou em casa dos meus pais e acabo por ter uma vida um bocadinho diferente de quem está cá sozinho. Porque quem está cá sozinho volta para casa às horas que quer vai como quer, quando quer, com quem quer... dorme onde quer etc. e eu não. Eu tenho de dar a justificação ou vir para casa...”*

Categoria 5: Funcionamento da Universidade

A Categoria “Funcionamento da Universidade” incide sobre as dificuldades relacionadas com a frequência de uma nova instituição de ensino.

Tabela 15. Categoria 5: Funcionamento da Universidade

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Funcionamento da Universidade	Relação com os docentes	3	6
	Compreensão dos aspetos logísticos e conciliação do tempo	3	5

A Categoria 5: Funcionamento da Universidade apresenta 2 subcategorias: “Relação com os docentes” e “Compreensão dos aspetos logísticos e conciliação do tempo de estudo”. A subcategoria “Relação com os docentes” corresponde aos receios das estudantes relativamente aos docentes. É composta por 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2):

FD3: *“Eu acho que isto é mais aquela situação do secundário, por exemplo, eu andei no secundário numa vila pequena. Eu conhecia toda a gente que andava na escola, todos os professores e tivemos outro acompanhamento. Na Universidade acabamos por andar mais à deriva e é mais um "salve-se quem puder". Os professores não sabem quem nós somos, não... É um bocado mais por aí. É mais a lei do desenrasca.”*

FND4: *“Os próprios professores, que são todos excelentes professores, supersimpáticos e preocupam-se connosco! E vê-se mesmo que gostam e que estão cá para nos ajudar então fiquei surpreendida pela positiva neste aspeto!”*

A subcategoria “Compreensão dos aspetos logísticos e conciliação do tempo de estudo” destaca a dificuldade em compreender aspetos como o horário ou o calendário escolar, bem como conciliar o tempo de estudo. Aqui encontram-se as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=2) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=3):

FD2: *“Foi muito complicado porque nós no nosso curso temos de apanhar o autocarro para a mitra e não sabia onde é que ficava a mitra e essas confusões todas...”*

FND4: *“A única coisa que achei mais complicado foi compreender o calendário escolar, porque é completamente diferente, com as épocas de frequências, épocas de recurso e exame - qual é que é a diferença? E depois também compreender os horários, acho que foi essa a minha única dificuldade, mas agora que já estou dentro do assunto, já é diferente!”*

No subtema que pretende identificar quais as estratégias utilizadas face às mudanças e dificuldades vivenciadas pelas estudantes neste processo emergiram 2 categorias. São elas “Estratégias cognitivas” e “Estratégias sociais”.

Categoria 6: Estratégias cognitivas

A Categoria “Estratégias Cognitivas” realça as estratégias cognitivas utilizadas pelas jovens para enfrentarem as dificuldades que enumeraram.

Tabela 16. Categoria 6: Estratégias cognitivas

Categoria	UR	UC
Estratégias cognitivas	2	3

A Categoria 6: “Estratégias cognitivas” não apresenta subcategorias. Comporta as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3), das quais se destacam:

FD2: *“Com o tempo comecei a habituar-me a falar com amigos e adaptei-me melhor às pessoas e a perceber quais as pessoas com quem eu me identificava mais...”*

FD3: *“Os professores estão ali a dar aquilo para toda a gente que lá está - se apanhaste, apanhaste senão apanhaste olha, tivesses apanhado... Por isso é com o tempo, agora isso já não me faz impressão.”*

Categoria 7: Estratégias sociais

A Categoria “Estratégias sociais” remete para a utilização de estratégias sociais na tentativa de ultrapassar as dificuldades enumeradas.

Tabela 17. Categoria 7: Estratégias sociais

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
------------------	---------------------	--------------------------------	-----------	-----------

Estratégias sociais	Contato regular com os pais		2	4
	Apoio dos amigos Pré-Universidade		2	3
	Suporte dos pares da Universidade	Novas amizades	4	8
		Acolhimento pelos colegas de turma	4	10

A Categoria 7: “Estratégias sociais” apresenta 3 subcategorias: “Contato regular com os pais”; “Apoio dos amigos Pré-Universidade” e “Suporte dos pares da Universidade”. Na subcategoria “Contato regular com os pais” encontram-se as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4):

FD1: *“Durante a semana, todos os dias estava em Évora nas aulas, telefonava todos os dias à minha mãe às 20h da noite e à sexta feira abalava para a minha terra e aos domingos voltava para Évora.”*

FD2: *“No primeiro ano ia mais fins-de-semana a casa do que agora.”*

A subcategoria “Apoio dos amigos Pré-Universidade” comporta as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=2) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD2: *“Os meus amigos principalmente [apoiaram-me quando eu soube que não entrei em primeira opção], eles abriram-me os olhos, “olha podes ir para isto e depois logo vêes o que é que vais fazer”.”*

FND4: *“Eu falei com alguns colegas meus que já estavam na Universidade [para tirar dúvidas sobre o funcionamento da Universidade].”*

A subcategoria “Suporte dos pares da Universidade”, divide-se em 2 subcategorias secundárias – “Novas amizades” e “Acolhimento pelos colegas de turma” – alvo de distinção devido à importante diferença entre a criação de novas amizades e a entajuda entre estudantes que frequentam a mesma turma. Na subcategoria secundária “Novas amizades” é composta pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=3):

FD1: *“Mais tarde comecei a dar-me mais com a E., por exemplo, uma grande amiga minha que agora mora comigo aqui em Évora, ou com o resto dos colegas e aí é que me fui integrando mais. Isto já foi muito depois da praxe.”*

FND5: *“Depois também sinto que me surpreendeu pela positiva as praxes. Eu consegui criar uma relação boa com algumas pessoas do terceiro ano e senti-me superapoiada e ajudaram-me logo”*

Por outro lado, na subcategoria secundária “Acolhimento dos colegas de turma” é composta pelas verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=5):

FD2: *“A minha turma foi muito... Ajudou-me muito, meteu-me logo nas praxes e isto tudo ajudou-me a integrar-me.”*

FDN4: *“Em termos de conhecer pessoas mesmo do meu curso foi através da praxe, não é que eu fui conhecendo e falando com pessoas porque estávamos todos no mesmo barco e sim, nós íamos falando uns com os outros, mas como era tudo novo para nós, nós todos tínhamos dificuldade então decidimos recorrer a pessoas que já estavam na Universidade para nos ajudarmos depois mutuamente.”*

Mães e Pais

De seguida apresentam-se os resultados encontrados através da análise do discurso das mães e pais sobre o seu processo de adaptação ao ingresso das filhas no Ensino Superior.

No subtema “Mudanças nas rotinas quotidianas” emergiram 2 categorias.

Categoria 1: Alterações no dia-a-dia

A Categoria “Alterações no dia-a-dia” concerne as alterações relatadas pelas mães e pais após o ingresso da estudante no Ensino Superior.

Tabela 18. Categoria 1: Alterações no dia-a-dia

Categoria	Subcategoria	Subcategoria secundária	UR	UC
Alterações no dia-a-dia	Organização da casa		6	9
	Gestão de tempo	Organização do estudo	1	2
		Tempo de lazer e disponibilidade para a família	7	11

A Categoria 1: Alterações no dia-a-dia apresenta 2 subcategorias – “Organização da casa” e “Gestão de tempo”. A subcategoria “Organização da casa” é composta pelas verbalizações de 2 mães (UC=5) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“A diferença é que em vez de cozinhar para três pessoas, cozinho só para duas, em vez de fazer duas camas só faço uma... Quando eu chegava a casa tinha de lavar a loiça de 3 pessoas, lavar a roupa de 3 pessoas e agora está tudo pela metade.”*

MD2: *“Aliviou-me um bocadinho quando ela entrou, já não tinha de fazer aquelas comidas todas e todos os dias, senti também um alívio, não dela ter abalado, mas era questão de ter tantas responsabilidades com ela todos os dias...”*

Por sua vez a subcategoria “Gestão de tempo” é composta por 2 subcategorias secundárias - “Gestão do tempo de estudo” e “Tempo de lazer e Disponibilidade para a família”. A subcategoria secundária “Organização do estudo” é composta pelas verbalizações de 1 mãe (UC=2) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MND4: *“Em casa, pronto, é assim ela tem mais trabalho, isso é verdade! O primeiro ano foi horrível! Eu acho que às vezes nós só a víamos para comer... Com trabalhos, com não sei o quê... "Meu Deus! Sossega, descansa um bocadinho! Respira um bocadinho!” Mas este ano noto que é quase igual, mas parece-me que ela tem um bocadinho mais de tempo também porque lá está tem os online e os presenciais e isso também veio mudar um bocadinho.”*

A subcategoria secundária “Tempo de lazer e disponibilidade para a família” é composta pelas verbalizações de 2 mães (UC=3) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“Ela era adolescente quando foi para a Universidade e é normal. Claro que se sente livre e fazem asneiras, bebem um bocadinho mais.... Pronto é mesmo assim....”*

PND5: *“Ela nunca tem uma oportunidade para estar connosco ou tem de estudar ou não sei o quê... E depois.... Ai isto parece que eu estou aqui a desabafar (risos)... Eu digo-lhe: "olha queres vir?" e ela diz: "não, tenho de estudar", isto é um exemplo, que eu estou a dar, mas se aparecer uma volta com os amigos já não é preciso estudar.”*

Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade

A Categoria “Manutenção das rotinas Pré-Universidade” compreende verbalizações que referem a não alteração das rotinas da família.

Tabela 19. Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade

Categoria	UR	UC
Manutenção das rotinas Pré-Universidade	6	10

A Categoria 2: Manutenção das rotinas Pré-Universidade não apresenta subcategorias, e é constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=4) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=3) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“O dia-a-dia não mudou muito...”*

PND4: *“É assim, nós não mudámos muito o nosso dia-a-dia.”*

No subtema que pretende identificar quais as dificuldades sentidas pelas mães e pais das estudantes neste processo emergiram 3 categorias: “Dificuldades emocionais”; “Não aceitação da autonomia das filhas” e “Adaptação aos horários da estudante”.

Categoria 3: Dificuldades emocionais

A Categoria “Dificuldades emocionais” diz respeito às dificuldades emocionais referente a esta altura de transição relatadas pelas mães e pais entrevistados.

Tabela 20. Categoria 3: Dificuldades emocionais

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Dificuldades emocionais	Sensação de desapego	7	27
	Stress	3	21
	Traços de personalidade	4	19

A Categoria 3: Dificuldades emocionais apresenta 3 subcategorias: “Sensação de desapego”; “Traços de personalidade” e “Stress”. A subcategoria “Sensação de desapego” é referente a sentimentos de afastamento e de saudades expressados pelos progenitores das estudantes. É constituída pelas verbalizações de 3 mães (UC=16) e 2 pais (UC=6) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=3) e 1 pai (UC=2) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD1: *“Ela estava em casa e depois saiu e foi complicado, porque faltava sempre qualquer coisa em casa... uma presença...”*

PND5: *“Porque eu às vezes gostava de saber certas coisas, para a tentar poder ajudar, mas [a minha filha] também não me transmite.”*

A subcategoria “Stress” incide sobre a preocupação sentida pelos progenitores e é composta pelas verbalizações de 3 mães (UC=13) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e 1 mãe (UC=3) de 1 pai (UC=2) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD3: *“Eu não a ia deixar lá em Évora como ela estava, não é? Aquela ansiedade.... Estando eu em casa e sabendo que ela não estava bem...”*

PND4: *“O mais difícil é o stress, é o stress mais dela... Ela stressa-se muito, pois quando há os exames e isso, é o que tem custado mais é isso, mas pronto nós vamos levando e vamos apoiando e... É assim a coisa mais difícil...”*

A subcategoria “Traços de personalidade” concerne alguns traços de personalidade quer das estudantes quer dos progenitores que dificultaram o processo de

adaptação da família. É composta pelas verbalizações de 1 mãe (UC=10) e 1 pai (UC=4) cuja filha se encontra em condição de deslocada e de 2 pais (UC=5) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD3: *“Eu sou uma pessoa muito ansiosa, qualquer coisa me faz confusão e ela é assim um bocado como eu...”*

PND5: *“Ela transmite-me muito pouco aqui em casa, eu tenho de estar sempre a perguntar porque ela transmite muito pouco. É o feitio dela...”*

Categoria 4: Adaptação aos horários da estudante

A Categoria “Adaptação aos horários da estudante” diz respeito ao processo de adaptação dos progenitores aos novos horários e rotinas das estudantes.

Tabela 21. Categoria 4: Adaptação aos horários da estudante

Categoria	UR	UC
Adaptação aos horários da estudante	3	4

A subcategoria “Adaptação aos horários da estudante” é composta pelas verbalizações de 2 mães (UC=3) e de 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND5: *“A minha filha, desde que entrou na Universidade, está realmente mais ausente pronto. Essa será a grande diferença porque também aqui as coisas não são como no secundário, não é? Ela tem de estar com os colegas a fazer trabalhos e tem mais estudo.”*

PND4: *“Ela tinha aulas todos os dias, saía todos os dias, a gente aqui, inicialmente, quando ela começou as praxes à noite, estávamos sempre preocupados porque ela chegava às tantas da manhã e depois em trajas assim um bocado complicados, mas de resto, é diferente, mas temos acompanhado bem e com orgulho.”*

No subtema que pretende identificar quais as estratégias utilizadas face às mudanças e dificuldades vivenciadas pelas estudantes neste processo emergiram 2 categorias nomeadamente: “Estratégias cognitivas” e “Estratégias sociais”.

Categoria 5: Estratégias cognitivas

A Categoria “Estratégias Cognitivas” realça as estratégias cognitivas utilizadas pelas mães e pais para enfrentarem as dificuldades que enumeraram.

Tabela 22. Categoria 5: Estratégias cognitivas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Estratégias cognitivas	Aceitação do crescimento das filhas	7	12
	Estratégias de evitamento	2	5
	Estratégias de habituação	4	7

A Categoria 5: Estratégias cognitivas apresenta 3 subcategorias: “Aceitação do crescimento das filhas”; “Estratégias de evitamento” e “Estratégias de habituação”. A subcategoria “Aceitação do crescimento das filhas” comporta a aceitação de que a entrada da jovem na Universidade faz parte do seu processo de crescimento. Nela encontram-se as verbalizações de 2 mães (UC=6) e 3 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MD1: *“Eu não podia estar sempre com ela, não a podia ter sempre comigo, ela tinha de aprender por ela própria, não podia estar sempre lá para a proteger e ajudar e dar conselhos... Ela tinha de aprender a sobreviver sozinha.”*

MND4: *“Crescer faz parte, ainda que eu sofra por antecipação, é muita coisa, mas temos que libertar, que deixar ir... Eu não sou muito assim, eu sou mais "anda cá", mas sim acho que é isso.”*

A subcategoria “Estratégias de evitamento” concerne a utilização de distrações que permitem não pensar nas dificuldades experienciadas. É constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=4) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas da sua residência habitual:

MD3: *“Para completar aquela falta, que era o tempo que estava mais com ela, olhe, ia correr e ajudou-me um bocado a superar isso.”*

PD1: *“Olhe foquei-me mais no trabalho e nas questões aqui da casa. Quis distrair a minha mente... Mas tinha sempre alguma tristeza ao pensar nela, longe daqui.... Pensava noutras coisas e depois esquecia-me.”*

A subcategoria “Estratégias de habituação” concerne a importância do passar do tempo como forma de lidar com as dificuldades enumeradas pelos progenitores no que respeita a esta nova fase da vida das estudantes. É composta pelas verbalizações de 3 mães (UC=6) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocada da sua residência habitual:

MD1: *“E o tempo foi passando e eu já sabia que não a podia ter cá em casa se ela quisesse estudar, tinha que ir para fora de casa... Não podia ficar sempre em casa...”*

PD1: *“Foi só com o passar do tempo...”*

Categoria 6: Estratégias sociais

A Categoria “Estratégias sociais” remete para a utilização de estratégias sociais na tentativa de ultrapassar as dificuldades enumeradas.

Tabela 23. Categoria 6: Estratégias sociais

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Estratégias sociais	Contacto regular com as filhas	5	8
	Apoio de amigos e colegas	2	2

A Categoria 6: “Estratégias sociais” apresenta 2 subcategorias: “Contacto regular com as filhas” e “Apoio de amigos e colegas”. A subcategoria “Contacto regular com as filhas” destaca as verbalizações de 3 mães (UC=5) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas da sua residência habitual:

MD2: *“Falamos com ela todos os dias, quando ela não liga, ligo eu...”*

MD3: *“Ela ao princípio estava assim: qualquer coisa ligava “e preciso disto”, ou “como é que faço isto ou aquilo”.”*

A subcategoria “Apoio de amigos e colegas” destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada e de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD2: *“E outras senhoras e colegas que já tinham tido filhas na Universidade diziam “deixa lá, a minha também era assim, mas agora em casa dela está sempre tudo*

arrumadinho". Assim também vou tendo a experiência de outras mães que trabalham comigo e não tenho ouvido experiências negativas."

MND4: *"E então é assim como tenho colegas que já tinham passado pelo mesmo todas elas me davam dicas, não é? Em relação às praxes, a minha preocupação maior...."*

Tema E: Interação entre a estudante e a família

O Tema E pretende explorar as interações entre o estudante e a família, dado que esta é um produto das dinâmicas familiares existentes (Stamm & Miotto, 2003). Aqui estabeleceram-se 3 subtemas: Padrões de interação dentro dos subsistemas; Percepção sobre a família; e, por fim, Processos de interação familiares.

Estudantes

No subtema "Padrões de interação dentro dos subsistemas" emergiram 5 categorias: "Interação com os progenitores", "Complementaridade dos membros do casal", "Limites entre subsistemas", "Autonomia e liberdade" e "Responsabilidade".

Categoria 1: Interação com os progenitores

A categoria "Interação com os progenitores", remete para os momentos destacados na entrevista em que as estudantes estão a conviver com um dos seus progenitores.

Tabela 24. Categoria 1: Interação com os progenitores

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Interação com os progenitores	Mãe-filha	3	6
	Pai-filha	1	1

A Categoria 1: Interação com os progenitores apresenta 2 subcategorias: uma referente ao convívio com a mãe – subcategoria mãe-filha – e a outra referente ao convívio com o pai - subcategoria pai-filha. A subcategoria "Mãe-filha" alberga as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2), das quais se destacam:

FD1: *"Por exemplo, para ir ao médico a minha mãe tem de ir comigo, e eu tenho quase 21 anos.... Ridículo!"*

FND5: *“A minha mãe é uma pessoa assim bastante... Ela é a minha melhor amiga, desde de pequenina que ela sempre esteve lá para tudo e é uma pessoa supercompreensiva, ela compreende-me muito... ou pelo menos faz o esforço para entender tudo.”*

A subcategoria “Pai-filha” destaca as verbalizações de 1 participante em condição de não deslocada (UC=1):

FND4: *“Eu e o meu pai como somos grandes fãs da Marvel, costumamos sempre ver as séries juntos porque agora andam a sair algumas novas então quando temos ambos oportunidades vemos juntos!”*

Categoria 2: Complementaridade dos membros do casal

A categoria “Complementaridade dos membros do casal”, remete para a complementaridade das funções desempenhadas pelos membros do casal.

Tabela 25. Categoria 2: Complementaridade dos membros do casal

Categoria	UR	UC
Complementaridade dos membros do casal	3	4

A categoria 2: Complementaridade dos membros do casal, não apresenta subcategorias e destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD3: *“A conciliar a minha pessoa a minha mãe é mais aquele lado emocional que me ouve e não sei quê e o meu pai é mais aquela pessoa para me chamar à razão, do tipo “vá, vê lá as coisas como são para ser vistas, não é estares aí a fazer filmes”.”*

FND4: *“Sim, sim eles [os meus pais] estão aqui, mas de formas diferentes!”*

Categoria 3: Limites entre subsistemas

A categoria “Limites entre subsistemas” aborda os limites estabelecidos entre as tarefas e funções dos subsistemas parental e filial.

Tabela 26. Categoria 3: Limites entre subsistemas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Limites entre subsistemas	Bem definidos	3	3
	Mal definidos	1	2

A Categoria 3: Limites entre subsistemas apresenta 2 subcategorias: Bem definidos e Mal definidos, consoante a permeabilidade dos limites entre subsistemas. A subcategoria “Bem definidos” contempla as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas da sua residência habitual (UC=3):

FD1: *“Eu não gosto de me meter na relação da minha mãe e do meu pai, enquanto casados, e se for um problema entre eles eu prefiro não me meter.”*

FD2: *“Normalmente quando são problemas que não têm nada a ver comigo os meus pais resolvem e eu não me meto.”*

Por sua vez, a subcategoria “Mal definidos” destaca as verbalizações de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2):

FND4: *“Eu vejo os meus pais essencialmente, aliás eu tive de aprender a vê-los assim, de certa forma, mais como pessoas do que como pais. Porque quando eu era mais nova eu achava que eles não deviam ter certos comportamentos comigo, que aquilo não era muito correto.”*

Categoria 4: Autonomia e liberdade

A categoria “Autonomia e liberdade” refere-se à autonomia e liberdade experienciada pelas estudantes agora que frequentam a Universidade.

Tabela 27. Categoria 4: Autonomia e liberdade

Categoria	UR	UC
Autonomia e liberdade	4	13

A Categoria 4: “Autonomia e liberdade”, não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=10) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=3):

FD1: *“Agora eu preciso de espaço... Não é que eu não goste de estar com eles, mas eu já preciso do meu espaço e pronto. Eu venho visitá-los durante o fim-de-semana e está bom! Isto não quer dizer que nós não tenhamos uma ligação, nós temos, mas eu estou-me a fazer à vida, estou a crescer!”*

FND5: *“É assim nós estamos habituados até aqui à escola e ao secundário é tudo muito diferente e nós chegamos aqui e temos uma independência muito maior e isso para mim é super bom! Eu sempre fui muito de "deixem-me estar na minha" e isso foi super bom aqui.”*

Categoria 5: Responsabilidade

A categoria “Responsabilidade” diz respeito à acrescida responsabilidade que acompanha a autonomia e liberdade conquistadas pelas jovens.

Tabela 28. Categoria 5: Responsabilidade

Categoria	UR	UC
Responsabilidade	4	10

A Categoria 5: “Responsabilidade” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=8) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=2):

FD3: *“Eu até gostava de estar aí [em Évora], pronto, o facto de ser mais independente e ter de ser eu a fazer as minhas coisas e ter mais responsabilidades, não me fazia impressão. Durante a semana quando eu estava em Évora, eu estava lá bem...”*

FND5: *“Em termos do estudo em si, é completamente diferente, até porque aqui é ir às aulas práticas e ninguém nos obriga a ir às aulas teóricas, nós vamos se queremos, se não queremos não vamos e isto acaba por nos meter um sentido de responsabilidade um bocadinho maior porque tu estás ali se queres... Eu gostei, porque estava ali a fazer o que queria porque queria e só estava ali quem quer.”*

No subtema “Perceção sobre a família” emergiram 5 categorias: “Perceção relativa aos padrões de interação familiar”, “Perceção relativa aos membros da família”, “Crescimento pessoal da estudante”, “Maior proximidade entre os membros da família” e “Sentimentos de Pertença”.

Categoria 6: Percepção relativa aos padrões de interação familiar

A categoria “Percepção relativa aos padrões de interação familiar” é referente à percepção de satisfação que cada participante tem sobre os seus padrões de interação familiar.

Tabela 29. Categoria 6: Percepção relativa aos padrões de interação familiar

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Percepção relativa aos padrões de interação familiar	Satisfatória	4	8
	Insatisfatória	2	2

A Categoria 6: Percepção relativa aos padrões de interação familiar, apresenta 2 subcategorias: Satisfatória e Insatisfatória. A subcategoria “Satisfatória” destaca as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=3):

FD2: *“Sinto-me bem [em relação à minha família]! Eles sempre me apoiaram, sempre me deram tudo, vá entre aspas, nunca me faltou nada, sempre tiveram lá para mim!”*

FND4: *“E é a isso [melhoria na comunicação] a que eu atribuo [a melhoria da minha relação com os meus pais] essencialmente. Também teve, pronto, que haver esforço da minha parte, porque como eu disse sou reservada e não costumava comunicar com eles e é claro que assim que eu comecei a comunicar eles também foram capazes de me ajudar porque sabiam o que se estava a passar comigo, então, foram mais estas coisas.”*

A subcategoria “Insatisfatória” destaca as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=1) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD1: *“Como já disse eu sou a primeira da minha família a vir para a Universidade e há sempre boquinhas "olha a doutora" e não sei o quê mais... e pronto. Detesto... Não me sinto confortável... é pôr-me alguma pressão em cima...”*

FND5: *“Eu sinto mais os meus pais como... o estarem a prender-me do que propriamente me estarem a incentivar... sinto que tenho uma mão a puxar-me para trás do que uma mão a empurrar-me para a frente...”*

Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família

A categoria “Perceção relativa aos membros da família” aborda a perceção que as estudantes têm sobre os seus pais e mães.

Tabela 30. Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Perceção relativa aos membros da família	Qualidades	5	9
	Defeitos	4	7

A Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família, apresenta 2 subcategorias: Qualidades e Defeitos. A subcategoria “Qualidades” é composta pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=4):

FD3: *“A minha mãe é muito daquelas pessoas que é capaz de tirar a roupa do corpo para dar a outra pessoa... Pronto, é muito prestável e está sempre disposta a ajudar os outros.”*

FND4: *“Eu diria que o meu pai é tipo o engraçado, o dinâmico, o descontraído”*

A subcategoria “Defeitos” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=4):

FD3: *“[O meu pai] Tem um feitio um bocado mais impulsivo, é assim homem e por isso é um bocado mais frio”*

FND5: *“O meu pai é um bocadinho mais impulsivo e um bocadinho mais explosivo. Sempre se chateou mais comigo”*

Categoria 8: Crescimento pessoal da estudante

A categoria “Crescimento pessoal da estudante” diz respeito ao desenvolvimento e aprendizagens que as estudantes realizaram agora que se encontram na Universidade e que contribuíram para a sua evolução enquanto pessoas.

Tabela 31. Categoria 8: Crescimento pessoal da estudante

Categoria	UR	UC
Crescimento pessoal da estudante	4	7

A Categoria 8: “Crescimento pessoal da estudante” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=4):

FD1: *“Eu agora estou um bocadinho mais aberta em falar de algumas coisas com eles, em alguns temas falo mais com eles comparando ao que fazia há uns anos, antes da Universidade. Até porque na adolescência é um bocadinho complicado..., mas agora estou mais crescida é mais fácil.”*

FND4: *“Eu não atribuo [a melhoria da comunicação] propriamente à Universidade, eu atribuo a coisas que foram acontecendo ao longo do tempo, e na minha vida e que pronto eu inevitavelmente fui crescendo com as mesmas.”*

Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família

A categoria “Maior proximidade entre os membros da família” diz respeito à melhoria e aproximação emocional entre membros da família depois da entrada da estudante no Ensino Superior.

Tabela 32. Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família

Categoria	UR	UC
Maior proximidade entre os membros da família	1	4

A Categoria 9: “Maior proximidade entre os membros da família” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=4):

FND4: *“Sinto que ficámos mais próximos, decididamente!”*

Categoria 10: Sentimentos de Pertença

A categoria “Sentimentos de Pertença” diz respeito ao sentimento de pertença relatado pelas estudantes.

Tabela 31. Categoria 10: Sentimentos de Pertença

Categoria	UR	UC
Sentimentos de Pertença	3	4

A Categoria 10: Sentimentos de Pertença foi formulada com base nas verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD1: *“No início foi muito complicado, mas agora pronto vou para a minha casa e a minha casa é em Évora!”*

FND5: *“Sabia que era uma boa Universidade para ir e é o que muita gente fala às vezes noutras Universidades as pessoas acabam por não conseguirem integrar-se tanto porque não tanto aquele espírito de viver a Universidade e eu sinto que cá isto... é super bom.”*

No subtema “Processos de interação familiar” emergiram 3 categorias: “Resolução de problemas”, “Tomada de Decisão” e “Tempo livre”.

Categoria 11: Resolução de problemas

A categoria “Resolução de problemas” remete para o decorrer do processo de resolução de problemas de cada família.

Tabela 32. Categoria 11: Resolução de problemas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Resolução de problemas	Negociação	5	6
	Pedido de auxílio	4	7
	Resolução independente	4	7

A Categoria 9: Resolução de problemas, apresenta 3 subcategorias: “Negociação”, “Pedido de auxílio” e “Resolução independente”. A subcategoria “Negociação” trata a

compreensão da perspectiva do outro e a tentativa de chegar a um consenso e é composta pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=2):

FD1: *“Tentamos perceber o lado uns dos outros e chegar a uma solução.”*

FD3: *“Normalmente há sempre um período em que não se conversa, para a situação ser digerida, depois, às vezes, há algumas coisas que são ditas a quente que não se pronto... mas depois a coisa acaba por se resolver. Normalmente a conversar sobre o assunto e tentar perceber os diferentes pontos de vista.”*

A subcategoria “Pedido de auxílio” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=2):

FD3: *“Quase todas [as situações em que peço ajuda aos meus pais] ... (risos). Sou muito menina dos papás...”*

FND5: *“Conselhos peço à minha mãe... TODOS! É à minha mãe, mas eu sou muito o tipo de pessoa que quando as coisas acontecem eu não quero falar preciso de estar um bocadinho comigo. Mas depois quando quero falar e assim acabo por falar com a minha mãe e pedir ajuda à minha mãe e a minha mãe sempre me deu esses conselhos e às vezes eu nem peço e ela dá-me na mesma.”*

A subcategoria “Resolução independente” destaca as verbalizações de 2 participantes em condição de deslocadas (UC=4) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=3):

FD1: *“Eu quero resolver as minhas coisas sozinha. Não é que eu seja independente, porque obviamente eu preciso dos meus pais em muitas situações. Mas se eu tenho algum problema eu quero resolver sozinha porque eu acho que consigo.”*

FND5: *“A verdade é eu não peço assim muita ajuda eu prefiro resolver as coisas sozinha...”*

Categoria 12: Tomada de Decisão

A categoria “Tomada de Decisão” remete para o decorrer do processo de tomada de decisão de cada família.

Tabela 33. Categoria 12: Tomada de Decisão

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Tomada de Decisão	Decisões tomadas entre todos	3	6
	Decisões tomadas pelo casal	1	1
	Decisões unilaterais	3	4

A Categoria 10: Tomada de Decisão apresenta 3 subcategorias: “Decisões tomadas pelo casal”, “Decisões tomadas entre todos” e “Decisões unilaterais”. A subcategoria “Decisão tomada entre todos” alberga as verbalizações de 1 participantes em condição de deslocadas (UC=3) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=3), das quais se destacam:

FD3: *“É muito ouvir a opinião de cada um e depois acabam por chegar a um consenso.”*

FND4: *“Mas acho que de forma geral nós acabamos sempre por comunicar uns com os outros independentemente depois da decisão final, cada um diz aquilo que quer dizer.”*

A subcategoria “Decisões tomadas pelo casal” destaca as verbalizações de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD3: *“Depende dos assuntos, quando são coisas assim de cariz mais importante ou que sejam relacionadas com a casa é mais o meu pai e a minha mãe que decidem. Eu não tenho grande voto na matéria nestas decisões, mas sim é a mais entre eles os dois.”*

A subcategoria “Decisões unilaterais” destaca as verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=2) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=2):

FD1: *“Para mim eu ponho sempre a batata quente nas mãos da minha mãe... Sempre... Eu acho que não consigo decidir... acho que a minha mãe é mais sensata e é ela que decide.”*

FND4: *“Nós por norma refilamos uns com os outros sobre o que é que queremos comer (risos). A minha mãe quer uma coisa, o meu pai quer outra e depois cada um acaba por comer da sua coisa...”*

Categoria 13: Tempo livre

A categoria “Tempo livre” incide sobre a forma como os participantes passam o seu tempo livre.

Tabela 34. Categoria 13: Tempo livre

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Tempo livre	Atividades em família	5	9
	Atividades do casal	2	2
	Atividades individuais	3	5

A Categoria 11: Tempo livre apresenta 3 subcategorias: Atividades em família, Atividades do casal e Atividades individuais. A subcategoria “Atividades em família”, referente ao tempo passado entre todos os elementos da família, é composto pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5) e de 2 participantes em condição de não deslocadas da sua residência habitual (UC=4), das quais se destacam:

FD1: *“Agora vamos para a sala, ou vamos beber vinho e ver um filme (risos)... Mas nós gostamos de ir passear, de ir a bares... gostamos imenso de ir a um bar, o “Bar da R.”.”*

FND4: *“Às vezes vamos a algum lado, a alguma loja por algum motivo todos juntos, ou visitar a minha avó, coisas assim...”*

A subcategoria “Atividades do casal” compreende as verbalizações referentes aos momentos vivido pelo casal e é composta pelas verbalizações de 1 participante em condição de deslocada (UC=1) e de 1 participante em condição de não deslocada da sua residência habitual (UC=1):

FD2: *“Os meus pais às vezes vão [passear], mas eu nunca fui de ir com os meus pais assim às coisas. Aborrecia-me sempre!”*

FND5: *“Os meus pais quando estão os dois fazem as suas caminhadas vão cedinho de manhã quando podem, e pronto são coisas que eu também deixei de fazer porque às vezes ficar acordada até às tantas da manhã a acabar um trabalho depois não me apetece acordar no outro dia às 8h para ir andar (risos)...”*

Por fim, a subcategoria que comporta as atividades individuais dos membros da família - “Atividades individuais” – é constituída pelas verbalizações de 3 participantes em condição de deslocadas (UC=5), das quais se destacam:

FD2: *“O meu pai está na horta sempre, praticamente. A minha mãe vai trabalhar e passo normalmente no computador a ver séries ou filmes ou alguma coisa assim. Não temos aquela coisa de nos juntarmos todos e... pronto.”*

FD3: *“O meu pai para além de trabalhar é presidente de um clube de futebol, ou seja, ele não tem muito tempo livre, por isso basicamente o tempo livre que nós passamos mais os três é nas férias quando vamos uns dias à praia.”*

Mães e Pais

De seguida apresentam-se os resultados encontrados através da análise do discurso das mães e pais sobre as suas famílias e dinâmicas familiares.

Da análise do subtema “Padrões de interação dentro dos subsistemas” emergiram 5 categorias: “Interação com os progenitores”, “Complementaridade dos membros do casal”, “Limites bem-definidos entre subsistemas”, “Autonomia e liberdade” e “Responsabilidade”.

Categoria 1: Interação com os progenitores

A categoria “Interação com os progenitores”, remete para os momentos destacados na entrevista em que as estudantes estão a conviver com um dos seus progenitores.

Tabela 35. Categoria 1: Interação com os progenitores

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Interação com os progenitores	Mãe-filha	5	6
	Pai-filha	2	2

A Categoria 1: Interação com os progenitores apresenta 2 subcategorias: uma referente ao convívio com a mãe – subcategoria mãe-filha – e a outra referente ao convívio com o pai - subcategoria pai-filha. A subcategoria “Mãe-filha” alberga as verbalizações de 2 mães (UC=2) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição

de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“A nossa relação é ótima! Quando estamos juntas nem parecemos que somos mãe e filha parecemos que somos duas irmãs. A nossa relação é ótima...”*

MND5: *“Às vezes quando é comigo falamos, mas (...) Comigo é diferente, ela não se deita zangada comigo, por exemplo, nós precisamos de ir falar antes de ir dormir.”*

A subcategoria “Pai-filha” é constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=1) e 1 pai (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada da sua residência habitual:

MD3: *“Quando há aquelas notícias assim mais abrangentes, que abrangem tudo, o meu marido está por dentro disso tudo. Eu desligo. E ela também gosta disso e por vezes fala com o pai, às vezes eu estou ali e eles estão a falar e eu “ah, está bem” muitas vezes eu nem tenho ouvido a notícia porque pronto a nossa vida também é diferente - há que fazer.”*

PD3: *“Depende, olhe, eu com a minha filha falo de muita coisa, falamos sobre variadíssimos assuntos desde política a história, a sei lá... variadíssimos assuntos... desporto é o que calha.”*

Categoria 2: Complementaridade dos membros do casal

A categoria “Complementaridade dos membros do casal”, remete para a complementaridade das funções desempenhadas pelos membros do casal.

Tabela 36. Categoria 2: Complementaridade dos membros do casal

Categoria	UR	UC
Complementaridade dos membros do casal	2	5

A Categoria 2: “Complementaridade dos membros do casal”, não apresenta subcategorias e destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=3) e 1 pai (UC=2) cuja filha se encontra em condição de deslocada da sua residência habitual:

MD3: *“Se [o problema] é com ela eu fico logo em pânico (risos) - cá está por causa da ansiedade, mas depois está cá o pai que completa, faz a parte mais tranquila, “e não pode ser assim e tem de ser isto ou aquilo” e faz mais chamá-la à razão.”*

PD3: *“Também te de se fazer aqui um bocado... contrabalançar aquilo as mulheres muitas das vezes são mais emotivas, mais pessimistas, muitas das vezes uma coisa que é normal é uma situação normal, porque isto na nossa vida acontecem-nos sempre coisas boas, acontecem-nos coisas más e nós temos de saber viver com estas situações.”*

Categoria 3: Limites bem-definidos entre subsistemas

A categoria “Limites bem-definidos entre subsistemas” refere-se à clara distinção entre os subsistemas filial e parental.

Tabela 37. Categoria 3: Limites bem-definidos entre subsistemas

Categoria	UR	UC
Limites bem-definidos entre subsistemas	2	2

A Categoria 3: Limites bem-definidos entre subsistemas é fundamentada pelas verbalizações de 1 pai (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada e de 1 mãe (UC=2) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MND4: *“Se for assim só entre eu e o meu marido não a metemos, porque ela não tem nada a ver.”*

PD3: *“Agora eu separo as coisas em duas situações: uma coisa é problemas entre o casal e outra situação é problemas com a filha e são situações completamente diferentes que têm soluções e resoluções diferentes.”*

No subtema “Perceção sobre a família” emergiram 7 categorias: “Autonomia e liberdade”, “Responsabilidade”, “Perceção relativa aos padrões de interação familiar”, “Perceção relativa aos membros da família”, “Crescimento pessoal da estudante”, “Maior proximidade entre os membros da família” e “Sentimentos de Ambivalência”.

Categoria 4: Autonomia e liberdade

A categoria “Autonomia e liberdade”, como o nome indica, remete para a autonomia e liberdade experienciada pelas estudantes agora que frequentam a Universidade e reconhecida pelos seus pais e mães.

Tabela 38. Categoria 4: Autonomia e liberdade

Categoria	UR	UC
Autonomia e liberdade	8	21

A Categoria 4: “Autonomia e liberdade” não apresenta subcategorias e é fundamentada pelas verbalizações de 2 mães (UC=6) e 2 pais (UC=6) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=5) e 2 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD3: “Este ano noto mais que ela já está mais libertada, mais à-vontade já pega no carro - que depois nós compramos em dezembro um carro para ela. Ela pega no carro e já vai, já sai. Lá dentro de Évora a gente dizia-lhe qualquer coisa, do tipo "ah vai buscar isto ou aquilo” e ela "Não sei para onde é que é " ou "Não me apetece sair" e agora não. Se lhe disser, tens de que ir - agora pediram-lhe um favor para ela ir aos serviços académicos - e ela já foi sozinha, já se desenrasca.”

PND5: “Sim, ela é que decide, porque ela às vezes há certas coisas - eu às vezes podia também ajudar ou aconselhar alguma coisa, mas ela não diz nada (sorriso).”

Categoria 5: Responsabilidade

A categoria “Responsabilidade” diz respeito à acrescida responsabilidade que acompanha a autonomia e liberdade conquistadas pelas jovens.

Tabela 39. Categoria 5: Responsabilidade

Categoria	UR	UC
Responsabilidade	7	14

A Categoria 5: “Responsabilidade” não apresenta subcategorias e é composta pelas verbalizações de 2 mães (UC=6) e 2 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD2: “Sim, achei que ela foi muito responsável com 17 anos. Eu achava que ela não conseguia fazer nada sem mim ao pé, mas não (sorriso). Ela consegue, orienta as coisas à maneira dela, com as desarrumações dela, mas eu não estou lá não vejo e pronto acho que ela é responsável, sim. Cresceu muito!”

PND5: *“Ela está diferente... Como é que hei de responder, está diferente acho que tem mais responsabilidade, pronto, com a Universidade, tem de estudar mais tem de se aplicar mais. Eu também nunca lhe disse nada, ela aplica-se porque quer e eu noto que ela se aplica.”*

No subtema “Perceção sobre a família” emergiram 2 categorias: “Perceção relativa aos padrões de interação familiar” e “Perceção relativa aos membros da família”.

Categoria 6: Perceção relativa aos padrões de interação familiar

A categoria “Perceção relativa aos padrões de interação familiar” corresponde à perceção de satisfação que cada participante tem sobre os seus padrões de interação familiar.

Tabela 40. Categoria 6: Perceção relativa aos padrões de interação familiar

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Perceção relativa aos padrões de interação familiar	Satisfatória	8	12
	Insatisfatória	1	6

A Categoria 6: Perceção relativa aos padrões de interação familiar, apresenta 2 subcategorias: Satisfatória e Insatisfatória. A subcategoria “Satisfatória” é constituída pelas verbalizações de 2 mães (UC=3) e 3 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“Quando nós estamos os 3 juntos só fazemos asneiras, só palhaçadas... é juntarmo-nos e recuperar o tempo perdido que ela não está em casa!”*

PD3: *“Para isto durar há 23 anos o casamento e a minha filha com 21 a coisa mais ou menos tem funcionado - uns dias pior ou uns dias melhor, mas tem funcionado.”*

A subcategoria “Insatisfatória” é constituída pelas verbalizações de 1 pai (UC=6) cuja filha se encontra em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

PND5: “*Eu digo a minha opinião e depois a seguir as senhoras resolvem-se (risos) Eu estou em minoria... Estando em minoria pronto! Já me conformei com isto... às vezes posso não estar de acordo, mas aceito.*”

Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família

A categoria “Perceção relativa aos membros da família”, remete para a perceção dos pais e mães sobre as estudantes.

Tabela 41. Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Perceção relativa aos membros da família	Qualidades	8	15
	Defeitos	3	7

A Categoria 7: Perceção relativa aos membros da família apresenta 2 subcategorias: Qualidades e Defeitos. A subcategoria “Qualidades” alberga as verbalizações de 3 mães (UC=6) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND5: “*Mas ela é uma pessoa extraordinária, a minha filha é uma pessoa extraordinária é sempre muito preocupada, sempre atenciosa... E sobretudo ela é muito muito bondosa, está sempre pronta para ajudar o próximo*”

PD1: “*Nunca ofende ninguém. De 0 a 10 ela [filha] é um 10 e no que puder ajudar eu ajudo-a.*”

A subcategoria “Defeitos” destaca as verbalizações de 1 mãe (UC=3) e 1 pai (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD2: “*É um bocado desligada das pessoas, vive no centro dela*”

MND5: “*A minha filha às vezes é um bocadinho teimosa, mas isso é porque sai ao pai, ali um bocadinho (risos)*”

Categoria 8: Crescimento pessoal da estudante

A categoria “Crescimento pessoal da estudante” diz respeito ao reconhecimento por parte dos progenitores do desenvolvimento humano das jovens.

Tabela 42. Categoria 8: Crescimento pessoal da estudante

Categoria	UR	UC
Crescimento pessoal da estudante	7	11

A Categoria 8: “Crescimento pessoal da estudante” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 2 mães (UC=4) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=2) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD3: *“Ela às vezes até me dá mais conselhos (risos)... tenho qualquer coisa eu falo com ela e ela até me dá conselhos. Nesta parte em que eu lhe disse que ela cresceu, a parte da ansiedade ela diz-me "mãe não podes ser assim" - mãe isto, mãe aqui. Ela às vezes até me dá me lá umas dicazinhas!”*

PND4: *“Ela era muito reservada mesmo como miúda era muito reservada, mesmo connosco, e acho que espevitou um bocadinho com a Universidade.”*

Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família

A categoria “Maior proximidade entre os membros da família” diz respeito à melhoria e aproximação emocional entre membros da família depois da entrada da estudante no Ensino Superior.

Tabela 43. Categoria 9: Maior proximidade entre os membros da família

Categoria	UR	UC
Maior proximidade entre os membros da família	2	2

A Categoria 9: “Maior proximidade entre os membros da família” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada e de 1 pai (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD3: *“Mesmo em termos de preocupação - “mãe precisas disto?” - e mesmo em casa fazer as coisas - antes não fazia - ela tira a loiça da máquina eu chego a casa à hora do almoço quando venho às 18h já está a loiça da máquina tirada, se tiver roupa estendida ela apanha. Cresceu ali um bocadinho, cresceu um bocadinho...”*

PND4: *“Ela era muito reservada mesmo como miúda era muito reservada, mesmo conosco, e acho que espreitou um bocadinho com a Universidade. Às vezes eu vou buscá-la e vimos pelo caminho e ela tem a iniciativa de contar "olha hoje, aconteceu isto, e aquilo ou o outro" e antes vinha calada. Eu acho que em termos de convivência foi o que mudou mais. De resto está tudo igual.”*

Categoria 10: Sentimentos de Ambivalência

A categoria “Sentimentos de Ambivalência” diz respeito aos sentimentos contraditórios relatados pelas mães e pais relativamente a esta nova fase da vida das filhas.

Tabela 44. Categoria 10: Sentimentos de Ambivalência

Categoria	UR	UC
Sentimentos de Ambivalência	6	10

A Categoria 10: “Sentimentos de Ambivalência” não apresenta subcategorias e comporta as verbalizações de 3 mães (UC=6) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual:

MD1: *“Agora estou aqui um bocado chorona, às vezes é difícil pensar que ela já não está cá, mas eu sei que é para ela ter um futuro melhor e então olha... Vamos em frente!”*

MDN5: *“Sinto isso [o afastamento da minha filha], mas também não vou fazer disso um bicho de 7 cabeças para mim, porque tenho de perceber que faz parte do procedimento dela, faz parte da personalidade dela e que tem de ser assim, pronto. Eu não posso andar sempre atrás dela e a fazer por ela... mas custa um bocadinho (risos)”*

No subtema “Processos de interação familiares” emergiram 3 categorias: “Resolução de problemas”, “Tomada de Decisão” e “Tempos livres”.

Categoria 11: Resolução de problemas

A categoria “Resolução de problemas”, remete para o decorrer do processo de resolução de problemas de cada família.

Tabela 45. Categoria 11: Resolução de problemas

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Resolução de problemas	Negociação	8	13
	Adiamento da resolução	1	1
	Pedido de auxílio	7	10
	Resolução independente	4	7

A Categoria 11: Resolução de problemas apresenta 4 subcategorias: Negociação; Adiamento da resolução; Pedido de auxílio; e Resolução independente. A subcategoria “Negociação” trata a compreensão da perspectiva do outro e a tentativa de chegar a um consenso e é constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=2) e 3 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MND4: *“É assim, falamos em relação ao problema, tentamos ver como é que se resolve, em função do problema. Porque eu acho que há solução para tudo menos para a morte, portanto... E é a falar que a gente se entende que é mesmo assim.”*

PND5: *“Resolvemos o problema! Eu para mim o problema resolve-se a falar, ponto final parágrafo. Eu não sou pessoa de me calar. Eu gosto de discutir o problema, gosto de falar.”*

A subcategoria “Adiamento da resolução” diz respeito aos problemas que não são abordados nem resolvidos pelos membros da família. Aqui encontram-se as verbalizações de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de não deslocada da sua residência habitual, das quais se destacam:

MND5: *“Ela com o pai tem uma relação mais afastada, digamos assim. Às vezes com o pai nem sempre resolvem logo na hora... Às vezes vão-se deitar cada um chateado para seu lado e depois no outro dia de manhã está tudo bem.”*

A subcategoria “Pedido de auxílio” é constituída pelas verbalizações de 2 mães (UC=2) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MND5: *“Situações que se passam, que aconteceram, procura conselhos sobre o que é que eu penso, na situação dela o que é que eu faria. Para tentar arranjar uma solução para as questões que ela procura resolver.”*

PD1: *“É mais pedir apoio e ajuda... Mas normalmente ela quer sempre é ajuda a nível financeiro. Agora pedir conselhos isso é mais com a mãe... Não costuma falar disso comigo.”*

A subcategoria “Resolução independente” encontram-se as verbalizações de 1 mãe (UC=1) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 1 mãe (UC=3) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MND4: *“Ela só pede ajuda se estiver já muito aflita, ela é muito orgulhosa e pronto... só já nas últimas é que ela pede....”*

PD2: *“Ela não é muito de pedir conselhos... Não é muito não. É muito autónoma e é muito de ideias fixas, acho que quando foi da academia [militar]... Eu ainda disse às colegas dela: "então, vocês não a conseguem remover disso?" e elas "Acha? A sua filha pensa pela cabeça dela, não vale a pena que ela é de ideias fixas" como tal, só conta aquilo que ela está a pensar.”*

Categoria 12: Tomada de Decisão

A categoria “Tomada de Decisão” remete para o decorrer do processo de tomada de decisão de cada família.

Tabela 46. Categoria 12: Tomada de Decisão

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Tomada de Decisão	Decisões tomadas entre todos	9	13
	Decisões tomadas pelo casal	5	5
	Decisões unilaterais	5	6

A Categoria 12: Tomada de Decisão, apresenta 3 subcategorias. A subcategoria “Decisões tomadas entre todos” é constituída pelas verbalizações de 3 mães (UC=4) e 3 pais (UC=4) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=4) e 1 pai (UC=1) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD1: *“É assim, sim, juntávamos todos e conversávamos e procuramos saber a opinião de cada um!”*

MND4: *“Temos uma decisão para tomar temos de falar e chegar a um acordo e a um bom-senso para poder então ficar decidido... O que é para ficar é para ficar, pronto.”*

A subcategoria “Decisões tomadas pelo casal” alberga as verbalizações de 3 mães (UC=3) e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas da sua residência habitual, das quais se destacam:

MD3: *“Quando são essas coisas da casa é entre mim e o pai, não é?”*

PD1: *“Também falamos... É difícil tomar uma decisão sozinho. Costumo falar muito com a minha mulher e depois oiço o que ela diz...”*

A subcategoria “Decisões unilaterais” é constituída pelas verbalizações de 1 pai (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada e de 2 mães (UC=2) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND4: *“Se for uma coisa que não interfere em nada com ela então aí ou decido eu, ou decide o meu marido... Aí já é diferente.”*

PD3: *“Se forem situações que tenham a ver com situações financeiras eu deixo isso para a minha mulher, ela que resolva que ela é que é a técnica dessas coisas.”*

Categoria 13: Tempo livre

A categoria “Tempo livre”, remete para a forma como os participantes passam o seu tempo livre.

Tabela 47. Categoria 13: Tempo livre

Categoria	Subcategoria	UR	UC
Tempo livre	Atividades em família	9	16
	Atividades do casal	3	3
	Atividades individuais	5	8

A Categoria 13: Tempo livre, apresenta 3 subcategorias: Atividades em família, Atividades do casal, Atividades individuais. A subcategoria “Atividades em família” é constituída pelas verbalizações de 3 mães (UC=6) e 3 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e de 2 mães (UC=5) e 1 pai (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD2: *“O resto do tempo passamos aqui em casa, fazemos um lanchezinho, são coisinhas em família, porque agora também não dá para mais nada.”*

PD3: *“Não é muita vez, não é conforme o que seria desejável, mas de vez em quando fazemos um programazinho juntos.”*

A subcategoria “Atividades do casal” é composta pelas verbalizações de 1 mãe (UC=1) cuja filha se encontra em condição de deslocada e 2 pais (UC=2) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MD2: *“Eu e o pai costumamos ir passear, muitas vezes vamos à praia. Ela leva o tempo no computador ou faz desporto e eu tenho também o quintal e as minhas flores. Depois damos umas passeadelazinhas, mas ela já não quer vir com a gente.”*

PND5: *“Eu e a minha mulher saímos... Eu normalmente quase todos os fins-de-semana digo à minha filha "não queres vir com a gente?" e ela nunca quer, nunca vai... é raro, muito raro ela ir. Ela nunca tem uma oportunidade para estar connosco ou tem de estudar ou não sei o quê...”*

A subcategoria “Atividades individuais” é constituída pelas verbalizações de 1 mãe (UC=2) e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de deslocadas e 2 pais (UC=3) cujas filhas se encontram em condição de não deslocadas da sua residência habitual:

MND4: *“Quando a minha filha não está a estudar, ou está em reunião, ou está ocupada a trabalhar.... É assim, vocês estão sempre muito ocupados, estão sempre a fazer qualquer coisa....”*

PND5: *“Nós os três agora é muito raro, a gente ter alguma coisa. Ao fim-de-semana... Eu sou praticante de ciclismo, eu faço BTT e faço ciclismo de estrada. Eu todos os fins-de-semana vou andar de bicicleta, pronto. Isso é ponto assente, de manhã vou andar de bicicleta!”*

Anexo F – Perspetiva Global das Entrevistas

Análise Respostas das Estudantes

Tema C: Perspetiva sobre ingresso no Ensino Superior		
Questão 1 - Porque é que decidiste ingressar na Universidade?		
Estudantes Deslocadas		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sei que sempre quis tratar de animais” • “Fui à procura e com o secundário tu não consegues fazer grande coisa.” • “A minha avó dizia sempre "Ah, tu tens de ter um curso, para teres alguma estabilidade"” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefícios em termos de empregabilidade - Vocação para a área escolhida - Influência da família
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sempre quis estudar, sabia que isso era bom para mim e para o meu futuro, para poder ter um bom emprego.” • “É sempre bom nós irmos acompanhar as pessoas que são nossos amigos, que vão para a Universidade também.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade de prosseguir estudos - Benefícios em termos de empregabilidade - Componente social
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não queria ficar só por ali... Achava que, pronto, tinha capacidade para mais, não queria ser alguém só com o 12º” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade de prosseguir estudos
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu por acaso sempre gostei bastante de estudar e de aprender.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade de prosseguir estudos

	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu fui a primeira da minha família a entrar na Universidade” • “Acabei por ser um pouco influenciada, naquele sentido de pronto é importante tu estudares e etc.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Influência da família
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho noção dessa importância no mercado de trabalho e para desenvolvimento pessoal” • “Sempre quis vir, desde pequenina, sempre vi as fotos da minha tia com o traje e assim sempre quis vir...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefícios em termos de empregabilidade - Benefícios em termos de crescimento pessoal - Vontade de prosseguir estudos - Influência da família
Questão 3 - Como escolheste o curso?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu queria medicina veterinária, mas depois eu vi, realmente que eu não queria tratar de animais, mas queria produzir animais, para consumo” • “Então foi a minha professora do secundário que me falou deste curso.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vocação para a área escolhida - Curso escolhido recomendado por terceiros
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu queria ir para a academia militar, tirar ciências militares, no exercito, mas por causa dos olhos...” • “Conheci um rapaz que tinha estado em ciências do desporto em Évora...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Impossibilidade de ingressar no curso desejado - Curso escolhido recomendado por terceiros - Vocação para a área escolhida

	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não queria um curso assim parado decidi ir... e também era uma coisa que eu gostava, o ginásio e isso.” 	
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não sabia o que é que queria, aliás ainda não sei bem, e então eu escolhi gestão porque sempre gostei de matemática” • “Então achei que gestão era um curso que me dava muita... uma variedade muito grande de opções.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Indecisão na escolha de curso - Benefícios em termos de empregabilidade
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Aliás os meus pais não tinham possibilidades de me mandar para Lisboa para estudar em belas artes e então acabei por seguir psicologia.” • “Sempre tive bastante indecisa ou uma coisa ou outra” • “É assim eu pensei: "Ok, desenho é uma coisa que eu faço desde sempre, e não é preciso ter propriamente uma formação para eu desenhar e pintar, mas psicologia é diferente". 	<ul style="list-style-type: none"> - Recursos financeiros limitados - Indecisão na escolha de curso - Vocação para área escolhida - Necessidade de formação superior
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Então, é assim, eu desde de sempre que gostei muito desta área, mas eu tinha noção das dificuldades que é depois encontrar trabalho” • “Entretanto eu adorava também matemática.” • “E depois também questionei várias vezes se seria indicado para mim ou se eu seria indicada para o papel de psicóloga” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefício em termos de empregabilidade insuficientes - Vocação para a área escolhida - Indecisão na escolha de curso - Dúvidas sobre o seu perfil para o trabalho

Questão 4 - Fala-me um pouco sobre como reagiste quando soubeste que tinhas sido colocada na Universidade de Évora?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Olha por acaso, eu tinha descoberto que tinha entrado à meia-noite e seis, fui contar aos meus pais... e pronto fiquei supercontente” • “Queria espalhar a notícia que entrei!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Felicidade - Entusiasmo face à colocação
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Olha ir para Évora foi um impacto grande, porque eu só entrei na segunda fase, toda a gente já se conhecia eras as praxes também e eu não conhecia Évora em si, vá.” • “Fiquei muita triste! Chorei muito, muito, muito” • “As pessoas também me deram apoio” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade de adaptação - Medo de não se integrar - Tristeza por não ter entrado curso desejado - Apoio presente
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu tinha uma média alta e a média aqui em Évora não era assim tão alta...” • “Por isso já estava à espera, já estava mentalizada (risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tranquilidade face às colocações na Universidade - Confiança nas suas capacidades
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu estava nervosa ao início, porque há sempre aquela possibilidade de eu não conseguir entrar, não é?” • “E quando eu recebi o e-mail eu fiquei: "Oh meu deus, eu fiquei!". • “...estava ansiosa e nervosa, também, para começar esta nova etapa.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Receio face às colocações na Universidade - Entusiasmo face à colocação - Sentimentos ambivalentes entre o entusiasmo e o medo do desconhecido.

FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando entrei fiquei supercontente e pronto era aquilo que eu queria e não podia ter ficado mais contente!” • “Eu sempre quis sair também um bocadinho daqui, mas neste momento para mim e para a minha família o que fazia mais sentido.” • “Teve de ser assim e eu respeito isso e estou feliz, pronto!” • “Tinha e tenho uma boa perspetiva desta Universidade.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Entusiasmo face à colocação - Recursos financeiros limitados - Vontade de sair da casa dos pais frustrado
Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior		
Questão 5 - Como foram os teus primeiros tempos como universitária?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “No primeiro ano, eu estava a morar fora do centro de Évora então eu não tinha amigos a viver ao meu redor” • “Então foi um bocadinho mais difícil de adaptar-me porque nem tinha amigos nem tinha os meus pais.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão - Saudades dos pais - Dificuldades na adaptação - Dificuldade integração com os colegas
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Tínhamos aulas de equitação e o professor era um bocadinho "agressivo".” • “Andava assim sempre cansada, stressada, ansiosa, mas depois isto começou a melhorar, comecei a habituar-me comecei a criar amizades e isso...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação aos docentes - Sentimentos de stress - Importância da formação de amizades

FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu ao início morava em Évora no primeiro semestre e isso foi normal, correu bem.” • “Depois no segundo semestre comecei a ter umas crizezinhas de ansiedade, tinha decidido que queria ir e vir todos os dias e não ficar em Évora.” • “...eu sempre fui muito ansiosa e acho que a coisa foi-se acumulando e o estar longe de casa e o stress da Universidade e o ter mais responsabilidades” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança residencial para frequentar a Universidade - Sentimentos de stress - Personalidade suscetível para a ansiedade - Regresso à casa dos pais - Dificuldades de adaptação - Mais responsabilidade percebida como demasiado para a jovem
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Ao início estava muito entusiasmada, mesmo em termos de aulas - o que é que eu vou dar? como é que vão ser os professores?” • “É preciso estar lá para e ter a experiência, então com o tempo a ansiedade começou a diminuir à medida que eu me ia adaptando e arranjar as minhas estratégias e perceber que não havia tantas diferenças assim, em termos da minha organização enquanto estudante do Ensino Secundário para o Ensino Superior.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Entusiasmo face à Universidade - Adaptação aos docentes - Importância da experiência pessoal - Sentimentos de stress - Desenvolvimento de estratégias de <i>coping</i> - Organização e métodos de estudo
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Então os primeiros tempos foram complicados porque eu sentia que a minha vida era muito ir à Universidade e voltar para casa” • “E como eu sou de cá então sinto ainda mais esta separação porque, por exemplo, enquanto as minhas outras colegas que viviam noutras 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão - Afastamento dos colegas - Importância da formação de amizades - Organização e métodos de estudo

	<p>casas iam juntas para casa, apanhavam o mesmo autocarro e iam juntas, moravam todas ao pé umas das outras”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Acho que consegui dar conta do recado sempre fui extremamente organizada nesse aspeto [adaptação ao estudo] mesmo até por saber que era importante”. 	
<p>Questão 6 - Houve alguma coisa que te tenha surpreendido pela positiva nesta altura? O quê?</p>		
<p>Estudantes Deslocadas</p>		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Mais tarde comecei a dar-me mais com a E., por exemplo, uma grande amiga minha que agora mora comigo aqui em Évora, ou com o resto dos colegas e aí é que me fui integrando mais.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da formação de amizades - Sentimentos de pertença
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “As pessoas do meu curso são todas "malucas" (risos) vá são muito divertidas e isso e eu não estava à espera!” • “E eu não tinha essa personalidade assim como eles, era um bocado mais reservada” • “Entrar na segunda fase não é fácil, não conhecia ninguém e acho que se não tivesse entrado para as praxes se calhar não me tinha sido tão fácil me ter integrado com as pessoas” 	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da formação de amizades - Crescimento pessoal - Praxe como facilitador da integração e formação de amizades - Dificuldades de adaptação
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que em termos de algo que me surpreendesse muito de ficar assim muito pela positiva, epá acho que não..”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não foram relatadas surpresas positivas
<p>Estudantes Não Deslocadas</p>		

FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Estava um pouco nervosa da praxe, por causa das coisas que nós ouvíamos de pessoal de fora e também pela questão da relação com os professores que pensei que fosse mais uma coisa de dar, dar, dar e nós só recebemos.” • “Acabei por estar surpreendida pela positiva. Tanto pela praxe e pelas pessoas que me praxaram, que não é nada de outro mundo, muito antes pelo contrário, foi uma experiencia superdivertida e também pelos próprios professores que são todos excelentes professores, supersimpáticos e preocupam-se connosco e vê-se mesmo que gostam e que estão cá para nos ajudar então fiquei surpreendida pela positiva neste aspeto!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Praxe como facilitador da integração e formação de amizades - Importância da formação de amizades - Adaptação aos docentes - Sentimentos de pertença
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós chegamos aqui e temos uma independência muito maior e isso para mim é super bom!” • “Depois também sinto que me surpreendeu pela positiva as praxes. Eu consegui criar uma relação boa com algumas pessoas do terceiro ano e senti me super apoiada” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais independência e responsabilidade - Praxe como facilitador da integração e formação de amizades - Sentimento de Pertença
Questão 7 - O que é que foi mais difícil para ti nesta altura?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Exatamente, o mais difícil foi estar mais sozinha e isolada dos meus pais.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão - Saudades dos pais

FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “O mais difícil foi entrar com tudo em andamento” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão - Menos tempo de adaptação
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu andei, no secundário, numa vila pequena eu conhecia toda a gente que andava na escola, todos os professores e tivemos\ outro acompanhamento.” • “Na Universidade acabamos por andar mais à deriva e é mais um "salve-se quem puder" os professores não sabem quem nós somos, não...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação aos docentes - Organização e métodos de estudo
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “A única coisa que achei mais complicado foi compreender o calendário escolar, porque é completamente diferente, com as épocas de frequências, épocas de recurso e exame e qual é que é a diferença?” • “Compreender os horários, também” 	<ul style="list-style-type: none"> - Adaptação aos aspetos logísticos da Universidade
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Epá, mesmo com as praxes eu senti que não foi tão fácil para mim ao início conviver com os meus colegas, como já tinha dito e nesse aspeto sinto que ficou a faltar essa parte e depois como eu estou em casa e assim ainda mais senti esta separação.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de solidão - Praxe como facilitador da integração e formação de amizades - Dificuldade integração com os colegas
Questão 8 - Como geriste as dificuldades que enumeraste?		
Estudantes Deslocadas		

FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu chorava.... Estava sozinha” • “Estava triste e só chorava e depois pronto ligava aos meus pais todos os dias, mas não era a mesma coisa, quando eu falava com eles.” • “Só lhes disse como me sentia agora há pouco tempo” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades dos pais - Manter o contacto com os pais - Não partilhar as dificuldades com os pais - Apoio presente
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Psicologicamente o não ter entrado na primeira fase e também no secundário também não adorava o curso nem tirava grandes notas, acho que isso me fortaleceu...” • “Com o tempo comecei a habituar-me a falar com amigos e adaptei-me melhor às pessoas e a perceber quais as pessoas com quem eu me identificava mais...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Confiança nas suas capacidades - Familiaridade com os colegas - Importância da formação de amizades
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que isto é com o tempo, porque lá está nós ali somos mais um número do que propriamente, não é?” • “Os professores estão ali a dar aquilo para toda a gente que lá está: se apanhaste, apanhaste senão apanhaste, olha tivesses apanhado...” • “Ao início tinha muita vergonha de falar, por exemplo, de dizer alguma coisa, estava sempre calada não dizia nada e agora já conheço os meus colegas é diferente e alguns professores também já os tive no semestre passado por isso também já os conheço é diferente...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Familiaridade com o funcionamento das aulas - Familiaridade com os colegas - Adaptação aos docentes

Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu falei com alguns colegas meus que já estavam na Universidade” • “Fiquei um ano parada para acabar uma disciplina de secundário e também aproveitei para trabalhar e foi assim que eu paguei as minhas propinas” • “Em termos de conhecer pessoas mesmo do meu curso foi através da praxe, não é que eu fui conhecendo e falando com pessoas porque estávamos todos no mesmo barco e sim, nós íamos falando uns com os outros” 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio de amigos pré-universitários - Recursos financeiros limitados - Praxe como facilitador da integração e formação de amizades - Familiaridade com os colegas
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas eu cheguei ao ponto de dizer eu vou, eu vou sair eu vou estar com as pessoas e tem de ser, porque no primeiro semestre eu sentia que a única coisa que estava na minha vida da Universidade era o estudo” • “Em termos do estudo em si, é completamente diferente, até porque aqui é ir às aulas práticas e ninguém nos obriga a ir às aulas teóricas, nós vamos se queremos, se não queremos não vamos.” • “Apesar de agora ter que ter mais liberdade, porque, enfim, é um bocadinho mais complicado isso porque ainda estou em casa dos meus pais e acabo por ter uma vida um bocadinho diferente de quem está cá sozinho porque quem está cá sozinho” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de frustração - Sentimentos de incompreensão - Foco excessivo no estudo - Componente social insatisfatória - Desejo de independência - Liberdade condicionada

	<ul style="list-style-type: none"> • “Os pais do nada não conseguem perceber que houve qualquer coisa que mudou” • “Eles não têm a mínima noção do que é a Universidade do que é que a gente vive aqui” • “Eu não consigo fazer entender que é normal e que preciso disso e que a minha vida não pode ser só cabeça no estudo porque se não... a parte social é importante, não é? Se não nós não aprendemos a falar não aprendemos a conviver não aprendemos a nada e então é um bocado difícil explicar que é normal...” 	
Questão 9 - Fala-me um pouco do teu dia-a-dia antes e depois de teres entrado na Universidade.		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Antes, eu acabei o secundário e fiquei um ano a fazer biologia, portanto, eu ia à escola, morava com os meus pais, ia para o trabalho ficava lá até à noite e estudava.” • “O tempo que eu estava com os meus pais era à noite, noitinha por volta das 22h / 23h.” • “Agora, durante a semana todos os dias estava em Évora nas aulas, telefonava todos os dias à minha mãe às 20h da noite e à sexta feira abalava para a minha terra e aos domingos voltava para Évora.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco tempo passado com os pais - Manter o contacto com os pais

FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “No secundário tinha aulas às 9h apanhava o autocarro, acabava as aulas estudava ou ia ao ginásio e deitava-me sempre bué cedo, mais ou menos às 22h.” • “[Na Universidade] Acabava as aulas e já tinha os meus Senhores Estudantes para nos apanhar para nós irmos para o Rossio” • “Não tinha tempo para o ginásio” • “Às 2-3 da manhã deitava-me.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco tempo passado com os pais - Pouco tempo para si
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu antes de ter entrado na Universidade levantava-me ia para a escola, tinha as aulas vinha para casa, quando tinha explicações ia às explicações, se não vinha para casa, estudava ou fazia as minhas coisas, via as minhas amigas.” • “Agora, acordo vou para a Universidade de carro tenho as aulas venho para casa, às vezes tenho aulas online e vou às aulas quando não tenho aulas estudo um bocadinho e faço outras coisas.” • “A diferença não é muita é só basicamente o estar na Universidade” 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas mudanças na rotina relatadas
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que não houve assim grande diferença, que eu me lembre, porque o secundário também já foi há algum tempo. eu basicamente andava entre aulas e casa e saídas e é a mesma coisa na Universidade.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas mudanças na rotina relatadas - Alterações na vida social e momentos de lazer

	<ul style="list-style-type: none"> • “Só que é uma coisa engraçada é que se calhar no secundário não saía tanto à noite como agora (risos). já é uma outra vida diferente.” 	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Então, antes era sempre a minha mãe ia-me levar, a minha mãe ia me buscar, pronto. Agora não a maior parte do dia estava a ter aulas e arranjo boleia para Universidade e por isso vou e venho sozinha, tudo sozinha” • “Depois do jantar tinha aquela coisa de que depois do jantar tínhamos de ir para a sala, mas isso às vezes não é possível, se calhar antes ao fim de semana eles iam dar um passeio ou assim e eu tinha disponibilidade total para ir e mesmo que tivesse um teste ou outro eu conseguia adaptar” • “Eu acabo por, neste momento, quer conhecer outras pessoas, e estar com outras pessoas até porque eu notei que isso me fez um bem desgraçado porque eu te estava a dizer eu estava já a ficar paranoica com as notas e stressada e não sei o que e quando comecei a sair com as pessoas saiu-me um peso de cima” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais liberdade e responsabilidade - Alterações na vida social e momentos de lazer - Desejo de maior independência - Desejo de viver novas amizades com os seus pares
Questão 10 - Fala-me do papel dos teus pais nesta altura.		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Não é que eles não estejam presentes, eles estão, mas eles têm a vida deles” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais independência e responsabilidade - Apoio presente

	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós obviamente estamos relacionados uns com os outros, mas cada um faz a sua vida...” • “Nós não precisamos uns dos outros... Quer dizer em algumas situações nós precisamos, mas tentamos fazer as coisas, nós próprios.” 	
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós só falávamos por chamada e isso.” • “Eu nunca precisei assim muito deles, tipo "Ai tudo bem filha?" e isso, eles sempre ali e assim andarem de volta de mim.” • “Eu sempre fui um bocado mais independente, nunca fui... Sempre tomei as minhas decisões por mim eles sempre tiveram confiança e isso. Nunca fui muito de... eles só me levavam aos fim-de-semana às vezes e essas coisas assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Desejo de maior independência - Apoio presente - Manter o contacto com os pais
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Os meus pais apoiaram-me sempre, e pronto, estavam lá...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio presente
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós estávamos entusiasmados, não é? pronto, que eu ia para a Universidade e tive sempre aquela coisa "Ah Ensino Superior é sempre bom ter estudos e ter um curso, portanto nesse sentido eles estavam felizes e estavam entusiasmados, até mesmo pela escolha do curso.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Entusiamo pela nova etapa académica - Apoio presente - Independência e responsabilidade

	<ul style="list-style-type: none"> • “No início das aulas estiveram lá para me ajudar e sei que eles ainda estão se eu necessitar, mas pronto eu não fui muito de... nunca fui pessoa de chegar e pedir mesmo ajuda...” 	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sinto mais os meus pais como o estarem a prender-me do que propriamente me estarem a incentivar...” • “É assim acho que eles notam um bocadinho o facto de eu não ter tanto tempo para eles, porque ainda por cima eu estando aqui é quase uma exigência eu estar com eles” • “Tenho bastante mais coisas que me ocupam o tempo, tenho outro tipo de saídas porque eu de antes ia sair às 2 da manhã estava em casa e agora há dias em que fico a dormir em casa de outras pessoas, e ainda por cima eu moro super longe, ninguém me vem trazer aqui e nesse aspeto... eu reconheço que aquilo que eles estavam habituados mudou e eu noto que desde que entrei para a Universidade isso influenciou um bocadinho e sinto que eles fazem muito essa exigência - "porque é que não estás connosco?" 	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio ausente - Perceção de que pais não aceitam o seu crescimento - Pais queixam-se da falta de tempo para a família - Insatisfação com situação familiar
Tema E: Interação entre a estudante e a família		
Questão 11 - Fala-me um pouco dos teus pais		
Estudantes Deslocadas		

FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu pai é assim um bocadinho mais reservado e não fala tanto e quando nós” • “A minha mãe é tipo uma pessoa espevitada, que se for preciso falar mal, fala. Se for preciso dizer as coisas diz.” • “E acho que eles são muito o oposto um do outro.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos comunicação com o pai - Mãe é mais direta e frontal - Complementaridade dos pais
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha é assim extrovertida e isso toda desenrascada e isso. O meu pai é mais sossegadinho e não sei o quê” 	<ul style="list-style-type: none"> - Complementaridade dos pais
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Pronto, ela [mãe] também é assim muito ansiosa como eu, é muito nervosa e é muito perfeccionista gosta que as coisas fiquem todas feitas.” • “O meu pai tem um feitio um bocado mais impulsivo, é assim homem e por isso é um bocado mais frio, mas também está sempre disposto a ajudar as outras pessoas,” • “A conciliar a minha pessoa a minha mãe é mais aquele lado emocional que me ouve e não sei quê e o meu pai é mais aquela pessoa para me chamar à razão” • “Eles complementam-se” 	<ul style="list-style-type: none"> - Complementaridade dos pais - Pai impulsivo e racional - Mãe mais sensível
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu diria que o meu pai é tipo o engraçado, o dinâmico o descontraído, mas também tem um temperamento um bocado 	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe e pai com personalidades diferentes - Complementaridade dos pais

	<p>instável ele tanto está bem como está mal - é preciso saber ali moldar, também.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “A minha mãe é o contrário, é mais comunicativa mais ativa, é muito sensível (risos), MUITO SENSÍVEL, mas pronto é a típica mãe que se preocupa e que se envolve e etc.” 	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha mãe é a minha melhor amiga, desde de pequenina que ela sempre foi esteve lá para tudo e é uma pessoa supercompreensiva, ela compreende-me muito... ou pelo menos faz o esforço para entender tudo.” • “O meu pai é um bocadinho mais impulsivo e um bocadinho mais explosivo. Sempre se chateou mais comigo sempre foi mais.... Pronto quando se chateava vinha de lá uma trovoada” • “Assim também não é fácil falar-lhe e ele compreender-me porque eu nem sequer tenho hipótese para explicar e tenho uma relação um bocadinho mais afastada dele” • “Eu acho que ele não sabe muito bem como é que há de demonstrar a preocupação dele e por outro lado mostrar que gosta” 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação próxima da mãe - Relação distante e conflituosa com o pai - Dificuldades de expressão emocional por parte do pai
Questão 12 - Quando surge algum um problema como é que vocês agem?		
Estudantes Deslocadas		

FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não gosto de me meter na relação da minha mãe e do meu pai, enquanto casados, e se for um problema entre eles eu prefiro não me meter.” • “Mas se for um problema que faz com que interfira alguma coisa na minha parte” • “Tentamos perceber o lado uns dos outros e chegar a uma solução” 	<ul style="list-style-type: none"> - Limites entre os sistemas da família - Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Normalmente quando são problemas que não têm nada a ver comigo os meus pais resolvem e eu não me meto.” • “Quando os problemas são comigo eles dizem sempre "Tu é que tens de resolver os teus problemas"... E isto sempre foi assim um bocado! Eu é que tinha de resolver os meus problemas e pronto, só em último caso é que eles vinham.” • “Acho que isso me ajudou muito a ver... pronto a ser responsável e crescer de forma mais adulta do que se calhar algumas pessoas da minha idade.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Limites entre os sistemas da família - Estimulação da autonomia da jovem - Resolução individual dos problemas
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Normalmente há sempre um período em que não se conversa, para a situação ser digerida depois às vezes há algumas coisas que são ditas a quente que não se pronto... mas depois a coisa acaba por se resolver.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de um tempo de reflexão sobre os problemas - Tentativa de compreensão e diálogo sobre os problemas que surgem

	<ul style="list-style-type: none"> • “Normalmente a conversar sobre o assunto e tentar perceber os diferentes pontos de vista.” 	
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas quando existe problemas entre nós, nós agora somos capazes de nos sentar e falar a cerca desse assunto de uma forma calma.” • “Nós somos 3 e cada um ficava um pouco ofendido com aquilo que estava a ser dito com aquilo que estava a ser constado. Como se nós estivéssemos a ser postos em causa então houve uma evolução em termos de comunicação e de interação nesse sentido.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Evolução em termos de comunicação - Tentativa de compreensão e diálogo sobre os problemas que surgem
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Então tentamos sempre que haja uma conversa, mas lá está às vezes é um bocadinho complicado porque... especialmente pelo meu pai, que tem a ideia dele fixa e pronto, qualquer coisa que eu lhe diga... ah... não entra e pronto nós entramos em discussões péssimas, feias e o que acontece é vamos dormir e no outro dia é como se não fosse nada.” • “Portanto há a discussão, eu explico o meu lado e tento calmamente mostrar a minha maneira de ver as coisas, a minha mãe é mais compreensiva, mas pronto.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca abertura e compreensão por parte do pai - Conversas geram conflitos - Não-resolução do conflito
Questão 13 - Como são tomadas decisões na tua família?		
Estudantes Deslocadas		

FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Para mim eu ponho sempre a batata quente nas mãos da minha mãe... Eu acho que não consigo decidir... acho que a minha mãe é mais sensata e é ela que decide.” • “Eu não sinto que as decisões não são tomadas pelos 3” • “Eu dou [a minha opinião], mas ela [mãe] não aceita...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca confiança em si - Perceção de pouca receptividade por parte da mãe à participação da estudante na tomada de decisão
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Normalmente é assim o meu pai diz e nós concordamos ou a minha mãe diz e nós concordamos ou eu digo... Nunca há discórdia acho eu...” • “[Eu costumo dar a minha opinião] tenho assim garra de dizer as coisas então acho que sim” 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação de todos os membros da família na tomada de decisão - Vontade da estudante de participar ativamente na tomada de decisão
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Depende dos assuntos, quando são coisas assim de cariz mais importante ou que sejam relacionadas com a casa é mais o meu pai e a minha mãe que decide eu não tenho grande voto na matéria nestas decisões, mas sim é a mais entre eles os dois.” • “É muito ouvir a opinião de cada um e depois acabam por chegar a um consenso.” • “A minha mãe está sempre pedir-me a opinião.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Divisão de tarefas por subsistemas - Participação de todos os membros da família na tomada de decisão
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “A decisão como era referente a mim acabou por ser minha e não deles.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Decisões tomadas individualmente - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir

	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas acho que de forma geral nós acabamos sempre por comunicar uns com os outros independentemente depois da decisão final, cada um diz aquilo que quer dizer.” 	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando há alguma coisa que precisa de ser decidida nós falamos e pronto expomos os pontos de vista e o que é que uns acham e os outros acham e assim e assim acaba a decisão por ser tomada e sinto que acabo por ter menos voto na matéria do que eles, mas é normal, não é? É natural.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir - Perceção da estudante de que a sua opinião sobre o assunto a decidir não é tão importante como a dos progenitores
Questão 14 - Existe alguma regra imposta pelos teus pais que consideres desnecessária? Porquê?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	Não	
FD2	Não	
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “A única coisa que eles exigem de mim é que eu faça as cadeiras, porque estão a pagar para isso, de resto...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Exigência dos pais no que toca à conclusão das unidades curriculares do curso
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu lembro-me que inicialmente quando eu começava a sair mais a minha mãe dizia-me sempre “Ah, mas agora saís tanto, parece que não gostas de estar em casa”. • “Isto não são propriamente regras, mas às vezes são comentários que eles vão dizendo que me incomodam um pouco.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade da mãe com o crescimento da filha - Desconforto com estes comentários

FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eles têm quase um ritual que todos os dias depois do jantar tenho que lhes dar um bocadinho e estar com eles, mas às vezes é impossível porque temos um trabalho para entregar no outro dia e tem de ser feito.” 	- Exigência dos pais no que toca a passar tempo em família
Questão 15 - Quando estão todos juntos, “em família”, sobre o que é que costumam conversar?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando estamos todos sentados à mesa nós só dizemos porcaria, e rimo-nos imenso” • “Comigo e só com os meus pais, nós preferimos estar calados, quando estamos juntos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Convívio com toda a família - Momentos divertidos em família - Convívio só com os pais mais contido
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Sobre muita coisa, perguntam como está a Universidade, essas coisas assim, do que é que eu preciso para levar para a Universidade.” • “Falamos de coisas de cá do sítio onde nós vivemos a chamada "regateirice".” 	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse dos pais na vida universitária da filha - Momentos divertidos em família
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Depende, às vezes conversamos sobre as coisas que se passam, no dia-a-dia de cada um, ou sobre situações que aconteceram ou problemas de família...” 	- Conversas sobre vários assuntos
Estudantes Não Deslocadas		

FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Às vezes costumamos falar sobre, por exemplo, costumo contar coisas que se passaram no meu trabalho, na Universidade, coisas que eu acho relevante. Os meus pais a mesma coisa, costumam contar coisas do trabalho ou enfim.” • “Eu recentemente estive a falar com os meus pais do que eu andei a ver de mestrados.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse em partilhar histórias do dia-a-dia - Conversas sobre os projetos futuros
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Nesses momentos em que estamos juntos ficamos a escolher o nosso programa de eleição para ver na televisão, metemos os programas e conversamos sobre aquilo que vamos vendo e sobre o dia e sobre o que se passa com os nossos familiares, se há alguma coisa que tenha acontecido assim de mais importante a gente fala ao jantar e assim...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Interesse em partilhar histórias do dia-a-dia - Conversas sobre o que passa na televisão
Questão 16 - Como passam os vossos tempos livres?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Agora vamos para a sala, ou vamos beber vinho e ver um filme (risos)... Mas nós gostamos de ir passear, de ir a bares... gostamos imenso de ir a um bar aqui perto.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades em família
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu pai está na horta sempre praticamente. A minha mãe vai trabalhar e passo normalmente no computador a ver séries ou filmes ou alguma coisa assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de lazer passado de forma individual - Atividades do casal

	<ul style="list-style-type: none"> • “Não temos aquela coisa de nos juntarmos todos e.... pronto.” • “Os meus pais às vezes vão passear, mas eu nunca fui de ir com os meus pais assim às coisas.” 	
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu pai para além de trabalhar é presidente de um clube de futebol, ou seja, ele não tem muito tempo livre, por isso basicamente o tempo livre que nós passamos mais os três é nas férias quando vamos uns dias à praia.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco tempo passado entre os 3 por questões laborais - Férias como momento de família
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu e o meu pai como somos grandes fãs da Marvel, costumamos sempre ver as séries juntos” • “Ou então vamos a algum lado, a alguma loja por algum motivo todos juntos, ou visitar a minha avó, coisas assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades em conjunto com o pai - Atividades em família
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim neste momento todos juntos acho que não há nada que a gente faça assim muito...” • “No entanto os meus pais quando estão os dois fazem as suas caminhadas vão cedinho de manha quando podem e pronto são coisa que eu também deixei de fazer porque às vezes ficar acordada até às tantas da manhã a acabar um trabalho depois não me apetece acordar no outro dia às 8h para ir andar (risos)...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de lazer passado de forma individual - Atividades do casal
Questão 17 - Em que situações pedes a ajuda dos teus pais?		

Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Não é que eu seja independente, porque obviamente eu preciso dos meus pais em muitas situações. Mas se eu tenho algum problema eu quero resolver sozinha porque eu acho que consigo. E quando chego àquele ponto de "eu não consigo" pronto lá vou pedir ajuda.” • “Neste ano já lhes pedi mais conselhos do que nos últimos 4 anos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de exercer a sua autonomia
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “É mais em último recurso, sei que eles tão lá para mim, mas só quando sentir mesmo necessidade é que peço. Tento sempre resolver as coisas à minha maneira e depois é que...” • “Eles não são muito de me dar conselhos... Eu sou muito "da minha cabeça" não gosto que as pessoas deem muito a sua opinião e isso, sem ser tipo os meus amigos mais próximos” 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de exercer a sua autonomia - Personalidade independente - Pedir conselhos aos amigos e não aos pais
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Quase todas... (risos). Sou muito menina dos papás...” • “Eu até gostava de estar aí, pronto o facto de ser mais independente e ter de ser a fazer as minhas coisas e ter mais responsabilidades, não me fazia impressão durante a semana quando eu tava em Évora, eu tava lá bem...” • “Eu gostava, só que achei que precisava de estar em casa, para alinhar os chacras (risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca confiança nas suas capacidades - Dependência dos pais
Estudantes Não Deslocadas		

FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu lembro.me por exemplo quando comecei a trabalhar, costumava pedir alguns conselhos em termos de pronto, quando ia a entrevistas perguntava aos meus pais "ok, o que é que acham que eu devia dizer ou expliquem lá como é que funciona isto do IRS e coisas assim mais conhecimentos deles, são coisas assim mais neste sentido.” 	- Pedir conselhos aos pais
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu se calhar às vezes não peço e até devia... Eu não peço ajuda e guardo tudo para mim” • “A verdade é eu não peço assim muita ajuda eu prefiro resolver as coisas sozinha... Não sei se isso é bom ou se é mau (risos) mas acabo por pedir mais a minha mãe do que propriamente aos dois juntos.” 	- Necessidade de exercer a sua autonomia - Pedir conselhos à mãe
Questão 18 - Como te sentes em relação à tua família?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Agora eu preciso de espaço...” • “Não é que eu não goste de estar com eles, mas eu já preciso do meu espaço e pronto.” • “Eu venho visitá-los durante o fim de semana e está bom!” 	- Necessidade de autonomia por parte da jovem
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto-me bem! Eles sempre me apoiaram, sempre me deram tudo, vá entre aspas, nunca me faltou nada, sempre tiveram lá para mim (riso)” 	- Perceção de suporte parental

	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, estão sempre... Eu é que sou um bocado mais afastada e isso, mas eles ligam-me sempre quando eu estou lá na Universidade e isso, eu é que sou mais de despachar do que... falar ou sentir saudades” 	
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Então, eu sou filha única, os meus pais só me têm a mim, ou seja, eu acho que isso só por si tem outra responsabilidade do que se eu tivesse um irmão...” • “A atenção não recaía toda em cima de mim, mas sim eu sei que posso contar com os meus pais para tudo, que eles estão sempre dispostos” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais responsabilidade - Perceção de suporte parental
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu vejo os meus pais essencialmente, aliás eu tive de aprender a vê-los assim, de certa forma, mais como pessoas do que como pais.” • “Porque quando e eu era mais nova eu achava que eles não deviam ter certos comportamentos comigo, que aquilo não era muito correto, e eu agora com esta idade percebo que eles para além de pais são pessoas e que é normal cometerem erros”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atitude compreensiva para com os pais - Desacordo com alguns comportamentos dos pais
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sinto mais os meus pais como (suspiro) o estarem a prender-me do que propriamente me estarem a incentivar...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de pouco apoio por parte dos pais

	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu posso estar a ser muito injusta porque eu sei que eles só querem o melhor para mim, mas neste momento o que eu sinto é isso, sinto muito mais que tenho uma mão a puxar-me para trás do que uma mão a empurrar-me para afrente e pronto...” 	
<p>Questão 19 - Sentes que alguma coisa mudou na vossa relação desde que entraste na Universidade?</p>		
<p>Estudantes Deslocadas</p>		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu agora estou um bocadinho mais aberta em falar de algumas coisas com eles, em alguns temas falo mais com eles comparando ao que fazia há uns anos, antes da Universidade.” • “Até porque a adolescência é um bocadinho complicado..., mas agora estou mais crescida é mais fácil.” • “E no início foi muito complicado, mas agora pronto vou para a minha casa e a minha casa é em Évora, não é em na minha terra.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de novas competências - Desenvolvimento pessoal - Sentimento de Pertença
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que não, acho que fiquei ainda mais independente do que era antes, eles dão-me x dinheiro eu resolvo e quando venho a casa eles dão-me compras e essas coisas assim, mas de resto sou eu sempre a gerir tudo.” • “Tenho lá o meu quarto e a minha casa eu é que tenho de arrumar as coisas assim. Cá a minha mãe é que me fazia as coisas e isso... era um bocado mais... tinha os sempre cá a eles. Lá em Évora eu tenho 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior independência e responsabilidade - Autonomia conquistada diminuída quando a jovem regressa a casa

	<p>as minhas regras, não tenho de estar sempre a pedir autorização e não sei cá.... Sou livre, entre aspas.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Eu cá em casa sinto-me logo mais dependente, por exemplo das boleias do meu pai, porque eu ainda não tenho carta” 	
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não... sinto que eles acham que eu estou mais crescida pronto... A liberdade é outra, mas o resto é tudo igual” 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de novas competências - Mais liberdade
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Talvez esta questão que eu referi há pouco de sermos capazes de falar mais uns com os outros e que lá está aceitei que não faz mal pedir ajuda e que posso contar com eles.” • “Sinto que ficámos mais próximos, decididamente!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de novas competências - Maior afinidade entre os membros da família
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “O que mudou foi o eu não ter tanto tempo para eles e depois os conflitos que acabam por vir daí, os conflitos que acabam por vir por eu sair até às 3 ou 4 ou 5 ou 6 da manhã.” • “Estes conflitos não existiam porque antes eu ia sair, às X horas vêm me buscar e agora não.” • “Também sinto a necessidade de ter esta liberdade e estes conflitos acabam por surgir.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos disponibilidade para os pais - Vontade de sair e conviver com outras pessoas - Dificuldades de adaptação por parte dos pais
Questão 20 - Como achas que os teus pais veem a tua entrada na Universidade?		
Estudantes Deslocadas		

FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que eles ficaram supercontentes e orgulhosos.” • “Como já disse eu sou a primeira da minha família a vir para a Universidade e há sempre boquinhas "olha a doutora" e não sei o quê mais... e pronto.” • “Não me sinto confortável [com essas boquinhas]... é pôr-me alguma pressão em cima” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção que os pais se sentem orgulhosos - Pressão por ser a primeira a frequentar a Universidade
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Os meus pais sempre quiseram que eu estudasse desde de pequena eles fizeram uma conta à parte que é a "conta da Universidade", e para essas coisas, por isso eles sempre pensaram muito ela tem que...” • “Como eles não tiveram essa parte da Universidade e não tiveram os meios e essas coisas, eles quiseram que eu fosse o contrário e investisse nos meus estudos e fosse "alguém" na vida.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pais tiveram a capacidade de proporcionar à filha uma oportunidade que não tiveram - Perceção que os pais se sentem orgulhosos
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que com orgulho. Eu sempre fui boa aluna, eles sempre tiveram habituados a bons resultados da minha parte, ou seja, também chegar a esse patamar e conseguir é um motivo de orgulho.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção que os pais se sentem orgulhosos - Consistência e sucesso no seu percurso escolar
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que eles veem como uma coisa positiva acho que ficaram entusiasmados por eu quer prosseguir com os estudos e até ter, pronto, um curso, acho que eles ficaram bastante orgulhosos e estão 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção que os pais se sentem orgulhosos

	bastante orgulhosos de eu estar empenhada numa coisa que eu gosto e também de estar feliz com isto.”	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, a minha mãe vê a minha entrada na Universidade como mais uma etapa da minha vida que eu sempre quis fazer e ela superapoia isso.” • “O meu pai também vê isso, como se fosse muito importante até porque como ele não foi para a Universidade ele tem noção da importância que a educação tem e está-me sempre a dizer: "Tu estuda, filha, estuda para seres alguém na vida". E as preocupações dele de eu sair e assim é "tu vais te perder, tu vais te perder e depois já não vais ter boas notas e não sei quê e na na na" e eu sinto que ele tem muita preocupação de eu estar na Universidade e as coisas me correrem bem para eu conseguir chegar mais longe do que ele conseguiu chegar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção que os pais se sentem orgulhosos - Pai preocupações em relação ao futuro da filha
Questão 21 - Sentes que a entrada na Universidade teve algum impacto na tua vida familiar?		
Estudantes Deslocadas		
FD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Não... Eu agora estou cá em Évora, e eles têm imensas saudades, eu sei disso.... Há um distanciamento maior, mas de resto se calhar não...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não foram relatadas mudanças significativas

	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando eu volto a casa no fim de semana é como se eu não tivesse estado a semana toda fora...” 	
FD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que não teve assim muito. Só o facto de eu sair aqui de casa, mas acho que eles, eu tinha 18 anos, eles queriam que eu também (risos) fosse à minha vida.” • “Eles também lidaram bem com isto porque sabiam que isso ia acontecer.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não foram relatadas mudanças significativas - Sem dificuldades de adaptação por parte dos pais
FD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não... Eu não senti isso, porque eu vinha a casa todos os fim-de-semana e não notava diferente nenhuma por isso acho que não.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não foram relatadas mudanças significativas
Estudantes Não Deslocadas		
FND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Com os meus pais já sabemos que sim, com a questão da comunicação, etc.” • “O curso ajudou-me a perceber que ok, não há problema em procurar ajuda profissional porque isto é para o meu bem e isso progressivamente ajudou-me a crescer como pessoa. Portanto talvez até tenha um pouco a ver aí, o ir para a Universidade e estar no curso de psicologia” • “Dos meus pais eu às vezes sentia que, não é que tenho de lhes mostrar que sou boa aluno ou coisa do género, mas às vezes existe aquela pressão inconsciente que tenho de estudar e tenho de esforçar 	<ul style="list-style-type: none"> - Maior afinidade entre os membros da família - Desenvolvimento de novas competências - Desenvolvimento pessoal - Pressão com o estudo

	<p>e pronto é obvio que os meus pais, acho que como quaisquer pais valorizam boas notas e valorizam esforço e empenho e sucesso e assim neste sentido, sinto pressão, sim!”</p>	
FND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, eu acho que não havia, estes conflitos todos que nós temos, porque ainda por cima eu sinto que eles...quando nós saímos de casa eu sinto que há uma maior noção de que "O meu filho vai embora, já é um bocadinho mais crescido, já é um bocadinho mais independente, já está lá sozinho” e como eu fiquei aqui eu sinto que isto para eles ainda é um bocadinho a mesma coisa só que agora há aquelas coisas que eles não compreendem.” • “Eu sinto que a preocupação deles é mais por aí. É de que eu acabe por me perder no estudo e só querer esta vida e depois não estudar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de incompreensão - Dificuldade dos pais com o crescimento da filha - Pais preocupados com futuro da filha

Análise Respostas das Mães e Pais

Tema C: Perspetiva sobre ingresso no Ensino Superior		
Questão 1 - Fale-me um pouco da importância que atribui à frequência do Ensino Superior.		
Mães e Pais Deslocados		
Participante	Verbalizações	Unidades de Significado
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “... é sempre importante as pessoas terem um curso superior, apesar de muitas vezes os cursos não terem saída...” • “Porque assim têm mais possibilidades de emprego” 	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade não garante um emprego - Benefício em termos de empregabilidade
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “É uma coisa boa para a juventude” • “Depois de tirar o curso, em certos trabalhos vai ser difícil arranjar emprego” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vantajoso para os jovens - Universidade não garante um emprego
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Se as pessoas não tiverem uma profissão ou algo mais graduado, não conseguem entrar a nível do mercado...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefício em termos de empregabilidade - Universidade não garante um emprego
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi normal, já estava mentalizado que ela ia entrar para a Universidade” • “É interessante para a juventude” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior - Vantajoso para os jovens
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não cheguei a ir para a Universidade... um grande desgosto... Um grande desgosto!” • “Dá-nos outra formação” 	<ul style="list-style-type: none"> - Arrependimento não ter frequentado a Universidade - Vontade de prosseguir estudos

	<ul style="list-style-type: none"> • “Como não tenho o curso[há coisas que] não sei e gostava de saber.” 	
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Se as pessoas não tiverem um curso superior, uma formação específica, fica muito difícil de poderem arranjar trabalho” • “Aliás hoje em dia até só o curso superior muitas das vezes não chega...” • “[a minha filha] deve fazer o máximo de formação universitária que ela conseguir” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefício em termos de empregabilidade - Universidade não garante um emprego - Influência da família
Mães e Pais Não Deslocados		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu, por exemplo, tive muitos sonhos e não segui nenhum... e estou num supermercado...” • “Penso que seja muito importante... É assim se é aquilo que vocês gostam e é aquilo que vocês escolheram” • “Há muitos que não conseguem, não têm saída” 	<ul style="list-style-type: none"> - Arrependimento não ter perseguido os seus sonhos - Importância de seguir a nossa vocação - Universidade não garante um emprego - Vantajoso para os jovens
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que por uma questão de tudo, hoje em dia, de emprego de gostar daquilo que se faz e vocês estão nisso porque gostam daquilo que estão a estudar” • “Eu não tive essa hipótese, também tínhamos outras mentalidades na altura” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefício em termos de empregabilidade - Importância de seguir a nossa vocação

MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Pronto, qualquer hipótese que as pessoas tenham neste momento de investir na sua educação e investir nos nossos conhecimentos será sempre uma mais valia” • “Portanto é importante que a gente invista na nossa formação para evoluirmos nas ferramentas possíveis para depois podermos exercer naquela área que a gente acha que vais gostar.” • “Mas na caixa do supermercado há muita gente licenciada” 	<ul style="list-style-type: none"> - Benefício em termos de empregabilidade - Importância de seguir a nossa vocação - Importância da realização em termos de carreira
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Para mim pessoalmente eu no meu tempo, não... nós não tínhamos aquela coisa para frequentar o Ensino Superior.” • “Ela sempre é que decidiu as coisas dela. Eu nunca me meti nessas coisas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca importância atribuída ao Ensino Superior - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões
Questão 2 - Qual foi o seu papel durante o processo de candidatura da sua filha ao Ensino Superior?		
Mães e Pais Deslocados		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “O meu papel foi muito o de apoiar o que ela queria fazer.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Ao menos ela vai ter uma coisa que eu nunca consegui. Sempre a apoiei e ainda a apoio!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem - Capacidade de proporcionar à filha uma oportunidade que não teve
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Olha foi de conselheira e de assistir porque ela conseguiu tudo através de amigas...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de aconselhar a jovem - Sentimento de não saber como ajudar - Componente de apoio social

	<ul style="list-style-type: none"> • “A gente nunca fizemos Universidade, nem eu, nem o pai, e acho que a amizade entre colegas ajuda muito” 	
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi apoiá-la naquilo que ela queria tirar...” 	- Função de apoiar a jovem
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela sempre disse que queria ir. Nós nunca pensamos de ela não ir.” • “Correu tudo assim mais ou menos dentro da normalidade.” 	- Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior - Função de apoiar a jovem
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “o meu papel é este: é ela saber que eu estou cá na retaguarda para aqui que ela precisar sendo que ela é que tem de fazer as opções de vida dela e as escolhas que achar que são melhores para ela.” • “Se ela quiser aconselhar-se comigo eu estou cá para falar com ela e para lhe dar a minha opinião.” 	- Função de apoiar a jovem - Disponibilidade para ajudar a jovem - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões
Mães e Pais Não Deslocados		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu estou cá para te ajudar, mas não vou decidir por ti. Eu não sei se tem mais saída ou menos saída, mas é aquilo que tu queres” • “Apoiei-a desde do 9º ano até aos dias de hoje” 	- Função de apoiar a jovem - Função de encorajar a jovem - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós sempre a metemos à vontade. Ela na altura, inicialmente queria ir para desenhos, nós sempre lhe demos apoio naquilo que ela queria, e sempre lhe dissemos que ela podia escolher o que ela queria ser, não é?” • “Isso foi o maior orgulho que nós podíamos ter.” 	- Função de apoiar a jovem - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões - Sentimento de orgulho e de felicidade

MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe o meu papel foi tentar, junto dela, saber a opinião e tentar perceber quais eram os objetivos dela qual era a área que ela estaria mais inclinada e tentar dar o meu apoio o mais possível, porque acho que é importante primeiro ela tentar ser ela própria a identificar o que ela pretendia e depois ter o apoio por trás da família eu acho que isso é muito importante porque, sempre temos...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem - Função de encorajar a jovem - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “(risos) O meu papel é só dizer qual é o curso que escolheste?” • “Eu nunca, desde pequena nunca a incentivei, "olha tens de ser deste clube ou tens de ser desta religião, ou tens de ser isto ou tens de ser aquilo... Nunca.” • “Dou-lhe oportunidade de ela escolher aquilo que ela quer e nunca disse tens de ser deste ou daquele porque o pai é ou a mãe é, não. Ela é que se decide.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões - Capacidade de proporcionar à filha oportunidades
Questão 3 - No geral, como vê o ingresso da sua filha no Ensino Superior?		
Mães e Pais Deslocados		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Os empregos são poucos, e aqui em Alcácer não conseguia mesmo nada...” • “Com o curso superior sempre consegue expandir os seus horizontes e ter um futuro melhor.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupações com questões de empregabilidade - Benefício em termos de empregabilidade
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Achei bem, fui com ela fazer as inscrições e tudo.... “ 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem

	<ul style="list-style-type: none"> • “Fiquei contente por ela. Desde que ela esteja bem eu também estou!” 	- Sentimento de felicidade
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Todos os pais ficam felizes quando as filhas entram na Universidade porque é um percurso de vida, não é?” • “E nós como não tivemos, ainda mais gostamos” • “Acho que ela não tem tido problemas... ou pelo menos não diz à gente, não é?” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de orgulho e de felicidade - Função de apoiar a jovem - Capacidade de proporcionar à filha uma oportunidade que não teve - Receio do que a jovem vive na Universidade
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela queria concorrer à academia militar só que, primeiro tinha de ser operada à vista e aquilo não é fácil.” • “Foi apoiá-la naquilo que ela queria tirar... Não se podia fazer outra coisa que não fosse apoiar, depois a partir daí...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem - Impossibilidade de a jovem ingressar no curso que desejava
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela sempre disse que queria ir. Nós nunca pensamos de ela não ir. Ela falou sempre que queria.” • “Desde de que ela decidiu ficar em Évora nós vimos logo que à partida ela enteva com a média que ela tinha.” 	- Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, eu vejo isso com toda a naturalidade, porque isso acaba por ser um processo normal e natural hoje em dia.” • “De qualquer das formas sinto-me orgulhoso pelo percurso que ela tem feito até aqui - tanto escolar como físico - porque também nada tenho a apontar nesse aspeto.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior - Sentimentos de orgulho

Mães e Pais Não Deslocados		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi um momento muito importante e de muito orgulho, porque, lá está, é assim, ela é muito de "ela tem de alcançar aquele objetivo.” 	- Sentimento de orgulho e de felicidade
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi bom! A gente sabe que ela queria ir para Lisboa, não conseguiu entrar porque houve muitas candidaturas no ano dela.” • “Nós vimos sempre com bons olhos, está em casa, está mais à vontade.... É bom!” 	- Sentimento de orgulho e de felicidade - Função de apoiar a jovem
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É ponto positivo eu acho... Ficámos todos muito contentes porque ela ficou cá, também foi importante para nós.” 	- Satisfação com a proximidade de casa
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Normal, normal porquê isto sempre foi o que ela quis e ela estava aqui em casa.” 	- Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior
Questão 4 - O que pensa sobre o curso em que ela ingressou?		
Mães e Pais Deslocados		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou um bocado suspeita, porque eu também adoro animais.... Então fiquei superfeliz de ela ter escolhido aquele curso (Sorriso).” • “...ela ia comigo para a herdade e pronto ficou com o gosto pelos animais.” 	- Sentimento de orgulho e de felicidade - Influência da família - Vocação para a área de estudo escolhida pela jovem
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela desde pequenina que sempre gostou de animais e dessas coisas, e foi ela que escolheu” 	- Adequação da jovem ao curso que frequenta - Universidade não garante um emprego

	<ul style="list-style-type: none"> • “Agora vamos é ver se quando ela acabar há trabalho...” 	
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “...ela tinha uma prima a acabar a Universidade a acabar o curso de farmácia e então eu liguei-lhe, como mãe, preocupada, eu não queria que aquele choro continuasse e acho que há mais oportunidades na vida!” • “É triste a gente não ser o nosso sonho, mas há muito tempo para o realizar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Função de apoiar a jovem - Preocupação com futuro - Sentimento de esperança no futuro
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Gostava é tivesse escolhido um curso que tivesse mais saída em termos de emprego.” • “Ela é que tem de decidir, eu já lhe tenho dito: "Olha eu o mais que posso fazer é apoiar-te, agora tu é que tens de fazer por organizar a tua vida". 	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade não garante um emprego - Função de apoiar a jovem - Responsabilização da jovem pelo seu futuro
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Em relação à minha filha ela está em gestão e não gosta da cadeira de contabilidade, mas eu se fosse não era bem gestão, era mesmo contabilidade, nas suas várias vertentes.” • “Ela é um bocado como eu nessa parte do raciocínio do cálculo mental.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de orgulho e de felicidade - Influência da família - Vocação para a área de estudo escolhida pela jovem
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha filha é uma pessoa que eu acho que ela adora os números e ela essencialmente, é a ideia que temos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Adequação da jovem ao curso que frequenta - Benefício em termos de empregabilidade - Indecisão na escolha de curso

	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela escolheu este curso de gestão também por isso e porque provavelmente é um curso que poderá proporcionar mais oportunidades de emprego.” • “Ela teve sempre muito indecisa quanto ao curso que iria fazer” 	
Mães e Pais Não Deslocados		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando saiu do 12º ano foi para psicologia, porque, entretanto, ela também tinha tido aula de psicologia, não é? e aquilo tomou-lhe ali qualquer coisinha e então pronto, continuou em psicologia.” 	- Importância de seguir a nossa vocação
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu em termos do curso, nós sempre a apoiamos naquilo que ela quis escolher.” • “Eu acho que psicologia é um bom curso, mas sempre a apoiamos que ela escolheu e sempre a vamos apoiar” 	- Função de apoiar a jovem
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “A opção foi ela que tomou durante o 12ºano. Ela começou a falar muito nessa disciplina e eu acho que é uma formação que eu penso que se encaixa com a personalidade da minha filha.” • “Ela sempre foi assim, sempre foi muito de ajudar o próximo e acho que é uma coisa que se encaixa com ela perfeitamente.” 	- Adequação da jovem ao curso que frequenta
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não tenho uma opinião sobre o curso que ela escolheu, o curso é dela. Qualquer decisão que ela tome nós estamos cá para a apoiar.” 	- Função de apoiar a jovem
Questão 5 - Fale-me um pouco sobre como reagiu quando soube que a sua filha tinha sido colocada na Universidade de Évora?		

Mães e Pais Deslocados		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Fiquei contente... era o que ela queria!” 	- Sentimentos de felicidade
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, para mim, ainda bem que foi aqui para Évora, está mais perto e isso e assim posso vê-la mais vezes.” 	- Sentimentos de felicidade - Satisfação com a proximidade de casa
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela é novinha. Ela falou com uma prima, inscreveu-se numa sexta feira e entrou na segunda.” • “E pronto depois ela entrou naquele curso, que nem tínhamos muita noção do que era aquele curso de ciências do desporto.” • “Ficamos sempre feliz por ela estar a conseguir... E podemos ajudá-la monetariamente, ela não tem passado dificuldades” 	- Rapidez no processo de colocação que levou a mobilização de recursos - Sentimentos de felicidade - Função de apoiar a jovem
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Isso foi de um dia para outro, ela pensou hoje e inscreveu-se hoje e amanhã fomos a Évora tratar do resto, arranjar quarto e isso tudo.” • “Acho que essa é uma cidade mais sossegada, um ambiente diferente do que é Lisboa e... Menos confusão...” 	- Rapidez no processo de colocação que levou a mobilização de recursos - Função de apoiar a jovem - Évora como cidade acolhedora
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Correu tudo assim mais ou menos dentro da normalidade.” • “Quando saíram os resultados ela já tinha casa.” • “Tratamos de tudo antes para que quando ela começasse estar pronto a entrar.” 	- Função de apoiar a jovem - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior

PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, como lhe disse atrás nunca sequer pressionei a minha filha para tens de ficar em Évora, tens de ficar em Lisboa.” • “Nunca abordei muito essa questão com ela também para ela não se sentir pressionada, porque ela também estava a passar uma fase chata e complicada com essa indecisão.” • “Mas fiquei um bocado mais aliviado dela ficar aqui em Évora porque aqui ela está perto de nós. Está a 20 minutos de casa.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões - Indecisão na escolha de curso - Satisfação com a proximidade de casa
Mães e Pais Não Deslocados		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim ela sempre idealizou ir para fora... Mas sempre, SEMPRE! Aliás se hoje lhe for perguntar ela continua a idealizar ir para fora, só que é assim, em termos monetários é muito dispendioso.” • “Primeiro que tudo foi um orgulho e depois foi pensar nas praxes!” • “[Cá em Évora] Ela tem mais acompanhamento, em termos de tudo: em termos de estudo, em termos de casa, porque não tem aquela preocupação de estar sozinha a morar e ter de fazer qualquer coisa e ainda tem que ir estudar” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades monetárias para suportar a saída de casa da jovem - Preocupação com o desconhecido das praxes - Satisfação com a proximidade de casa - Possibilidade de dar mais acompanhamento à jovem
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “A gente sabe que ela queria ir para Lisboa, não conseguiu entrar porque houve muitas candidaturas no ano dela” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades monetárias para suportar a saída de casa da jovem - Satisfação com a proximidade de casa

	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós vimos sempre com bons olhos porque em termos de ajuda, aqui pudemos sempre dar mais assistência da que se ela tivesse em Lisboa. Também em termos monetários” 	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de dar mais acompanhamento à jovem
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “[Ela estar em casa] tem vantagens e tem desvantagens, uma das grandes vantagens é fator monetário.” • “O estar em casa não a deixa, ou por muito que a gente ache que lhe dá muita liberdade - toda aquela que ela pode ter” 	<ul style="list-style-type: none"> - Satisfação com a proximidade de casa - Vantagem financeira do estatuto de não deslocada da jovem - Desvantagem em termos de liberdade e autonomia da jovem no que ao seu estatuto de não deslocada
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É melhor ela ter entrado em Évora porque assim já não estou a despende de mais dinheiro para ela ir para fora. Por se ela fosse estudar para fora de Évora tinha de fazer mais um esforço para conseguir que ela lá estivesse.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Satisfação com a proximidade de casa - Vantagem financeira do estatuto de não deslocada da jovem
Tema D: Processo de adaptação ao ingresso no Ensino Superior		
Questão 6 - Como vivenciou os primeiros tempos de Universidade da sua filha?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela estava em casa e depois sair e foi complicado, porque faltava sempre qualquer coisa em casa... uma presença...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Sentimento de perda
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “É difícil vê-la aqui todos os dias e depois vai estudar e só vinha cá ao fim-de-semana uma pessoa nota logo a diferença...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Sentimento de perda

	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas depois eu sabia que ela estava bem.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tranquilidade ao pensar que a filha se encontra bem
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Era uma rabugice com a desarrumação quando ela estava cá em casa e depois era porque as coisas estavam arrumadas e é uma saudade...” • “Acho que ela sempre esteve bem, ficava mais tranquila, sei que não tem necessidades, pelo menos da nossa parte... Isso tranquilizou-me muito, porque a gente tem e podia dar.” • “Mas é muita saudade, é muita saudade.... É o sorriso dela é as brigas, é tudo, mas afeta muito os pais... a falta dos filhos em casa.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Sentimento de perda - Mudanças na organização da casa - Tranquilidade ao pensar que a filha se encontra bem - Tranquilidade ao pensar que a filha pode ajudar a filha em caso de necessidade
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi normal, já estava mentalizado que ela ia entrar para a Universidade, portanto foi normal, um bocado de preocupação nos primeiros tempos, até que ela fizesse alguém... fizesse amigos e não sei quantos, mas foi normal.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior - Importância da formação de amizades
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não foi assim nada de especial...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “A única coisa que me criou alguma, posso dizer preocupação, foi o ela no primeiro ano ter ficado fora de casa.” • “Nós alugámos um quarto para ela ficar em Évora, e eu conhecendo a minha filha como conheço, sabia que o sair da casa dos pais podia criar ali alguma instabilidade e acabou por acontecer” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação com o facto de a estudante ter saído de casa - Personalidade da jovem suscetível para a ansiedade

Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Isto é, e vai continuar a ser, até ela acabar este percurso de Universidade, um orgulho.” 	- Sentimentos de orgulho
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi bom ela estar aqui, porque eu e a mãe assim conseguimos acompanhá-la e dar-lhe apoio e dar-lhe boleias e vimos isto como bom.” • “Ela tinha aulas todos os dias, saía todos os dias, a gente aqui inicialmente quando ela começou as praxes à noite, estávamos sempre preocupados porque ela chegava às tantas da manhã e depois em trajas assim um bocado complicados, mas de resto, é diferente, mas temos acompanhado bem e com orgulho.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vantagem em termos de suporte parental do estatuto de não deslocada da jovem - Preocupação com as praxes - Sentimentos de orgulho
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não foi muito complicado. Foi uma adaptação aos horários dela, que são diferentes daqueles que ela tinha, mas correu bem.” 	- Mudanças nas rotinas de casa
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Normal, normal porque isto sempre foi o que ela quis e ela estava aqui em casa.” 	- Poucas mudanças na rotina reladas
Questão 7 - Como foi habituar-se ao facto de ter uma filha universitária?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu depois pensei para mim "Ela não está em casa, mas está a fazer uma coisa que gosta, está a estudar vai tirar um curso para ter um emprego bom no futuro"” 	- Sentimentos de felicidade porque a filha está a prosseguir estudos

	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela sempre disse que queria ir para a Universidade, e então fomos preparando que ia chegar a altura em que ela ia sair para ir estudar” 	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação de que a entrada na Universidade é a próxima etapa da vida da filha - Habituação chegou com o passar do tempo
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi só com o passar do tempo... Depois de eu a começar a ver bem e feliz fiquei mais descansado.” • “E é difícil ficar tanto tempo sem ela... Mas ela tem de fazer a vidinha dela!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Habituação chegou com o passar do tempo - Tranquilidade ao pensar que a filha se encontra bem
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Falamos com ela todos os dias, quando ela não liga, ligo eu... não tem sido difícil, porque ela mudou daqui lá para cima e apesar de a gente estar na mesma casa estava diferente, já tinha o espaço dela, foi bom.” • “Eu até pensava mais nisto do que é que lhe podia acontecer quando ela estava fora da Universidade. Por um lado, porque ela estava num sítio longe de casa, e havia transportes, mas era diferente.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação do momento de transição - Manter o contacto com a filha - Preocupações com a distância e o bem-estar da filha
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela quando está em casa é muita chata (risos).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Descanso quanto a jovem não em casa
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando chegava a casa, saio do trabalho às 18h - ia correr, ia... temos um circuito aqui ao pé e eu ia correr, chegava a casa tomava banho, entretanto, eram horas do jantar depois chegava o meu marido e pronto.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Adoção de um novo hobby

PD3	<ul style="list-style-type: none"> “...daquilo que eu vivi e daquilo que eu experienciei foi uma situação normal.” 	- Percepção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> “Crescer faz parte, ainda que eu sofra por antecipação, é muita coisa, mas temos que libertar, que deixar ir... Eu não sou muito assim, eu sou mais "anda cá", mas sim acho que é isso.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Aceitação de que a entrada na Universidade é a próxima etapa da vida da filha - Mãe muito apegada à filha
PND4	<ul style="list-style-type: none"> “Isso habitua-se sempre, é assim, como é que lhe hei de explicar? É orgulho, estamos orgulhosos dela, e vimos como se a Universidade fosse uma profissão, ela de momento está a estudar é a profissão dela e damos-lhe toda a força e tudo o que ela precise.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Universidade envolve mais seriedade - Sentimentos de orgulho
MND5	<ul style="list-style-type: none"> “Não foi complicado! É mais gerir a nossa dinâmica de pronto do nosso dia-a-dia, por exemplo procurar que de manhã fosse ou fosse com uma amiga ou com uma colega ou eu ia levá-la ou buscar.” “Ela também não teve muitas dificuldades na integração, pelo mesmo que eu me tivesse apercebido foi só mesmo a logística o adaptarmos as nossas disponibilidades com a disponibilidade dela.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudanças nas rotinas de casa - Disponibilidade para ajudar a jovem
PND5	<ul style="list-style-type: none"> “Não senti muita dificuldade...” 	- Não foram relatadas dificuldades
Questão 8 - Houve alguma coisa que a/o tenha surpreendido pela positiva? O quê?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> “Ela surpreendeu-me foi mais pela negativa” 	- Surpresa com o comportamento da filha

	<ul style="list-style-type: none"> • “Claro que se sente livre e fazem asneiras, bebem um bocadinho mais...” • “Faz parte da vida fazer algumas asneiras.... Até os adultos fazem, quanto mais agora os miúdos... “ 	<ul style="list-style-type: none"> - Necessidade de autonomia por parte da jovem - Compreensão dos comportamentos da jovem
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim. Eu receava muito as praxes... Uma pessoa ouve sempre o que se fala nas notícias e eu tinha medo. E depois ela chegava aqui a casa toda suja, mas ... foi uma coisa boa, ajudaram-na muito e fizeram-lhe companhia.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação com o desconhecido das praxes - Importância da formação de amizades
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Achei que ela foi muito responsável com 17 anos. Eu achava que ela não conseguia fazer nada sem mim ao pé, mas não” • “Ela consegue orienta as coisas à maneira dela, com as desarrumações dela, mas eu não estou lá não vejo e pronto acho que ela é responsável, sim.” • “Ela cresceu muito!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de que a filha é responsável - Capacidade da jovem para gerir o seu dia-a-dia - Crescimento pessoal da jovem
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Pronto ela foi para lá para tirar o curso e para ela evoluir, e seguir a vida dela, basicamente foi isso.” • “Pois apesar de isto não ter grande saída como sabemos que não.” • “Eu já lhe tinha dito: "Olha, sabes o que é que tu fazias bem? Concorrias à PSP ou à GNR depois de estares lá dentro concorrias à academia, mas o que ela quer não é isso, á...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento pessoal da jovem - Preocupação com questões de empregabilidade - Função de aconselhar a jovem - Apoio presente

MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela ao princípio estava assim mais qualquer coisa ligava “e preciso disto, ou como é que faço isto ou aquilo” e logo logo ao início não notei tanto, este ano noto mais.” • “Este ano noto mais que ela já está mais libertada, mas à-vontade” • “Mesmo em termos de preocupação- mãe precisas disto - e mesmo em casa fazer as coisas - ela tira a máquina - antes não fazia - ela tira a loiça da máquina eu chego a casa à hora do almoço” 	<ul style="list-style-type: none"> - Crescimento pessoal - Maior necessidade de manter contacto com os pais ao início - Mais confiança da parte da jovem
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “A única coisa que realmente me surpreendeu foi ela ter aguentado lá um ano praticamente fora de casa.” • “Pode até nem parecer, mas ela é muito apegada a nós e eu fiquei sempre com receio que esta saída de casa dos pais a pudesse desequilibrar ali de alguma forma” 	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de adaptação da jovem - Personalidade suscetível para a ansiedade - Proximidade de casa ajudou a ultrapassar dificuldades sentidas por parte da jovem
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Pela positiva, foi o facto de ela estar num curso que ela quer e ter continuação nisso e estar a gostar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de orgulho porque filha conseguiu atingir o seu objetivo
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “De resto vejo as coisas de forma normal. Para mim é como se ela andasse a estudar no secundário, só que agora já é uma mulherzinha (gargalhada).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior - Crescimento pessoal da jovem

MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha filha está a tornar-se mais independente... Ela sempre dependeu um bocadinho, não do pai, mas da mãe... "mãe, mãe, mãe, mãe" e neste momento ela pensa mais por ela própria.” • “Mas as decisões, ela toma por ela, portanto eu acho que aí sem dúvida há aqui... nota-se um crescimento nessa parte da personalidade dela.” • “O sentir que está na Universidade torna-a mais responsável, mais adulta.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais independência e responsabilidade - Autonomia da jovem para tomar as suas decisões - Crescimento pessoal da jovem
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, não... Acho que foi tudo dentro da normalidade. Ela transmite-me muito pouco aqui em casa, eu tenho de estar sempre a perguntar porque ela transmite muito pouco. É o feitio dela...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Afastamento da filha - Comunicação pai-filha fraca
Questão 9 - O que é que foi mais difícil para si, nesta altura?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Lidar com esta "nova faceta" dela foi mesmo o que foi mais difícil porque eu pensei "ela agora vai ficar lá sozinha, vai fazer asneiras, não tem quem lhe dê conselhos, não tem quem lhe dê na cabeça (risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em gerir a distância - Receio de não conseguir proteger a filha
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Custou-me muito, vê-la a sair! Fiquei muito triste, mas por outro lado até fiquei contente porque ela foi para uma coisa que ela quis.” • “A dificuldade foi mesmo a distância e saudades...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Sentimento de felicidade

MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “É mesmo a presença dela!” 	- Sentimento de perda
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não tive dificuldades... Não... “ 	- Não foram relatadas dificuldades
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “... faltava sempre qualquer coisa!” 	- Sentimento de perda
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Tinha a minha preocupação com ela estar, mesmo que perto, longe” • “A minha filha é uma miúda que tem uma personalidade própria, mas é muito apegada à casa dela, ao quarto dela às coisas dela, às coisas que ela tem à sua volta” 	<p>- Preocupação com o facto de a estudante ter saído de casa</p> <p>- Dificuldades de adaptação antevistas pelo pai</p>
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi a parte da praxe... O facto de a deixarmos lá e depois não sabíamos a que horas é que ela vinha, em que estado é que ela vinha” • “E eu não consegui participar em muita coisa, porque o meu trabalho não deixa, mas gostei muito de ir, a uma coisa que eu fui, foi a sapatada.” 	<p>- Preocupação com o desconhecido das praxes</p> <p>- Afastamento da filha</p>
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “O mais difícil é o stress, é o stress mais dela... Ela stressa-se muito, pois quando há os exames e isso, é o que tem custado mais é isso, mas pronto nós vamos levando e vamos apoiando” 	- Dificuldade em lidar com stress da filha
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que o mais difícil foi aqui o afastamento dela. Isso às vezes... Ela tem de crescer, não é?” 	<p>- Afastamento da filha</p> <p>- Aceitação de que autonomia crescente por parte da jovem é a próxima etapa da vida da filha</p>

PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não senti muita dificuldade...” 	- Não foram relatadas dificuldades
Questão 10 - Como geriu as dificuldades que enumerou?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu não podia estar sempre com ela, não a podia ter sempre comigo, ela tinha de aprender por ela própria, não podia estar sempre lá para a proteger e ajudar e dar conselhos... Ela tinha de aprender a sobreviver sozinha” 	- Aceitação de que a saída de casa é a próxima etapa da vida da filha
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe foquei-me mais no trabalho e nas questões aqui da casa. Quis distrair a minha mente...” • “Mas tinha sempre alguma tristeza ao pensar nela, longe daqui...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Evitar pensar na distância da filha - Sentimentos de tristeza
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Também vou tendo a experiência de outras mães que trabalham comigo e não tenho ouvido experiências negativas.” 	- Componente de apoio social
PD2	(não referiu dificuldades)	
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Para completar aquela falta, que era o tempo que estava mais com ela, não é? Olhe, ia correr e ajudou-me um bocado a superar isso.” 	- Adoção de um novo hobby
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas também nunca levei essa preocupação [com a saída de casa] muito ao extremo porque qualquer situação que acontecesse nós estávamos aqui relativamente perto para poder ajudar.” 	- Tranquilidade ao pensar que a filha pode ajudar a filha em caso de necessidade
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		

MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi pensar que todos os dias, nesta altura, tinham uma coisa nova, uma coisa para contar ou qualquer coisa assim... Todos os dias são diferentes!” 	- Entusiasmo pelas novidades na vida da filha
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós sabemos que para ela, e para vocês todos é importante a questão das médias e manter as médias e o "temos de manter aquela média” e ela, por exemplo, tem ido aos recursos, para tentar subir a média e a gente apoia e já lhe dissemos "isto é a tua profissão, se não te sentires bem nesta cadeira podes sempre mudar, a gente não te vai julgar por isso", já a pusemos à vontade com isto.” • “Hoje a gente gosta de uma coisa e para a semana pode já não gostar, mas tentamos apoiá-la sempre para ela não andar tão stressada, mas pronto é difícil ela não stressar é o feitio dela... É difícil...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Personalidade suscetível para a ansiedade - Sentimentos de stress - Apoio presente
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “É compreender, porque tem de ser, porque se ela tivesse noutra localidade ainda estaria mais afastada, não é? Pelo menos fisicamente.” • “...tenho de perceber que faz parte do procedimento dela, faz parte da personalidade dela e que tem de ser assim, pronto.” 	- Aceitação de que autonomia crescente por parte da jovem é a próxima etapa da vida da filha
PND5	(não referiu dificuldades)	- Não foram relatadas dificuldades
Questão 11- Fale-me um pouco do dia-a-dia da família antes e depois da entrada da sua filha na Universidade.		
Famílias de Estudantes Deslocadas		

MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “O dia-a-dia não mudou muito.” • “Ela antes de ir para a Universidade estava sempre em casa e depois de ir para a Universidade já não estava em casa” • “A diferença é que em vez de cozinhar para três pessoas, cozinho só para duas, em vez de fazer duas camas só faço uma...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de perda - Poucas mudanças na rotina relatadas
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Antes passeávamos os três junto ao rio, íamos jantar, agora é diferente ela não está cá.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos atividades em família
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Aliviou-me um bocadinho quando ela entrou, já não tinha de fazer aquelas comidas todas e todos os dias, senti também um alívio, não dela ter abalado, mas era questão de ter tantas responsabilidades com ela todos os dias.” • “E nós estamos bem estamos tranquilos, não nos apegamos a coisas negativas que a gente tem ouvido de outros casos, como por exemplo com a praxe, mas cada pessoa tem a sua vida e as coisas não acontecem de forma igual a duas pessoas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos preocupações em casa por não ter de cuidar da filha - Medo da independência dela
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Antes dela estar na Universidade estava aqui, era assim: "Pai, vai-me levar ao ginásio" "Pai, vai-me levar não sei onde" "Pai, vai me buscar não sei a onde" agora lá dessa parte estou descansado... "Pai, tenho de que ir à escola de condução" "Pai, tenho de ir explicação" era assim todos os dias (risos).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Menos preocupações em casa por não ter de cuidar da filha

	<ul style="list-style-type: none"> • “Agora neste aspeto estou mais descansado.” 	
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Era mesmo só a parte da noite, porque de resto eu também durante o dia não a via” • “Era só aquela falta depois do trabalho.” • “Quando ela voltou, cá está aquela parte eu disse, deixei de correr e comecei a andar com ela, ela não queria, mas eu chegava a casa e fazia vestir-se e vamos andar, vamos andar” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de perda - Adaptação às necessidades da filha
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Porque de resto não houve assim nada que me surpreendesse e que alterasse muito as nossas rotinas e a nossa vida.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas mudanças na rotina relatadas
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que o antes e depois não mudou assim muito, porque é assim, o pai continua a ir buscá-la e levá-la quando é necessário.” • “Em casa, pronto, é assim ela tem mais trabalho, isso é verdade, o primeiro ano foi horrível! Com trabalhos, com não sei o quê... "Meu Deus, sossega, descansa um bocadinho! Respira um bocadinho!” • “Mas as nossas rotinas são quase as mesmas” 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas mudanças relatadas - Pouco tempo passado com os pais
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, nós não mudámos muito o nosso dia-a-dia.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucas mudanças relatadas - Apoio presente - Adaptação às necessidades da filha

	<ul style="list-style-type: none"> • “Adaptámos aqui um bocadinho a nossa vida em torno disto, mas não notamos muito essa diferença.” • “Ela sempre foi uma miúda reservada, nunca foi de sair muito à noite e isso e agente começou a vê-la a sair com os colegas.” 	- Pouco tempo passado com os pais
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Mantivemos mais ou menos as mesmas rotinas, não houve assim muitas diferenças.” • “A minha filha, desde que entrou na Universidade, está realmente mais ausente pronto.” 	- Poucas mudanças relatadas - Pouco tempo passado com os pais
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu para mim não há diferenças... É-me igual. Para mim é igual, é acordar de manhã, ir para o trabalho, vir. Ela tem a vida dela e eu tenho a minha... Pronto....” 	- Não há mudanças relatadas
Tema E: Interação entre a estudante e a família		
12 - Fale-me um pouco sobre a sua filha.		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Ai o que é que eu vou dizer sobre a minha filha... (Sorriso) é super carinhosa, é uma rapariga super meiga, quando quer - porque quando não quer também é brava, ...” • “Para mim ela é a perfeição em pessoa (Sorriso).” 	- Sentimentos de orgulho

PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “É uma boa rapariga, é muito regila, a maneira de ser dela, mas também é amável simpática... Nunca ofende ninguém.” • “De 0 a 10 ela é um 10 e no que puder ajudar eu ajudo-a.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Apoio presente
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha filha é um agridoce.” • “É aquela coisa de rebentar, mas depois se tem uma pessoa amiga sei que tiram dela tudo o que querem porque eu sou o mesmo.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Defeitos e qualidades da filha
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que é uma boa filha, pronto. Uma pessoa responsável e educada, tem os seus defeitos, mas todos nós temos...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Defeitos e qualidades da filha
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Nunca me deu problemas nenhuns.” • “É pronto acho que ela era amiga das amigas, mas às vezes a amigas não são... pronto não são justas com ela talvez derivado a isso que eu lhe estou a dizer talvez exista ali às vezes um bocado de ciúme da parte dela, porque ela não tem problema em dizer se fizerem alguma coisa mal e às vezes, pronto há ali um choquezito” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não tem preocupações com a filha - Filha bem-comportada - Qualidades da filha
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela sempre foi uma miúda com uma maturidade acima da idade, sempre se mostrou uma miúda responsável com a cabeça no sítio, (silêncio) ela sempre teve um comportamento muito regular nunca foi de ter altos e baixos, sinceramente tem tido sempre uma postura bastante normal, sem grandes alterações.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Traços de personalidade
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		

MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Então é assim a minha filha para mim é tudo e que mais? É um orgulho. É de ideias fixas, é determinada e pronto... o que é que eu lhe posso dizer mais? É a ela!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Defeitos e qualidades da filha
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela aquilo que mete na cabeça tem de ser, tem de conseguir aquele passo.” • “Ela não tem irmãos por isso poderia ser uma miúda muito mimada, mas não ela é muito espevitada e é reservada, isso é, mas quando mete uma coisa na cabeça vai para a frente com isso e nós apoiamos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Qualidades da filha - Apoio presente
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “A minha filha é linda! Uhm.... Será sempre o meu tesourinho, ela é uma pessoa extremamente carinhos, muito preocupada com os outros, bondosa...” • “Ahhh, e só tenho a dizer coisas boas da minha filha às vezes é um bocadinho teimosa, mas isso é porque sai ao pai, ali um bocadinho (risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Defeitos e qualidades da filha
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que ela é uma boa aluna... E não é preciso eu andar sempre, como há certos pais as vezes têm de apertar com os filhos para estudarem para isso, e eu não preciso estar preocupado com essas coisas.” • “Ela é que sabe o que tem de fazer e sempre soube.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não tem preocupações com a filha - Responsabilidade da estudante

13 - Quando surge algum um problema como é que vocês agem?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando surge um problema sentamos, conversamos e resolvemos o problema.” • “Estas conversas são pacíficas porque não é aos berros que se resolvem problemas que surgem”. 	- Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Tentamos resolver a situação.” • “Falando, entre a gente os três. Normalmente [as conversas] são curtas e nós dizemos o que se passa e dá para desabafar e assim...” 	- Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “A gente não tem problemas! (risos) não há uma coisa não... Não temos problemas.” • “Olha, sou eu e o meu marido aqui em casa, somos muito amigos um do outro, há muito respeito, brincamos, mas somos duas pessoas educadas e se calhar isso ajuda.” • “Não temos, não temos. Não temos ninguém doente, que é das coisas mais complicadas. Não há nada que a gente diga: "É um problema", tudo o que acontece no dia-a-dia consegue resolver-se! Nada de stress.” 	- Compreensão entre membros do casal - Definição específica do que é um problema
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Tentar resolvê-lo! A falar, a falar é que a gente se entende.” 	- Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem

MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Se é com ela eu fico logo em pânico (risos) cá está por causa da ansiedade, mas depois está cá o pai que completa, faz a parte mais tranquila, e não pode ser assim e tem de ser isto ou aquilo e faz mais chamá-la à razão.” • “Se ela tem qualquer coisa eu fico logo preocupadíssima. "ai isso vai se resolver, calma" à sempre aquela parte, quando é as outras partes, cá está o pai é que calma mais, chama... de outra maneira, outra personalidade e outra maneira de ver as coisas diferente de mim” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preocupação excessiva com a filha - Complementaridade entre membros do casal
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, eu penso que isto é como em todos os lares e todos os casais e todas as famílias, umas vezes conversa-se, outras vezes não há tanta conversa, mas a coisa acaba por ir passando com o tempo, a coisa vai desanuviando e vai passando.” • “Agora eu separo as coisas em duas situações: uma coisa é problemas entre o casal e outra situação é problemas com a filha e são situações completamente diferentes que têm soluções e resoluções diferentes.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Várias estratégias utilizadas para resolver os problemas - Limites entre os sistemas da família
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, falamos em relação ao problema, tentamos ver como é que se resolve em função do problema. Porque eu acho que há solução para tudo menos para a morte, portanto... E é a falar que a gente se entende que é mesmo assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem - Limites entre os sistemas da família

	<ul style="list-style-type: none"> • “Se for assim só entre eu e o meu marido não a metemos, porque ela não tem nada a ver. Se realmente o problema é dos 3 então é assim nós falamos e tem de haver uma solução...” 	
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Falando, tentando resolver da melhor maneira, se conseguimos nós resolver siga, e até aqui temos sempre conseguido resolver os problemas” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, depende, se for um problema familiar geral que envolva as 3 pessoas procuramos falar para resolver.” • Às vezes quando é comigo falamos mais... Ela com o pai tem uma relação mais afastada, digamos assim. Às vezes com o pai nem sempre resolvem logo na hora...Às vezes vão-se deitar cada um chateado para seu lado e depois no outro dia de manhã está tudo bem. Mas depois conversam sobre o assunto, mas muitas vezes é isso que acontece. • Comigo é diferente, ela não se deita zangada comigo, por exemplo, nós precisamos de ir falar antes de ir dormir” 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentativa de compreensão e conversa sobre os problemas que surgem - Menos comunicação com o pai - Proximidade relacional entre mãe e filha
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Resolvemos o problema! Eu para mim o problema resolve-se a falar, ponto final paragrafo. Eu não sou pessoa de me calar. Eu gosto de discutir o problema, gosto de falar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Conversas sobre os problemas - Necessidade de expressar a sua opinião

	<ul style="list-style-type: none"> • “Gosto de partilhar o que eu penso, posso não estar correto, mas é a minha ideia. Têm que ouvir, podem não estar de acordo, mas têm de ouvir.” • “Às vezes não é a mais correta ou podem pensar que não é a mais correta ou até pode não ser, mas para mim é pronto.” 	
14 - Como são tomadas decisões na vossa família?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós conversamos, vemos as opções que temos, estudamos o que podemos fazer.... Costumamos falar todos...” • “É assim, sim, juntávamos todos e conversávamos e procuramos saber a opinião de cada um!” 	- Participação de todos os membros da família na tomada de decisão
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Também falamos... É difícil tomar uma decisão sozinho. Costumo falar muito com a minha mulher e depois oiço o que ela diz...” • E às vezes também pedimos a opinião à filha, por exemplo decisões quanto aos estudos e coisas aí da Universidade.” 	- Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Falamos uns com uns outros. Se queremos comprar alguma coisa falamos e o meu marido aceita, eu não sou de extravagancias, sei o que se pode comprar, é como lhe digo, não há assim nada de problemas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir - Decisões separadas entre subsistema parental e subsistema filial - Decisões da estudante tomadas individualmente

	<ul style="list-style-type: none"> • “As decisões são sempre mais dela porque aqui está tudo calmo, nós precisamos já de nada. As grandes decisões já foram tomadas com a nossa idade mais avançada.” 	
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Tem que haver o diálogo, nós temos de falar. E também depende das decisões há decisões mais fáceis de tomar que outras, depende das decisões...” • “Às vezes ela é que gosta de dar a opinião dela. Ela também gosta de dar a opinião dela” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir - Estudante toma iniciativa de participar nas decisões de família
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Falamos sempre os três, se é coisas da casa ela não, mas às vezes também pedimos opinião, mas essas coisas da casa é entre mim e o pai” • “Quando ela é coisas dela temos de... às vezes tem de se falar com o pai porque eu não decido nada.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Decisões separadas entre subsistema parental e subsistema filial - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe, isto normalmente as decisões que há para tomar cá em casa são faladas entre nós.” • “Se forem situações que tenham a ver com situações financeiras eu deixo isso para a minha mulher, ela que resolva que ela é que é a técnica dessas coisas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir - Distribuição das tarefas entre membros do casal

	<ul style="list-style-type: none"> • “Nas outras situações eu apareço e nessa também, mas a minha mulher está mais habilitada para esse tipo de situações, mas entre os 3 a gente há de chegara aqui a alguma...” 	
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Temos uma decisão para tomar temos de falar e chegar a um acordo e a um bom-senso para poder então ficar decidido...” • “...se for uma coisa que não interfere em nada com ela então aí ou decido eu ou decide o meu marido...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de opiniões sobre o assunto por decidir - Decisões separadas entre subsistema parental e subsistema filial
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Com ela, quando é para tomar uma decisão ela é que decide (risos), ela é que decide. Mas ela muitas vezes pergunta-nos a opinião, mas ela é que decide.” • “Nós em termos de decisões importantes em casa, não lhe posso dizer que temos assim muita coisa para decidir digamos assim. Nós ambos trabalhamos e ela estuda.” • “Quando temos de tomar uma decisão nós falamos e tentamos resolver, mas não temos uma pessoa que decida” 	<ul style="list-style-type: none"> - Decisões da estudante tomadas individualmente - Apoio presente - Participação de todos os membros da família na tomada de decisão
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Se forem coisas mais pessoais da minha filha ela ouve os conselhos, mas depois ela é que decide. sobre as coisas que tenham a ver com o agregado familiar falamos isso todos juntos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Participação de todos os membros da família na tomada de decisão - Reconhecimento da sua autonomia da jovem

	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim queremos a opinião dos 3, sim! Porque estamos aqui os 3 e ela já tem idade suficiente para pensar por ela própria, por isso vai opinar sobre o assunto também...” 	
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu digo a minha opinião e depois a seguir as senhoras resolvem-se (risos) Eu estou em minoria...” • “Já me conformei com isto... às vezes posso não estar de acordo, mas aceito.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mãe como decisora final - Pai partilha a sua opinião, mas deixa a decisão final é da mulher
15 - Quando estão todos juntos, “em família”, sobre o que é que costumam conversar?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando nós estamos juntos só fazemos asneiras, só palhaçadas... é juntarmo-nos e recuperar o tempo perdido que ela não está em casa!” • “Permite matar algumas saudades.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Cumplicidade entre os membros da família - Aproveitar a companhia da filha
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Costumamos conversar sobre os estudos, sobre a vida dela aí em Évora. Às vezes sobre as notícias.” • “Daqui a nada ela vai estagiar e nós conversamos sempre disso, de para onde é que ela pode ir estagiar, e isso assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de novidades - Conversas sobre o futuro profissional da estudante
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “As coisas das notícias, também lhe pergunto "Ah filha como é que isso está?" e ela diz que está mais calmo, quando aqui acontece alguma coisa com pessoas que ela conhece eu também lhe conto sempre, não há assim grandes conversas” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de novidades

PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Hoje as pessoas já falam muito pouco, estás a perceber? (risos).” É, vais a qualquer lado e só se vê é a gente agarrada ao telemóvel e facebooks e não sei quantos, a • “A minha filha está no seu computador e nós praticamente já falamos muito pouco. Epá também é assim, eu gosto pouco de estar em casa.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há muitas conversas de família - Membros da família têm as suas atividades individuais
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe sobre coisas, sei lá, dela, às vezes coisas das amigas que ela fala ou gracinhas, coisas do futebol, do meu marido, que ele nos conta lá dos miúdos e não sei quê. Eu às vezes do trabalho, mas uma coisa ou outra, mas nós não fazemos assim muitas muitas refeições juntas derivado a ele estar lá no futebol, mas sim basicamente é assim.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de novidades
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Depende, olhe eu com a minha filha falo de muita coisa, quando falamos sobre variadíssimos assuntos desde política a história, a sei lá... variadíssimos assuntos” • “Aqui em casa entre os 3 a minha mulher nestas coisas não é muito, não liga muito a esse tipo de assuntos, mas com ela falamos também sobre desporto, algumas vezes política, sobre família, basicamente passa por aí...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Conversas entre pai e filha sobre vários assuntos
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Sobre o dia-a-dia.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de novidades

	<ul style="list-style-type: none"> • Às vezes calha e falamos do futuro... Eu às vezes até lhe digo a ela "Vê lá se abres rápido o consultório por que eu já estou farta de trabalhar no supermercado" (RISOS) e ela às vezes também me diz na brincadeira "Quando eu abrir o consultório, meto-te lá". E eu respondo "Isso já devia estar aberto ontem, que eu estou farta de estar ali". 	<ul style="list-style-type: none"> - Conversas sobre o futuro profissional da estudante
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, nós ao final do dia vimos televisão juntos, jantamos também sempre juntos, isso é um facto.” • “Coisas do dia-a-dia, o que aconteceu, o que não aconteceu, ela às vezes tem dúvidas em relação a qualquer coisa e perguntamos como é que correu o dia, coisas normais.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilha de novidades - Tempo para a família diariamente
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Praticamente dos assuntos ou do meu trabalho, escola, Universidade, trabalho do pai. Assuntos da atualidade...” • “Projetamos um bocadinho o nosso futuro... Mais no sentido da minha filha, não é? Porque ela agora presentemente, enquanto pais, na situação dela e de lhe darmos suporte para que ela avance no futuro dela. Porque pronto todos temos um futuro, mas o importante agora será o futuro dela, não tanto o nosso, mas sim falamos sobre aquilo que ela pretende fazer e que deus queira que ela consiga!” 	<ul style="list-style-type: none"> - - Partilha de novidades - Conversas sobre o futuro profissional da estudante

PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou muito mais falador, ou às vezes tento puxar uma conversa e a minha filha raramente... ou tem uma conversa... eu acho que ela é um bocado mais fechada, eu puxo qualquer assunto e ela responde-me à pergunta logo com uma resposta para cortar logo a conversa. "sim, não, talvez" pronto, não desenvolve a pergunta que eu faço.” • “Gostava que fosse diferente, mas tenho de respeitar, é o feitio dela, mas eu já lhe disse...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há muitas conversas com a filha - Descontentamento com a dinâmica familiar
16 - Como passam os vossos tempos livres?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Agora por causa da pandemia passamos em casa, mas quando não temos pandemia vamos à praia, vamos passear, vamos aos bares...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vária atividades em família
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Como lhe disse passeamos os três ou vamos jantar...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Vária atividades em família
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu e o pai costumamos ir passear, muitas vezes vamos à praia. Ela leva o tempo no computador ou faz desporto e eu tenho também o quintal e as minhas flores.” • “Ela vai com as amigas e a gente vai sozinhos ou com outras pessoas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades entre o casal - Atividades individuais da estudante
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Tempos livres? A pessoa tem sempre o tempo ocupado, ou vou andar de bicicleta ou vou andar a pé, ou vai-se à praia.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco tempo livre disponível - Atividades individuais

	<ul style="list-style-type: none"> • “Antes das pandemias, ali tinha um restaurante nós íamos a casamentos e batizados e às festas” 	
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando ela teve esta parte da crise de ansiedade parei, porque ela não gostava de correr, mas gostava de andar por isso comecei a andar todos os dias com ela andar.” • “Somos aqui um bocado, chegadas uma à outra - é o mau de ser filho único!” 	- Atividades entre mãe e filha
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe isso é muito raro, muito raro. Eu não tenho muitos tempos livres eu sou aqui presidente do clube de futebol e não tenho assim muita disponibilidade, mas quando calha de vez em quando, fazemos aí um programazito.” 	- Pouco tempo livre disponível
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando ela não está a estudar, ou está em reunião, ou não está ocupada a trabalhar.... É assim, vocês estão sempre muito ocupados, tão sempre a fazer qualquer coisa.... “ • “Mas costumamos ver televisão, basicamente é mais isso que costumamos fazer juntos. Almoçamos quase sempre juntos, o jantar é que é mais complicado porque ela está a trabalhar, mas tentamos estar juntos quando pudemos.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca disponibilidade da estudante para os pais - Momentos em famílias tidos como importantes

PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós aqui em casa, é um pouco complicado os tempos livres porque os nossos tempos livres nunca são juntos porque a minha mulher tem um horário rotativo” 	- Pouco tempo livre disponível
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Olhe agora por exemplo estamos os 3 de férias... Vamos à praia no verão se for assim o caso” • “Vamos dar uma voltinha, ocupamos assim o tempo.” 	- Várias atividades em família
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós os três agora é muito raro, a gente ter alguma coisa.” • “De manhã vou andar de bicicleta à tarde, eu a minha mulher saímos... Eu normalmente quase todos os fins-de-semana digo à minha filha para "não queres vir com a gente?" e ela nunca quer, nunca vai... é raro, muito raro ela ir.” • “Ela nunca tem uma oportunidade para estar connosco ou tem de estudar ou não sei o quê... E depois.... Eu digo-lhe: "olha queres vir?" e ela diz: "não tenho de estudar", isto é um exemplo, que eu estou a dar, mas se aparecer uma volta com os amigos já não é preciso estudar. “ 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouca disponibilidade da estudante para os pais - Atividades individuais - Atividades entre os membros do casal
17 - Em que situações é que a sua filha procura a sua ajuda? (E conselhos?)		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela não é muito de pedir ajuda... ela prefere resolver as coisas sozinha... Ela tenta resolver os problemas dela sozinha.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução individual dos problemas - Desejo de poder ajudar a estudante

	<ul style="list-style-type: none"> • “Se é alguma coisa em que eu a conseguisse ajudar eu preferia e gostava que ela me pedisse ajuda, mas também há muita coisa que eu não a sou capaz de ajudar, como por exemplo na escola ou isso...” 	
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas normalmente ela quer sempre é ajuda a nível financeiro.” • “Agora pedir conselhos isso é mais com a mãe... Não costuma falar disso comigo.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Ajuda financeira - Divisão de papeis entre o casal
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela quando é alguma coisa... que quer comprar pergunta, quando precisa, quando - aí na Universidade - ela queria fazer uma viagem de curso à neve, que fazem mesmo parte do desporto ela pergunta à gente e nós ficamos preocupados, mas aceitamos e pronto...” • “Quando precisa de dinheiro para essas coisas, quando precisa de compras mais caras também pede porque diz que não quer ficar pobre - aquelas coisas de brincar, por exemplo um detergente ela prefere levar de cá e é isto assim... é quando ela procura mais.” • “Todos os dias falamos e não há assim nada em que ela precise de procurar a gente, sem ser estas coisas, porque lá também não lhe podemos dizer muito..” 	<ul style="list-style-type: none"> - Ajuda financeira - Poucas dificuldades relatadas pela estudante
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela não é muito de pedir conselhos, não é muito não.” • “A minha filha pensa pela cabeça dela, não vale a pena que ela é de ideias fixas como tal, só conta aquilo que ela está a pensar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia da jovem

MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando há qualquer conflito, ela primeiro dirige-se a mim antes de se dirigir ao pai. É logo direito a mim, depois eu, às vezes, é que digo ao pai e o pai sabe a maior parte do tempo devido a mim” 	- Proximidade relacional entre mãe e filha
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela sabe que eu não preciso de andar todos os dias de volta dela nem a chateá-la para ela saber que eu que estou cá e que estou presente.” • “Ela sabe que pode contar sempre comigo se ela necessitar que eu a aconselhe nalguma coisa ela sabe que está à vontade para me procurar.” 	- Disponibilidade para ajudar a jovem
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela só pede ajuda se estiver já muito aflita, ela é muito orgulhosa e pronto... só já nas últimas é que ela pede...” • “Se tiver um problema, primeiro tenta safar-se sozinha, e ela sempre assim foi, desde pequenina, não foi só quando entrou na Universidade... SEMPRE assim foi.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Autonomia da jovem - Resolução individual dos problemas - Traço de personalidade
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, às vezes pede conselhos a mim e à mãe, sim nós tentamos sempre aconselhá-la da melhor maneira apesar de ela, quando vir pedir um conselho já saber o que é que quer, mas ela diz; "ah pensei nisto, o que é que acham..." e nós dizemos: "sim" ou "vê lá...", mas normalmente quando ela pede um conselho já sabe o que quer fazer (risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem procura saber a opinião dos pais sobre as situações - Resolução individual dos problemas

	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, não, ela pedir ajuda ela é desenrascada, não é miúda de pedir ajuda assim...” 	
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Às vezes procura-me conselhos sobre as decisões que tem de tomar ou alguma situação... às vezes até mesmo com amigos ou assim...” • “Situações que se passam, que aconteceram, procura conselhos sobre o que é que eu penso, na situação dela o que é que eu faria.” 	- Jovem procura saber a opinião da mãe sobre as situações
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • Ahh... Não. Pelo menos os meus [conselhos] não [procura] (risos). 	- Jovem não pede conselhos ao pai
18 - Como se sente em relação à sua filha?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “A nossa relação é ótima! Quando estamos juntas nem parecemos que somos mãe e filha parecemos que somos duas irmãs” • “Ela vem para casa nos fins-de-semanas tenho de aproveitar ao máximo tê-la comigo e quero espalhar boa disposição quando estou com ela!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Cumplicidade entre mãe e filha - Mentalidade de recuperar o tempo perdido
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto-me feliz! Isso diz tudo! A nossa relação é muito boa, e agora ela tem os estudos dela, mas tirando isso a nossa relação está igual.” 	- Sentimentos de felicidade
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “A gente chega a uma altura, pelo menos eu, em que o objetivo de vida é ela e é fazer tudo por ela, não é deixarmos de a ir ver, mas se queremos ter uma coisa não podemos ter outra, não é?” 	<ul style="list-style-type: none"> - Dedicção à filha - Saudades da filha

	<ul style="list-style-type: none"> • “E eu não me sinto revoltada por isso, não. Mas é muita saudade, é muita saudade.... É o sorriso dela, é as brigas, é tudo, mas afeta muito os pais... a falta dos filhos em casa.” 	
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto-me bem, não tenho grandes problemas, estou sempre a ver o que é que vai ser do futuro dela, epá, e pronto isto são coisas que vão sendo e que vão vir...” • “Eu digo-lhe sempre até aos 26/ 27 anos tu tens de orientar a tua vida, essa é a altura de a gente orientar a nossa vida, depois disso olha...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de tranquilidade - Pai preocupações em relação ao futuro da filha
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que é uma miúda 5 estrelas (risos). Os pais dizem sempre bem dos filhos, não é? Mas pronto eu nunca tive nada que lhe apontar, ela nunca me falhou em nada, nunca me desapontou, em nada... Não tenho nada que lhe apontar.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu brinco com ela, mas se tiver de a chamar à razão, se tivermos de ter uma conversa temos e existe uma grande, uma excelente relação entre nós os dois, existe uma excelente relação de respeito mútuo e ela foi criada nisto.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Boa relação entre pai e filha
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto-me orgulhosa dela....” • “Eu acho que ela consegue alcançar os objetivos dela e isto é o mais importante.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Sentimentos de felicidade - Apoio presente

	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós estamos cá para a apoiar sempre, mas ela é feliz, nós também somos.” 	
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Não há outra palavra que não orgulho porque ela de tudo o que meteu na cabeça que queria fazer tem conseguido, e nós temos a apoiado em tudo, portanto não há outra palavra senão orgulho!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Apoio presente
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto que fiz um bom papel enquanto mãe porque gosto muito da pessoa em que ela se tornou e se está a tornar.” • “Sinto que ter feito sempre o que achei que era o melhor e creio ter tido um resultado muito muito muito positivo.” • “De alguma forma eu consegui dar um empurrãozinho na formação da personalidade dela, passando-lhe valores, dando-lhe conselhos e ajudas e ela está a tornar-se a pessoa que está e acho que estou bem com ela (sorriso).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimento de dever cumprido - Sentimentos de orgulho
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu às vezes gostava de saber certas coisas, para a tentar poder ajudar, mas também não me transmite.” • “Há algumas coisas que ela também é mais de falar com a mãe. O pai está sempre... à parte (riso).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Distância relacional entre pai e filha
19 - Sentiu que alguma coisa mudou na vossa relação desde da entrada dela na Universidade.		
Famílias de Estudantes Deslocadas		

MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, não porque ela foi para a Universidade e eu sempre lhe disse: " tu vais para a Universidade, morar para fora de casa, mas todos os dias me telefonas" e ela já está no segundo ano e ainda assim, todos os dias me telefona (Sorriso).” • “[Pedi que me telefonasse] Porque assim eu sei que ela está bem, sei se ela está doente, sei se ela já jantou.... Pronto eu gosto de saber estas coisas...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Preparação da ida da estudante para a Universidade - Manter o contacto com a filha - Continuação das funções como cuidadora da filha
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “A nossa relação está igual.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Não estamos tanto tempo juntas, eu sinto muito a necessidade de a abraçar (chora), ainda há bocado lhe disse "Vá dá-me um abraço assim por trás" ou então tocar-lhe, só tocar-lhe com o dedo.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, está tudo na mesma. Ela está sempre a chatear nunca está nada à vontade dela (sorriso).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, não, continua igual.” • “Ela cresceu, a parte da ansiedade ela diz-me "mãe não podes ser assim" - mãe isto, mãe aqui. Ela às vezes até me dá me lá umas dicazinhas!” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas - Crescimento pessoal da jovem
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Na Universidade não, foi antes.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança na relação deu-se na adolescência

	<ul style="list-style-type: none"> • “A partir do momento em que ela entrou ali no secundário porque ela em pequenina andava sempre comigo, andava sempre atrás de mim, mas a partir de uma certa altura começou a ter as amigas e os amigos dela e não sei quê, pronto deixou de me acompanhar tanto, também começou a ter outra idade.” 	
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Não! Eu acho que não... É igual, ela continua a fazer as mesmas coisas, por exemplo, se tiver de vir mandar a sua graçola vem... Continua a mesma não houve assim muitas mudanças” 	- Não foram relatadas mudanças
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Ela era muito reservada mesmo como miúda era muito reservada, mesmo connosco, e acho que espevitou um bocadinho com a Universidade.” • “De resto está tudo igual.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de novas competências - Maior abertura da jovem para fala com os pais
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Pronto temos aquele tal afastamento porque ela precisa de mais tempo para as coisas dela e antes da Universidade não.” 	- Afastamento da filha
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não também não, é igual!” 	- Não há mudanças relatadas
20 - Sente que o vosso papel enquanto pais é diferente desde que a vossa filha ingressou na Universidade?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		

MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Não... Ela vem de 15 em 15 dias a casa e eu continuo a fazer-lhe exatamente as mesmas coisas que eu fazia quando ela morava cá... Faço o comer, passo a roupa dela, penteio lhe o cabelo...” 	- Não há mudanças relatadas
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que não, o nosso papel é o mesmo, digo eu... Não me acho diferente!” 	- Não há mudanças relatadas
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Com certeza, eu não estou tão presente, mas também não mudou muito. É só a presença. Estou sempre preocupada com ela, todos os dias a ligar a perguntar se ela precisa de alguma coisa, era o mesmo que a gente fazia cá só não há a presença.” 	- O papel de mãe é encarado como diferente uma - Manter o contacto com a filha
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Não é o mesmo, é o preocupar-me é o arranjar dinheiro para ela gastar (risos) e arranjar comida para ela levar.” 	- Não há mudanças relatadas
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, acho que é igual. Se ela tivesse de cá para outro sítio, para Lisboa ou para outro sítio e não viesse a casa... Mas como digo, ela está sempre em casa?” • “Já não tenho tanto de chamá-la - não preciso de a mandar estudar, não preciso de... antes sabia de exames e testes, eu agora nem sei os nomes das cadeiras, não preciso de me preocupar com nada que ela nem precisa... nem sei que aula é que ela tem isso por acaso foi uma coisa que mudou.” 	- Não há mudanças relatadas - Delegação da responsabilidade escolar para a estudante

PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “É, lá está a evolução natural.” • “É natural - cada etapa da vida dos filhos e dos pais sejam diferentes umas das outras, não é? e levam numa altura a uma aproximação mais efetiva, noutra altura haverá provavelmente haverá um afastamento derivado a essas razões que já falamos atrás em que há amizades novas, há namoros, há essas coisas todas.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Mudança do papel de pai consoante o nível de desenvolvimento da filha - Boa relação entre pai e filha
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		
MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que o meu papel é igual... desde que ela era bebé até agora... Mãe é mãe independentemente, porque assim todas as idades têm uma fase diferente, portanto o meu papel é igual.” • “É apoia-la sempre cada vez que ela precisa... E se tiver de lhe dar um raspanete, também lhe dou à mesma porque é igual...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas - Apoio presente
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Não! Eu acho que o papel de pai é sempre igual, é sempre dar o nosso melhor.” • “Sei que ela agora precisa de mais apoio e a gente tem-lhe dado. Mas acho que no sentido de ser pai não.... É o mesmo desde que ela era miúda é o ela estar bem e conseguir aquilo que quer e nós apoiarmos...E acompanha-la no seu crescimento.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas - Apoio presente
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não o meu papel de mãe será sempre o meu papel de mãe, de ajudar a minha filha em tudo aquilo que eu conseguir, portanto eu estou cá 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas - Apoio presente

	na mesma qualidade, na mesma vertente, na mesma perspetiva de sempre tentar ajudá-la o mais possível, portanto continua igual.”	
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, eu para mim considero que está tudo na mesma da minha parte.” 	- Não há mudanças relatadas
21 - Sente que a entrada da sua filha na Universidade teve impacto na vida da vossa família?		
Famílias de Estudantes Deslocadas		
MD1	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que foi... Como é que eu vou explicar.... (silêncio) ... foi mais as saudades (lágrimas) porque ela estava em casa todos os dias e depois vinha à sexta feira e abalava ao domingo e ficava sempre aquela saudade durante a semana....” • “Isto é mesmo sentir a falta de a ter comigo... Mas vocês vão crescendo, custa sempre um bocadinho aos pais....” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Impacto causado pela distância
PD1	<ul style="list-style-type: none"> • “O impacto, para mim, foi bom porque ela sempre quis entrar na Universidade. E isso foi bom. Mas por exemplo para a avó dela foi mais difícil, custou-lhe mais um bocadinho. Elas viam-se todos os dias desde de quando ela era pequenina.” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Adaptação à Universidade estende-se a toda a família
MD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Foi mesmo a saudade de não a termos junto, é a falta mesmo dela, mas depois ela está cá dois ou três dias e a gente já está... Eu já estou farta de a ter cá... Ela desarruma-me tudo! (Risos)” 	<ul style="list-style-type: none"> - Saudades da filha - Impacto causado pela distância - Sentimentos de ambivalência quando a jovem regressa a casa

	<ul style="list-style-type: none"> • “E depois o pai diz assim, afinal tu queres ela cá e está cheia de saudades depois já a queres que ela vá?” Mas pronto, isto é coisas de mães e filhas, mas nós temos um bom relacionamento e esta é a base de uma família... É o amor!” 	
PD2	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu para mim isto é uma coisa normal, que eu sempre tive em mente que ela tinha de ingressar no Ensino Superior e como tinha em mente isso, foi uma coisa normal!” 	- Perceção de normalidade sobre o ingresso no Ensino Superior
MD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós já estávamos à espera.” • “Eu estava mesmo convencida que ela que ia entrar.” • “Não foi assim, porque como eu já tinha preparado a casa, já tinha comprado tudo” 	- Preparação da ida da estudante para a Universidade
PD3	<ul style="list-style-type: none"> • “Teve, teve impacto mais na minha mulher, ela vive muito as situações e fica sempre muito preocupada e nervosa com... e a filha está longe, e ela come e não come, como é que ela está ou como é que não está.” • “A própria saída dela de casa, para nós também foi uma coisa que nos deu... que nos abalou de certa forma. Porque a presença dela assídua aqui em casa depois de repente deixamos de a ter aqui em casa...” 	- Mãe teve mais dificuldades de adaptação - Impacto causado pela distância
Famílias de Estudantes Não Deslocadas		

MND4	<ul style="list-style-type: none"> • “Todos nós ficámos orgulhosos quando ela entrou na Universidade” • “Houve família que tinha e podia entrar e a vida deu voltas e as pessoas não conseguiram entrar e o ela conseguir entrar foi um orgulho e em termos disto... Ah as despesas também são maiores, são MUITO, maiores..., mas ela ficou cá e tem outros benefícios que se calhar se fosse para fora não iria ter” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Capacidade de proporcionar à filha uma oportunidade que não teve - Impacto financeiro ao nível dos gastos
PND4	<ul style="list-style-type: none"> • “O impacto? Em termos de ela ter entrado foi orgulho porque ela na nossa família foi a primeira a entrar na Universidade, só aí já foi para a família toda uma coisa de muito orgulho.” • “De resto teve algum impacto financeiro, infelizmente ela não tem direito a bolsa, nós ganhamos muito bem e não temos despesas (ironia).” 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Impacto financeiro ao nível dos gastos
MND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que foi um impacto positivo, porque toda a gente, ela do lado do pai é a neta mais velha, portanto foi aquele <i>tcha</i> ela entrou na Universidade, do meu lado não sendo a neta mais velha, quando eu digo neta é porque estou a falar por parte dos avós, ficaram super felizes, super contentes, toda a gente ficou e os pais ficaram radiantes porque ela entrou e foi um impacto muito positivo para todos.” • “... os tios, ambos são formados, têm cursos superiores, portanto eles compreendem de outra forma. Eu não tenho, nem o pai... Eles 	<ul style="list-style-type: none"> - Sentimentos de orgulho - Mobilização de toda a família para ajuda a estudante - Tios com o papel de auxiliar os pais a compreender a vida universitária

	<p>compreendem de outra forma aquilo que ela sente e vive nesta experiência. Eles têm ali um papel importante para ela... Eles compreendem de outra forma.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Para mim às vezes parece que não acho jeito que seja assim, e eles sabem que é assim porque andaram lá... compreendem de outra forma.” 	
PND5	<ul style="list-style-type: none"> • “Da minha parte não, do meu ver não houve impacto nenhum. Eu continuo a ser igual, continuei a fazer as coisas que fazia, continuo a ser o mesmo, que era antigamente e que sou agora e continuo a fazer aquilo que eu quero e a fazer a minha vida normalmente como fazia antes de ela estar na Universidade.” • “Ela está diferente... Acho que tem mais responsabilidade pronto com a Universidade, tem de estudar mais tem de se aplicar mais. Eu também nunca lhe disse nada, ela aplica-se porque quer e eu noto que ela se aplica de mais, pronto...” 	<ul style="list-style-type: none"> - Não há mudanças relatadas - Mais responsabilidade da estudante - Mais dedicação da estudante

